DOCUMENTO HISTÓRICO

PLACAR

N.º 850-A 12/SETEMBRO/1986 Cz$ 17,00

EDIÇÃO DOS CAMPEÕES

Todos os campeões estaduais do Brasil em 1986, suas campanhas e seus artilheiros

GRÁTIS
21 POSTERS, SUPERPOSTERS E POSTERS GIGANTES

ACRE, ALAGOAS, AMAPÁ, AMAZONAS, BAHIA,
CEARÁ, MARANHÃO, MATO GROSSO, PARÁ, PARAÍBA,
PERNAMBUCO, PIAUÍ, RIO GRANDE DO NORTE,
RONDÔNIA, RORAIMA E SERGIPE: Cz$ 23,50 — 0563

Você está escalado para se divertir a valer!

Chegou *Jogando com Placar*, uma revista gostosa e diferente, com mil passatempos esportivos pra você curtir.

Jogando com Placar desafia você a mostrar tudo o que sabe sobre esportes, seja futebol, basquete, vôlei, automobilismo... E o gostoso é que você faz isso brincando.

Jogando com Placar tem palavras cruzadas, testes, jogos de erros e memória, caça-palavras e diversão que não acaba mais.

E não se preocupe: as respostas estão sempre no fim da revista, para você checar os resultados, avaliar seus conhecimentos e renová-los a cada edição.

Entre para o time de *Jogando com Placar*. Um lançamento com a qualidade da Editora Abril.

Nas bancas

LANÇAMENTO DA EDITORA ABRIL

TESTES

Descubra quem são os técnicos em negativo

DIVERSÕES

O palhaço que virou craque e outros entretenimentos

PLACAR

CARO LEITOR

Duas grandes preocupações povoaram o pensamento de Ricardo Corrêa Ayres, 20 anos, nas últimas semanas. Como palmeirense, sua vontade era que o time finalmente acabasse com os dez anos de jejum de títulos. Como responsável pelo arquivo e produção de fotos de PLACAR, onde trabalha desde 1981, seu desafio era o de conseguir, de cada sucursal e de cada correspondente da revista, os posters dos times campeões estaduais de 1986 para esta edição. Não foi uma tarefa fácil: desde o dia 26 de maio, quando o primeiro clube levantou o título — o CRB, em Maceió —, Ricardo iniciou uma longa jornada atrás de 21 fotos e da identificação de mais de 230 jogadores campeões. Na noite de 3 de setembro, finalmente, sua missão estava terminada. Ele só não conseguiu a foto do campeão piauiense — cujo torneio só terminará depois da Copa Brasil — e teve de mandar, ainda que contrariado, a foto da Internacional de Limeira para a gráfica — em vez de seu sofrido Palmeiras.

Mário Sérgio Della Rina

SERGIO BEREZOVSKY

Ricardo: fotos e sofrimento

SUMÁRIO

Internacional, campeã paulista	4
Flamengo, campeão carioca	8
Atlético, bicampeão mineiro	12
Santa Cruz, campeão pernambucano	16
Bahia, campeão baiano	19
Grêmio, bicampeão gaúcho	22
Coritiba, campeão paranaense	28
Criciúma, campeão catarinense	32
Operário, campeão sul-mato-grossense	39
Ceará, campeão cearense	44
Confiança, campeã sergipana	48
Sobradinho, bicampeão do Distrito Federal	50
Nacional, tetracampeão amazonense	54
Desportiva, campeã capixaba	57
Alecrim, bicampeão potiguar	60
Goiás, campeão goiano	64
Botafogo, campeão paraibano	67
CRB, campeão alagoano	70
Remo, campeão paraense	73
Sampaio Correa, tricampeão maranhense	78
Operário, bicampeão mato-grossense	81

UM NOVO GRANDE

Pela primeira vez na história do futebol de São Paulo, um time do interior chega ao título — e com todos os méritos

LEVI MENDES JR

Ao estrear no Campeonato Paulista, dia 23 de fevereiro — ironicamente perdendo para o Palmeiras por 3 x 1 —, a Internacional, de Limeira, tinha apenas o desejo de ficar entre os cinco primeiros colocados e garantir, desse modo, sua presença no Campeonato Brasileiro. Àquela altura, ninguém ainda sonhava com a fantástica façanha de ser campeão paulista. Uma glória única: em 84 anos de disputa, jamais uma equipe do interior arrebatara o título no Estado.

HISTÓRICA BATALHA — Por isso tudo, era mais que justo o verdadeiro êxtase que se via no vestiário do Leão — como a torcida gosta de chamar a Inter —, já na madrugada de quinta-feira passada, depois da histórica batalha contra o Palmeiras, no Morumbi. "Sonho não: é um milagre", exultava o prefeito de Limeira, Jurandy Paixão, um dos quase 5 000 fanáticos que foram até a capital acompanhar a grande decisão.

Em Limeira, distante 160 km de São Paulo, acontecia um carnaval de 200 000 foliões, a população da cidade, que já se orgulhou de ser a "Capital da Laranja". Hoje, o lugar vive o ufanismo da bola, especialmente nos pontos de encontro tradicionais dos leoninos: a churrascaria do Zelão, o café do Japonês e o bar do Mário, todos na Praça Toledo Barro, epicentro da convulsionada festa.

SEGREDOS DA BOLA — Era dali que os torcedores acompanhavam a brilhante campanha do time no regional. O primeiro passo foi a contratação do técnico José Macia, o Pepe, 51 anos, um incorrigível contador de histórias, que aprendeu os segredos da bola quando formava um ataque fantástico no Santos, ao lado de Dorval, Mengálvio, Coutinho e Pelé. "Vamos jogar feijão com arroz", anunciou no dia da apresentação aos jogadores. "Só que vamos botar um temperozinho apimentado", gracejou.

A base estava formada. Já eram do clube o goleiro Silas e a equilibrada defesa, formada pelos jovens laterais João Luís e Pecos, ambos de 24 anos, e pelo experiente zagueiro Juarez, 30 anos, cuja boa técnica se completava perfeitamente com o vigor e a determinação de Bolívar, 31 anos, um gaúcho que está em Limeira há seis anos e se tornou uma espécie de líder do grupo.

No vital setor de meio-campo, Pepe encontrou o incansável Gilberto Costa, 28 anos, pulmão do time e ▷

A torcida da Inter, no Limeirão: o Leão da Paulista em verdadeiro êxtase

SERGIO BEREZOVSKY

O incansável e batalhador Gilberto Costa na primeira partida da final: Morumbi calado

INTERNACIONAL

"Só precisamos de união", pregava sempre o técnico Pepe

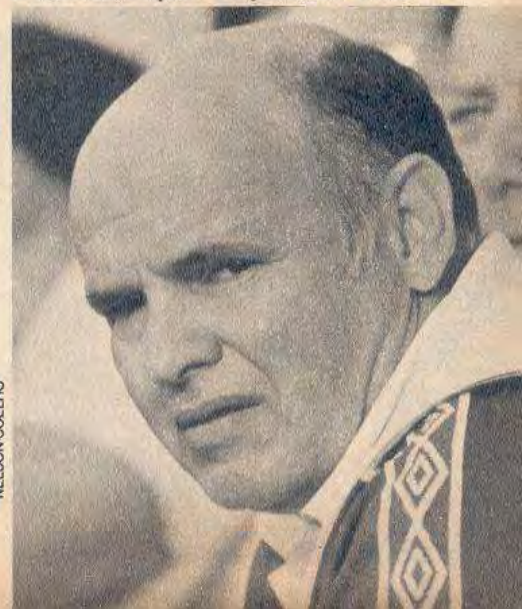
dono de um chute fortíssimo. Ao lado dele, João Batista, meia experimentado apesar dos 24 anos, e Lê, 21 anos, talento promissor, que também sabe trabalhar com eficiência pelas pontas, além de Carlos Silva, 27 anos, que o próprio Pepe havia lançado no Santos, em 1979. No ataque, o treinador encantou-se com o futebol incisivo e veloz do ponteiro-direito Tato, 21 anos. "Ele e João Luís têm potencial para chegar à Seleção", prevê Pepe.

GOLEADOR DE GRAÇA — Faltava o condimento. E o principal deles, o artilheiro Kita, veio praticamente de graça, emprestado pelo Internacional gaúcho com o passe fixado em 400 defenestradas ORTNs (cerca de Cz$ 43 000) e que agora será vendido com um enorme lucro para o time. O toque que faltava ao meio-campo foi dado com a contratação de Manguinha, 29 anos, emprestado pelo Náutico até o final do ano. Vieram ainda o lateral-esquerdo Paulo Omar (Internacional-RS), o polivalente meia Tonho (Grêmio) e os irmãos Gilcimar (Bahia) e Gílson Gênio (Bangu). O elenco se completava com um ótimo banco de reservas: o goleiro Marcus, Vílson Cavalo, Alves, Ronaldo, Kleber, Claudinho, Donizete e Marquinhos.

Grupo formado, Pepe tratou de colocar em prática seu esquema. "O futebol é simples", ensinava a cada treino. "Não é necessário dar aulas táticas ou brincar com bonequinhos. Só precisamos de união e confiança." Foi atendido no primeiro item — na Internacional, todos os prêmios são divididos, até por quem não concentra — e o segundo foi conseqüência dos bons resultados que se seguiram.

No primeiro turno, a meta inicial, de manter uma boa colocação na tabela, foi eficazmente obtida, com grandes exibições como as vitórias contra o Paulista (4 x 0) e a Portuguesa (3 x 1), alternando-se com fracassos, como a derrota para o São Bento (1 x 2) em casa. Mas a estréia no returno — vencendo o Santos por 3 x 0 no dia 25 de maio — marcou uma irresistível arrancada da Laranja Mecânica caipira.

TAÇA DOS INVICTOS — Já plenamente adaptada às convicções de Pepe, das quais o único arroubo tático é o trabalho do meio-campo — com Gilberto Costa exercendo as funções de líbero avançado e João Batista e Manguinha se revezando na cabeça-de-área —, a Internacional decolou. Colecionou 17 partidas sem derrota e arrebatou a Taça dos

O técnico Pepe: "Feijão com arroz"

NELSON COELHO

Invictos, que estava em poder do Santos há dois anos. Encerrou sua participação com 49 pontos (o que a tornou campeã pelo aposentado sistema de pontos corridos), o maior número de vitórias (18), o menor de derrotas (sete), o melhor ataque (53 gols), uma das melhores defesas (30) e, de quebra, o artilheiro do campeonato, Kita, então com 21 gols. Nas semifinais, venceu duas vezes o Santos (2 x 0 e 2 x 1) e depois superou o Palmeiras na batalha final, mesmo jogando no Morumbi.

NELSON COELHO

O ponta Lê, na semifinal contra o Santos: jogadores que os paulistas aprenderam a admirar

COMOVENTE UNIÃO — "O título foi apenas a confirmação de que fomos mesmo os melhores", afirma o treinador Pepe, alçado às alturas de verdadeiro notável limeirense, tão importante quanto o major José Levi Sobrinho, que deu o nome ao estádio e merece a gratidão da cidade por ter levado o primeiro pé de laranja para a região. O brilhante êxito consagrou ainda heróis como Kita, Gilberto Costa, Bolívar, Tato, Juarez... Na verdade, todo o time. Afinal, a Internacional só chegou lá devido à comovente união de todo o elenco, exatamente como previra Pepe. "Ainda somos um time do interior", desculpa-se o enlouquecido presidente Vitório Marchesini. "A diferença é que, agora e para sempre na história, somos um time campeão."

Ari Borges

CAMPANHA

Para chegar ao título de campeã paulista, a Internacional realizou 42 partidas. Venceu 21, empatou 14 e perdeu sete. Seu ataque marcou 59 gols e a defesa sofreu 32. A campanha:

Ponte Preta: 1 x 1 e 1 x 1
Ferroviária: 2 x 0 e 2 x 0
Juventus: 2 x 0 e 0 x 0
Corinthians: 1 x 1 e 0 x 1
Comercial: 2 x 2 e 1 x 0
XV de Jaú: 2 x 0 e 2 x 1
São Paulo: 0 x 0 e 1 x 5
Novorizontino: 0 x 1 e 4 x 1
Paulista: 4 x 0 e 3 x 2
Santo André: 1 x 1 e 1 x 0
Mogi-Mirim: 1 x 0 e 0 x 0
Santos: 0 x 1, 3 x 0, 2 x 0 e 2 x 1
Portuguesa: 3 x 1 e 2 x 1
Botafogo: 2 x 1 e 1 x 1
Guarani: 0 x 0 e 1 x 0
América: 1 x 1 e 0 x 0
São Bento: 1 x 2 e 0 x 0
XV de Piracicaba: 1 x 2 e 5 x 0
Palmeiras: 1 x 3, 1 x 0, 0 x 0 e 2 x 1

ARTILHEIRO

Kita

Oportunismo, raça e gols. Com esta receita, João Leithardt Neto, um gaúcho de Passo Fundo e 28 anos (6/1/1958) conhecido por Kita, transformou-se em anjo e demônio. A auréola ele ganhou da torcida da Internacional a cada gol marcado. Dos adversários, pelos mesmos 24 motivos, mereceu respeito e temor. Desengonçado, do alto do seu 1,85 m, com 83 kg, Kita é antes de tudo um otimista: "Eu sempre aposto em mim", costuma repetir para explicar sua incrível eficiência na dura tarefa de marcar gols. Aposta e ganha. Artilheiro do time e do campeonato, Kita agora sonha mais alto. Quer ser vendido para um time grande, disputar o Campeonato Brasileiro e consagrar-se de modo definitivo. Ninguém duvida de que ele vai chegar aonde quer. Nem Limeira, onde o artilheiro deixará muita saudade.

INTERNACIONAL — CAMPEÃ PAUL

ISTA DE 1986 PLACAR

Em pé: Silas, Bolívar, Pecos, João Luís, Manguinha e Juarez; agachados: Tato, Gilberto Costa, Lê, Kita e João Batista

IRRESISTÍVEL PAIXÃO

Com raça e determinação, a nova geração de rubro-negros veste a camisa e leva o time a seu 22.º título

RICARDO BELIEL

O título de campeão carioca de 1986 brilhantemente conquistado pelo Flamengo pode não ser resultado do futebol altamente técnico de outras equipes que o clube apresentou ao longo de sua gloriosa história. Mas é, certamente, um dos mais significativos porque marcou a ascensão de uma nova geração de craques.

Foi graças a esses bravos garotos que o Mengo chegou lá. Foram eles, com sua garra, determinação e aplicação tática, que fizeram a imensa galera esquecer, ainda que por momentos, o nome de seu maior ídolo — Zico.

Presente em apenas quatro partidas do campeonato, o Galinho viu florescerem jovens talentos como Bebeto, Júlio César, Aílton, Aldair, Zé Carlos e Vinícius. Sócrates, então, entrou em campo com a camisa vermelha e preta apenas uma vez nesta temporada. E outros craques veteranos — como Adílio, Leandro, Cantarele e Mozer — passaram a maior parte do tempo contundidos.

CARLOS FENERICH

Bebeto, astro-rei: "embaixadas" delirantes

Quem viu a primeira rodada do certame carioca, no ensolarado domingo do dia 16 de fevereiro, imaginou um ano de glórias fáceis para o Flamengo. Afinal, estavam em campo Cantarele, Jorginho, Leandro, Mozer e Adalberto; Andrade, Sócrates e Zico; Bebeto, Chiquinho e Adílio. Um time de craques. Um clássico divino: Fla 4 x Flu 1.

A FORÇA DA MÍSTICA — Foi realmente um começo auspicioso. Pena que Zico, Sócrates, Leandro e Mozer se tenham apresentado, no dia seguinte, ao técnico Telê Santana para se integrar à Seleção Brasileira. Ao contrário do que se esperava e desejava, essa convocação trouxe momentos angustiantes para a imensa nação flamenguista — o drama que viveu Zico com as seguidas contusões, a operação de Mozer, o afastamento de Leandro e a operação de Sócrates, após a Copa. Tudo conspirava contra.

A ruidosa comemoração dos flamenguistas: euforia longe da Gávea há quatro anos

Parecia que pouco ou nada restaria daquele time que um dia chegou ao título de campeão mundial, há cinco anos. Mas foi aí que despertou, com toda a sua força, o que o Flamengo tem de mais caro: a mística que leva a torcida e os que o defendem a superarem todo e qualquer obstáculo. Essa fé encarnou no espírito do time e — principalmente — no baianinho Bebeto.

Depois de perder a Taça Guanabara para o Vasco por 2 x 0; de começar o returno com um sofrido empate diante do modesto Goytacaz (1 x 1); e de uma derrota para o arquiinimigo Botafogo (1 x 2), a equipe levantou a cabeça e sacudiu a poeira. O que os garotos estavam derrotando era, na verdade, o descrédito. Afinal, pesava sobre seus principais craques — Zico e Sócrates — toda a culpa pelo fracasso do Brasil na Copa do México.

A arrancada definitiva veio mesmo no segundo Fla-Flu do ano. O clássico do dia 13 de julho marcava mais uma tentativa de Zico em provar que estava recuperado. Um drama: durante os 7 minutos iniciais, o time acompanhou perplexo ▷

a nova contusão do ídolo, que, parado em campo, assistia ao baile tricolor.

Da perplexidade ao delírio, porém, foi um passo. O time se recuperou depois da saída de Zico, definitivamente fora do resto do torneio. E o batalhador Marquinho fez o único e decisivo gol da suada vitória. Era o ponto de partida para a irresistível caminhada até o título.

Faltava ainda superar o Vasco e seu ataque trio elétrico (Romário, Roberto Dinamite e Mauricinho), o mais positivo. Era uma nova prova de fogo para o Flamengo. Perder significava ver a Taça Rio ir para as Laranjeiras, o que daria ao Fluminense a chance de tentar o tetracampeonato. O Vasco entrou com tudo nesse jogo, fez 2 x 1 e parecia brincar com a atônita garotada rubro-negra.

Sem Zico e outros veteranos, os garotos viraram guerreiros

Isso até o sensato técnico Sebastião Lazaroni, aos 32 minutos do segundo tempo, colocar o desconhecido Alcino no lugar de Vinícius. Esta substituição mudou o rumo da partida. Veio o empate, num pênalti chorado pelo adversário. Roberto foi expulso e Júlio César levou o time à vitória consagradora (3 x 2). Com a Taça Rio na mão, o Mengo ganhou não só direito de ir à final com o já combalido Vasco como saiu com a vantagem de um ponto extra por ter somado o maior número de pontos em todo o campeonato.

A semana que antecedeu a decisão foi marcada por uma verdadeira guerra de nervos. Acusações de parte a parte, vetos a juízes. E, como não podia deixar de ser, muita superstição em campo. Bebeto, por exemplo, recusava-se a posar junto com o vascaíno Romário para fotos, alegando temer o azar. "Toda vez que concordei em fazer esse tipo de foto, perdi", disse. "E gato escaldado tem medo de água fria, né?"

FORNADA TALENTOSA — Mas a base para a consagração foi mesmo o trabalho artesanal e paciente do estreante Lazaroni. Sem nunca lamentar a contusão de um veterano, ele dava a cada menino a confiança necessária. Com isso, quem entrava, às vezes fora de sua verdadeira posição, ia para campo seguro e apoiado pelos companheiros.

Foi o caso do também

RICARDO BELIEL

Duelo final: o vigor do vascaíno Paulo Roberto e a eficiência de Aldair

SILVIO VIEGAS

O centroavante Vinícius: vestindo a sagrada camisa 10, do herói Zico, e abrindo espaços

baiano Aldair, lançado para cobrir a ausência de Mozer na quarta-zaga. Lazaroni sacou-o dos juniores e ele não saiu mais do time. Seu estilo simples mas supereficiente agradou a todos na Gávea. Até quando foi deslocado, na partida final, para a lateral-esquerda — por causa de uma contusão de Adalberto — brilhou.

Não é toda hora que os deuses do futebol premiam um clube com uma fornada tão talentosa e raçuda como esta que desponta na Gávea. Do goleiro ao ponta-esquerda, o time é raça só. Mas não se pode esquecer que empurrando toda essa juventude está a apaixonada e eletrizante torcida rubro-negra, um espetáculo à parte na história dessa emocionante conquista.

No Maracanã, em Caio Martins ou em São Januário, lá estavam as faixas, os hinos, a cantoria, os fogos e rolos de fumaça vermelha e preta. A nação deixou bem claro para os garotos que atrás deles havia um país chamado Flamengo.

José Antônio Gerheim

ARTILHEIRO

Bebeto

A galera rubro-negra viu confirmadas suas esperanças. José Roberto Gama de Oliveira, baiano, 22 anos, simplesmente Bebeto, enfim desabrochou. Do garoto mimado que preocupava todos na Gávea, até há bem pouco tempo, quase nada restou. O Bebeto de agora, artilheiro do time, com 15 gols, é um guerreiro.

Dono de um futebol arisco, cheio de garra e muita técnica, Bebeto enlouqueceu o Maracanã. Com seus dribles e gols, comandou o Flamengo na vitoriosa luta pelo título de campeão carioca.

Baiano de Salvador, Bebeto se revelou nos juniores do Vitória, há três anos. Quando veio para o Flamengo, logo foi convocado para a Seleção de Juniores que foi campeã mundial no México, em 1983. De lá para cá, só tem aprimorado seu estilo de finos toques e muitos gols.

CAMPANHA

A conquista da Taça Rio (returno) garantiu o time na decisão. Dos 25 jogos disputados, o Flamengo venceu 15, empatou sete e perdeu apenas três. O ataque marcou 45 gols e a defesa sofreu 17. Seus resultados:
Fluminense: 4 x 1 e 1 x 0
Portuguesa: 4 x 0 e 5 x 0
Botafogo: 2 x 0 e 1 x 2
Mesquita: 3 x 1 e 3 x 1
Americano: 1 x 1 e 2 x 2
Olaria: 2 x 0 e 2 x 1
América: 2 x 0 e 2 x 0
Campo Grande: 2 x 0 e 1 x 1
Bangu: 0 x 1 e 1 x 1
Goytacaz: 1 x 1 e 1 x 0
Vasco: 0 x 2, 3 x 2, 0 x 0, 0 x 0 e 2 x 0

FLAMENGO — CAMPEÃO CARIOCA

DE 1986

PLACAR

Em pé: Leandro, Zé Carlos, Aldair, Jorginho, Andrade e Guto; agachados: Bebeto, Adílio, Aílton, Vinícius e Marquinho

FOTO: CARLOS FENERICH

ATLÉTICO

BICAMPEÃO MINEIRO 1985/86

GALO IMPLACÁVEL

Com uma campanha irretocável, o time de Nunes e Éverton sofreu apenas duas derrotas em 30 jogos e fez uma festa antecipada

AMANCIO CHIODI

A volta olímpica no Mineirão, com João Leite à frente e o resultado da última goleada ao fundo: time unido e até com craques no banco

"Vamos, pessoal. Mostremos a eles que somos capazes." Invariavelmente, o ténico Ílton Chaves e o supervisor Warley Ornellas escreviam frases assim no quadro-negro do restaurante da concentração e na balança dos vestiários da Vila Olímpica, estádio do Atlético.

"Essas frases sempre ajudam", explica o treinador. Além delas, ele fez questão de uma vela acesa na sala da comissão técnica durante todo o Campeonato Mineiro. "Dá sorte", garante.

Não foi, porém, à base de velas e frases de estímulo que o Atlético venceu brilhantemente o certame deste ano. O resultado apareceu, sobretudo, dentro do campo. Afinal, nos 30 jogos disputados, a equipe venceu 21, empatou sete e perdeu apenas dois. Tranqüila, acabou com nove pontos à frente do Cruzeiro, eterno rival e segundo colocado.

Ainda no começo do ano, o presidente Nélson Campos decidiu fazer uma série de contratações. Até 1985, o Atlético havia conquistado oito títulos em nove anos. No entanto, quis mais: de uma só vez, trouxe o centroavante Nunes (500 000 cruzados), o meio-campo Zenon (800 000), o meia Renato (700 000) e o lateral Paulo Roberto (400 000). Foram, à época, os mais caros reforços negociados por clube brasileiro.

MUITA GENTE — Chegou também à Vila Olímpica o técnico Ílton Chaves. Logo no primeiro dia de trabalho, viu a sua frente mais de 60 jogadores. Com este elenco, ele fez uma rigorosa triagem. No fim, quatro jogadores foram vendidos e 33 emprestados. Em seguida, Chaves trombou com outro obstáculo. Saudável, desta vez, mas difícil.

Havia craques demais. Na verdade, já estavam na Vila Olímpica João Leite, Nelinho, Luizinho, Paulo Isidoro, Éverton (artilheiro do campeonato de 1985 com 18 gols) e Elzo (considerado o melhor jogador do ano passado em Minas Gerais). Além disso, havia dois formidáveis garotos revelados na equipe de Juniores. O ponta-direita Sérgio Araújo e o ponta-esquerda Edivaldo, que retornava de um empréstimo ao Taquaritinga (SP) e mais tarde seria convocado por Telê Santana para a Copa do México.

Não bastasse esse elenco, o Atlético contava ainda com Reinaldo e Éder. Nesses dois casos, porém, o clube preferiu liberá-los. Reinaldo foi para o Rio Negro, de Manaus, com o passe na mão, e Éder acabou vendido ao Palmeiras. Atritos na renovação de contrato distanciaram os dois jogadores do time.

O Atlético parecia uma máquina. A estréia, no entanto, não ▷

FOTOS AMANCIO CHIODI

A euforia do bi no gramado do Mineirão: Luizinho, à frente, e seus companheiros

ATLÉTICO

A arrancada teve início com a escalação de Zenon e Renato

---

comprovou a suspeita. Com os novos contratados fora de forma física, a equipe apenas empatou com o América, por 1 x 1, na reinauguração do Estádio Independência, aos olhos de Telê. O técnico, por sinal, foi embora com queixas. "Isso não é futebol", criticou. Ainda na segunda rodada, contra o Nacional, em Uberaba, aconteceu outro empate por um gol. Não era hora da arrancada. Os jogadores se acertavam.

DEFESA COMPLETA — Com a estréia de Zenon e Renato na quarta rodada, o time deu o primeiro sinal de que não deixaria o bicampeonato escapar-lhe das mãos. Impôs uma goleada ao Fabril, por 8 x 1, já exibindo um meio-campo compacto e seguro, e um ataque veloz e oportunista. Àquela altura, a defesa estava completa: João Leite, Nelinho, Batista, Luizinho e João Luís. Após levar um gol em cada jogo até a quarta rodada, demonstrou grande eficiência e ficou invicta até o final do primeiro turno. O goleiro João Leite permaneceu 1 090 minutos sem ser batido.

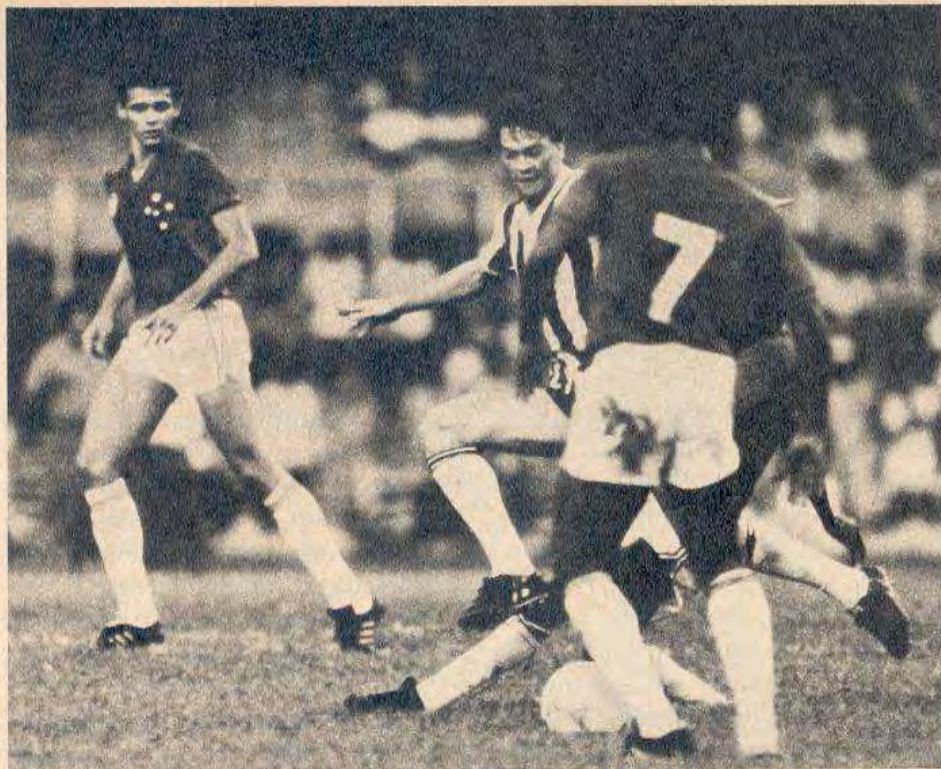
Nunes só teve condições de entrar no time a partir da quinta partida. E teve início, então, uma cordial batalha entre ele e seu companheiro Éverton pela artilharia do campeonato. A cada jogo, ambos arrebentavam a boca do balão. Prova maior dessa salutar competição foi que, no final, ambos tinham assinalado 45 dos 69 gols do Atlético — Nunes 26 e Éverton 19. Nunes, por sinal, incluiu-se entre os três maiores goleadores do Atlético em todos os tempos *(ver quadro do artilheiro)*.

A convocação de Elzo para a Seleção Brasileira obrigou o técnico Ílton Chaves a mudar o esquema do time. Ele recuou Paulo Isidoro para a posição de volante e armou a equipe-base do título. Aos poucos, Zenon se transformou numa espécie de maestro no meio-campo. Armava grande parte das jogadas pela direita aproveitando os avanços do veterano Nelinho, 35 anos e um míssil nos pés, e o pique e a velocidade do ponta Sérgio Araújo. O Atlético conquistou o primeiro turno com cinco pontos de vantagem sobre Uberlândia e Cruzeiro, ambos em segundo lugar.

SEM QUADRANGULAR — Aos jogadores do Atlético, contudo, não interessava apenas o triunfo num turno. O ideal era vencer também o returno e evitar a necessidade de um quadrangular decisivo. Disposição era o que não faltava. "Os jogadores mostraram garra", avalia João Leite. "E, sobretudo, estavam unidos."

De fato. Mesmo com craques como Renato e Paulo Isidoro na reserva, nunca houve problema de ambiente no clube. "Forçar a entrada tumultua qualquer time", disse Renato. Aliás, ele esperou e sua oportunidade veio com a convocação de Edivaldo para a Seleção. Com a camisa 11, o ex-jogador do Botafogo (RJ) foi peça fundamental nas partidas decisivas do segundo turno. Embora seja meia-direita, não reclamou ao ser improvisado na ponta.

Na verdade, o Atlético também foi beneficiado pela crise que abalou o Cruzeiro. Mesmo com contratações como Jorge Mendonça, o clima na Toca da Raposa foi dos

Zenon (braços para o alto): **o maestro do time**

Éverton, meio-campo e vice-artilheiro do Galo, com 19 gols: arrasando o Cruzeiro

piores nesta temporada. O time não se encontrou. No returno, havia ainda uma esperança. O técnico Procópio foi demitido e Jair Bala entrou em seu lugar. Para alívio da massa atleticana, no entanto, ele não conseguiu formar uma equipe competitiva.

DOIS TROPEÇOS — Com o Cruzeiro em crise, a preocupação do Galo voltou-se para o Uberlândia, a terceira grande força de Minas Gerais. Pontificou, ainda, o Fabril, modesto time da cidade de Lavras. Conduzido pelo incansável Filpo Núñez, o "El Bandoneón", assustou os adversários na segunda fase do campeonato e permaneceu oito jogos sem perder. E foi exatamente contra Uberlândia (3 x 0) e Fabril (1 x 0) que o Atlético sofreu suas únicas derrotas.

"Contra o Uberlândia, no Parque do Sabiá, nada deu certo", recorda Ílton Chaves. Pior ainda foi tropeçar no acanhado Estádio Juventino Dias, em Lavras. Em cima do Atlético, o Fabril tornou-se a fugaz sensação de fim do certame. Desastres, entretanto, acontecem com os melhores times.

O JOGO FATAL — Na reta final, o Atlético mostrou decisivamente todo o seu potencial. Goleadas por quatro ou cinco gols tornaram-se comuns. Ao vencer o Cruzeiro, por 1 x 0, a três rodadas do encerramento do campeonato, o Atlético levou sua enorme torcida ao delírio. "É campeão, é campeão", bradavam os torcedores pelas ruas de Belo Horizonte. Alguns mais fanáticos acreditavam que o clube estava chegando ao eneacampeonato. O caso do título de 1984, vencido pelo Cruzeiro e questionado na Justiça Desportiva pelo Galo, ainda não está resolvido. E os atleticanos somam os títulos consecutivos como se o caso já tivesse sido solucionado. O sonho é alcançar o América — decacampeão mineiro de 1916 a 1925.

O Atlético, finalmente, fez uma festa digna de um bicampeão. Comemorou a presença de Elzo e Edivaldo (os dois únicos jogadores de Minas Gerais) na Seleção, sua campanha arrasadora e algumas façanhas, como as de João Leite e Nunes. Foi, de fato, uma impecável maratona de 30 jogos em 102 dias.

Zinho Siqueira

ARTILHEIRO

Nunes

Depois de uma discreta permanência no Santos, em 1985, Nunes ressuscitou em Minas Gerais. Comprado pelo Atlético no início deste ano, ele se transformou no artilheiro do time e do campeonato com 26 gols.

João Batista Nunes de Oliveira, 32 anos, baiano de Feira de Santana, participou de 25 dos 30 jogos disputados pelo time. Se tivesse entrado antes da quinta rodada do turno inicial, talvez pudesse alcançar a marca de Mário de Castro, um lendário goleador do Galo, autor de 27 gols em 1927. E até mesmo o maior artilheiro de Minas em todos os tempos — Dario, também do Atlético, que assinalou 30 gols em 1969.

Nunes, o Matador, reviveu no Atlético suas fases de ouro no Santa Cruz e Flamengo. "Faço gols para sempre ser lembrado", avisa.

CAMPANHA

Para chegar a seu nono título em dez anos, o Atlético Mineiro disputou 30 partidas, em dois turnos simples. Ganhou 21, empatou sete e perdeu duas. Marcou 69 gols e sofreu apenas 14. Eis os resultados:

América: 1 x 1 e 1 x 1
Nacional: 1 x 1 e 4 x 0
Uberaba: 3 x 1 e 0 x 0
Fabril: 8 x 1 e 0 x 1
Uberlândia: 1 x 0 e 0 x 3
Valério: 1 x 0 e 2 x 0
Villa Nova: 3 x 0 e 1 x 0
Democrata-GV: 1 x 0 e 4 x 0
Democrata-SL: 0 x 0 e 2 x 0
Guarani: 4 x 0 e 2 x 2
Cruzeiro: 2 x 0 e 1 x 0
Caldense: 4 x 0 e 3 x 1
Esportivo: 2 x 0 e 6 x 0
XV de Novembro: 4 x 0 e 1 x 0
Tupi: 2 x 2 e 5 x 0

ATLÉTICO — BICAMPEÃO MINEIRO 1

Em pé: João Leite, Nelinho, Vandinho Uberaba, Luizinho, Batista e João Luís; agachados: Sérgio Araújo, Éverton, Nunes, Zenon e Renato

FOTO: AMÂNCIO CHIODI

JOGOS MEMORÁVEIS

O tricolor do Recife alcança seu 19.º título numa campanha dramática e cheia de lances de heroísmo

O Estádio da Ilha do Retiro, no Recife, foi um palco privilegiado neste Campeonato Pernambucano. Ali aconteceu uma das maiores goleadas da história do clássico Sport x Santa Cruz. Um 5 x 0 lamentável para o tricolor. Ali, também, foram canonizados os goleiros do Santa: "São" Birigüi e "São" Luís Neto, responsáveis por defesas monumentais e heróis do 19.º título de campeão conquistado pelo Santa Cruz.

Foram partidas memoráveis. Como a do chuvoso domingo de 25 de maio, quando o Santa enfrentou seu arqui-rival Sport pela quarta vez no certame. O jogo valia o título do segundo turno. Naquele dia, nada dava certo para o tricolor. No primeiro tempo, já perdia de 2 x 0 e estava sem seu melhor jogador, o ponta-direita Marlon, expulso. No segundo tempo, outra expulsão logo aos 5 minutos. Pensou-se até em simular contusões ou provocar mais expulsões até que se tivesse menos de sete jogadores em campo. Mas o técnico Waldemar Carabina não permitiu a manobra e a goleada só foi aumentando.

A verdade é que, campeão do primeiro turno, o Santa tinha relaxado. Afinal, sua vaga na decisão estava garantida. Mas a "tragédia" não foi esquecida e o treinador caiu. Em seu lugar, foi contratado

FOTOS JOSENILDO TENORIO

O ponta Marlon: sensação do Santa, desnorteava as defesas adversárias com a rapidez de seus dribles e firulas

o carioca Moisés, ex-Bangu. Sua chegada coincidia com a vinda de outro carioca, o tricampeão Carlos Alberto Torres, para o Náutico, no lugar de Mário Juliato.

O Santa havia começado o campeonato com vários reforços — o centroavante Washington, o lateral Lóti, o atacante Ataliba, o ponta Tiziu, o atacante Jarbas e o zagueiro Ivã —, mas, com Moisés no comando, vieram mais alguns jogadores: o meio-campo Murilo e os juvenis Valdemir e Clóvis. Com o time reestruturado, o Santa foi passando por seus adversários, nem sempre com boas atuações.

"São" Birigüi: canonizado na final por suas inacreditáveis defesas contra o Sport

AGRADÁVEL GOLEADA — Mas a decisão do primeiro turno, num jogo extra com o Sport, foi inesquecível. Partida dramática na Ilha do Retiro, com o Sport abrindo o marcador. O empate só veio no segundo tempo, resultado que provocou uma prorrogação que também terminou igual. Nos pênaltis, o Santa converteu três (Rômel, Marlon e Neto), enquanto o goleiro Luís Neto defendeu dois e teve a sorte de ver o terceiro ser chutado para fora.

Depois disso, o Santa caiu de produção. O Sport não. Sob o comando do veterano campeão pernambucano Ênio Andrade — ganhou os títulos de 1976 (Santa Cruz), 1977 (Sport) e 1984 (Náutico) —, conquistou o segundo turno.

Para o terceiro turno, o Santa partiu com tudo. E conseguiu. Chegou ao final como campeão, levando na bagagem uma agradável goleada de 4 x 0 no Náutico. Mas, para chegar ao título, teve de dobrar o surpreendente Central de Caruaru em seu próprio reduto.

O Central abriu a contagem no primeiro tempo, mas o Santa empatou no segundo graças ao carrasco Jacozinho. Veio a prorrogação, nada de gols. Novamente uma decisão por pênaltis. Desta vez, "São" Birigüi defendeu o chute de Jorge Vinícius e o Santa venceu por 5 x 4, nos pênaltis.

"Ali, ganhamos o campeonato", acredita o festejado goleiro. Marco Antônio Gomes, 28 anos, o Birigüi, repetiu o milagre quatro dias depois, num dramático 0 x 0 com o Sport, e garantiu as faixas. Mas a grande conquista teve também outros heróis.

O arisco ponta-direita Marlon, artilheiro do time, e o meia Rômel, por exemplo, que sofreu uma distensão na partida final. Ele passou a se arrastar em campo, no segundo tempo, quando já haviam sido feitas as duas substituições permitidas. "Tentava dar um pique, mas ▷

RICARDO AZOURY/F4

O carioca Moisés: sabor de revanche na estréia como técnico campeão

Moisés devolveu o título "roubado" por Ênio em 1985

não conseguia", recorda Rômel.

Todos esses contratempos e mais o avassalador bombardeio que o Sport promoveu no gol de Birigüi chegaram a abalar a fé do técnico Moisés. Lembrou outro momento da temporada em que não só a torcida ficou desconfiada quanto à conquista do título. Foram os sofridos 5 x 0 diante do mesmo Sport. "Ali ficamos um pouco chocados", confessa o cabeça-de-área e capitão do time Zé do Carmo, 25 anos.

O que importa, de qualquer modo, é que o Santa conquistou seu 19.º Campeonato Pernambucano. Para sua apaixonada torcida, a façanha teve um sabor todo especial pela batalha ter sido no terreno inimigo e no Dia dos Pais — o Sport é conhecido como o "Papai da Cidade".

Para Moisés, então, a festa era completa. Afinal, há pouco mais de um ano, o mesmo Ênio Andrade (então treinador do Coritiba) havia-lhe roubado a Taça de Ouro ao derrotar seu Bangu em pleno Maracanã. Agora, foi sua vez de devolver a "cortesia".

Lenivaldo Aragão

ARTILHEIRO

Marlon

Maior ídolo da torcida tricolor, o ponta-direita Marlon tornou-se o artilheiro do Santa Cruz, com dez gols. Dono de um drible fácil e rápido, além de rara habilidade nas jogadas de linha de fundo, o paulista Marlon Roniel Brandão, 23 anos (1,70 m e 66 kg), veio para o Recife há menos de dois anos. Revelado pelo Marília, de sua terra natal, logo se transferiu para o Matsubara, do Paraná, pelo qual disputou a Taça São Paulo de juniores. Dali acabou no Guarani, ainda como amador. Foi campeão brasileiro de juniores pela Seleção Paulista, ao lado de Sídnei, Mauricinho e Heitor. Mas não conseguiu firmar-se na equipe de Campinas. Foi parar no Esportivo de Bento Gonçalves, em 1984, de onde veio para o Santa, em 1985. De sua inspiração dependem as atuações do tricolor, pelo qual já marcou 30 gols em jogos oficiais.

CAMPANHA

O Santa Cruz realizou 29 partidas. Venceu 16, empatou sete e perdeu seis. Seu ataque marcou 45 gols e a defesa levou 23. Os resultados:

Paulistano: 3 x 0 e 3 x 0
Central: 0 x 0, 3 x 0, 1 x 0, 0 x 0, 2 x 2, 2 x 0 e 1 x 1
Sport: 1 x 2, 2 x 2, 1 x 1, 0 x 1, 0 x 5, 1 x 1, 2 x 0 e 0 x 0
Sete de Setembro: 2 x 0, 3 x 0, 2 x 0 e 2 x 0
Náutico: 1 x 2, 1 x 1, 4 x 2, 1 x 2, 0 x 1 e 4 x 0
América: 2 x 0
Atlético: 1 x 0

SANTA CRUZ — CAMPEÃO PERNAM

Em pé: Lula, Zé do Carmo, Birigüi, Marco Antônio, Ivã e Lóti; agachados: Jarbas, Marlon, Neto, Rômel e Tiziu

BUCANO DE 1986

FOTO: JOSENILDO TENÓRIO

VENCER OU VENCER

Fiel a seu lema, o tricolor de "Titio" Fantoni passou como um furacão por cima de seus adversários e arrepiou a galera

SÉRGIO BEREZOVSKY

Bahia, um campeão unido em todos os momentos: bem-sucedido equilíbrio entre novos valores e craques experientes

Fundado na madrugada de 1.° de janeiro de 1931, com a fusão dos departamentos de futebol de dois clubes sociais de tradição em Salvador, o Bahia ganhou uma inscrição até hoje fixada em seu escudo — "Vencer ou vencer". Depois de 55 anos, não tem sido diferente. As gerações que suaram a camisa tricolor durante todo esse período edificaram uma grande história. Afinal, o time já conquistou 35 vezes o título de campeão baiano, proeza superada apenas pelo ABC, do Rio Grande do Norte.

Assim, a conquista do Campeonato Baiano de 1986 não passa de uma confirmação do antigo lema. O desfecho deste ano, por sinal, já era previsível desde o início do certame. Na madrugada de 1.° de janeiro — numa coincidência com a data de surgi- ▷

CARLOS CATELA

O técnico Fantoni, como há dez anos: vencedor e nos braços dos jogadores

Na madrugada, o presidente contrata novos reforços

mento do clube —, o presidente Paulo Maracajá não dormiu direito. Não foi por causa dos festejos de ano-novo. Ele tentava um telefonema para o presidente da Catuense, em Alagoinhas. Feita a ligação, 10 minutos depois o Bahia havia gastado 1,2 milhão de cruzados. Em compensação, comprara o ponta-de-lança Bobô e o lateral-direito Zanata, assegurando ainda o empréstimo do lateral-esquerdo Alcir.

PRIMEIRO GOLPE — Ainda fora de campo, o arquiinimigo Vitória sofrera o primeiro golpe. Os dirigentes do rubro-negro tinham deixado tudo acertado com a Catuense para a compra dos dois jogadores. E o Bahia chegou na calada da noite. Além dos três jogadores, Maracajá contratou mais seis reforços. Os atacantes Cláudio Adão, Rubens e Nenê, os meio-campistas Pires e Paulo Martins e o zagueiro Pereira. No total, o clube desembolsou 3 milhões de cruzados. Ao mesmo tempo, foram promovidos três juniores: os atacantes Zé Carlos, Marcelino e Sousa.

Por trás de tudo isso, estava um velho conhecedor das belas-artes do futebol. Aos 66 anos, o técnico Orlando Fantoni, chamado de "Titio" pelos jogadores, estava de volta ao Bahia dez anos depois. E disposto a aplicar os mesmos métodos utilizados para alcançar o título de 1976. "O segredo é equilibrar juventude e experiência", proclamava desde o começo do campeonato. Mais tarde, Fantoni recordaria os juniores que lançara naquela época: Zé Augusto, Jorge Campos, Alberto Leguelé e Washington Luís. E efetivou Perivaldo. "Este ano, foi ainda mais fácil montar o time", compara. "Minhas opções foram maiores."

Dois reforços, pelo menos, deixaram o velho treinador muito satisfeito. O centroavante Cláudio Adão e o lateral Zanata. A dupla se entrosou de tal forma que a maioria dos gols de Adão — artilheiro do certame *(ver o quadro)* — saíram de lançamentos feitos por Zanata, um jogador agressivo e exímio cruzador. "Os adversários sempre esperavam os lançamentos para Bobô, repetindo uma jogada que fazíamos na Catuense, mas eu procurava Cláudio Adão", confessa o lateral.

O AGRESSIVO ZANATA — A volúpia de Zanata em ir para o ataque causou-lhe até um atrito com Estevam, capitão do Bahia, num jogo com o Leônico, no segundo turno. "Eu mando no time, me respeite", gritou o zagueiro-central ao ver o companheiro avançando em demasia. O lateral fez que não ouviu. E o resultado foi uma derrota de 2 x 1 e uma rigorosa advertência aos dois jogadores feita pelo presidente Maracajá.

Pior que isso, no entanto, foi a sensação que passou a predominar entre os jogadores quando sentiram que o título estava fácil. Pelo menos em duas ocasiões houve nítido desleixo: num 0 x 0 com a ABB, no primeiro turno, e em três empates consecutivos, no segundo. Maracajá, com um olho no triunfo final e outro em sua candidatu-

ARTILHEIRO

CLÁUDIO ADÃO

No Bahia, não foi diferente. Cláudio Adão deixou outra vez sua marca de goleador, a exemplo do que fez em todos os clubes pelos quais já passou. Ele assinalou 27 gols e tornou-se o segundo artilheiro em campeonatos baianos desde 1971 — data em que o Estádio da Fonte Nova foi reinaugurado. Só não ultrapassou Douglas, que marcou 32 gols pelo Bahia, ainda em 1971.

Cláudio Adalberto Adão, centroavante, 30 anos, é fluminense de Volta Redonda. Jogou em grandes clubes como Santos, Flamengo, Vasco e Fluminense. "Em todos, sempre deixei meu rastro", afirma.

No início deste ano, o Bahia decidiu investir alto para tirá-lo do Rio de Janeiro. Ele alugou o passe ao clube e passou a receber 48 000 cruzados mensais, incluído o aluguel de um apartamento no bairro de Itaigara, em Salvador. "Valeu a pena", diz o presidente Paulo Maracajá.

SÉRGIO BEREZOVSKY

A vibração da torcida tricolor: cores e bandeiras em homenagem a um time que já conquistou 35 títulos regionais

ra a deputado estadual pelo PTB, reuniu o elenco e deu uma enérgica bronca. "O homem não perdoou ninguém", recorda um jogador. "Falou durante uma hora e criticou um a um. Não foi brincadeira."

O efeito, sem dúvida, foi positivo. Campeão de dois turnos, desta vez o Bahia deixou seu maior rival bem distante. O Vitória acabou em terceiro lugar, atrás da Catuense. Mergulhado em crise, perdeu até mesmo o centroavante Ricky, goleador do campeonato de 1985.

No confronto direto, ambos os times se enfrentaram oito vezes. O rubro-negro, que sonhava com um bicampeonato, conseguiu apenas uma vitória. Perdeu cinco e empatou duas com o Bahia. Após uma goleada de 5 x 0 para o tricolor, o médio-volante Bigu retratou seu desânimo numa breve frase: "Não agüento mais perder para o Bahia".

A facilidade ante seu maior adversário diminuiu as preocupações do Bahia. Na rota final do terceiro turno, o time acabou campeão com três rodadas de antecipação. Venceu a Catuense por 1 x 0 em partida disputada em Alagoinhas, numa quarta-feira à noite. E, no domingo seguinte, fez a festa em cima do maltratado Vitória. Houve empate de 1 x 1, é verdade, mas o resultado pouco interessava. Um trio elétrico já havia anunciado festa em frente à Igreja do Bonfim.

Washington de Souza Filho

CAMPANHA

O Bahia realizou 30 partidas. Venceu 19, empatou oito e perdeu apenas três. Seu ataque fez 54 gols e a defesa levou 16.

Os resultados:
Galícia: 1 x 0 e 2 x 0
Vitória: 3 x 0, 0 x 1, 2 x 1, 1 x 1, 2 x 0, 2 x 0, 5 x 0 e 1 x 1
Itabuna: 1 x 0 e 1 x 1
Botafogo: 1 x 0 e 3 x 0
Ypiranga: 3 x 2 e 1 x 1
Catuense: 0 x 0, 1 x 1 e 1 x 0
ABB: 1 x 1 e 5 x 1
Serrano: 1 x 0 e 0 x 1
Leônico: 1 x 0, 1 x 2 e 1 x 0
Fluminense: 0 x 0 e 5 x 1
Atlético: 6 x 1 e 2 x 0

BAHIA — CAMPEÃO BAIANO DE 198

Em pé: Chiquinho, Paulo Martins, Rogério, Zanata, Claudir, Alcir, Estevam, Rubens e Edinho; agachados: Xixarro (massagista), Marcelino, Mar

PLACAR

Marinho, Cláudio Adão, Zé Carlos, Bobô, Leandro, Nenê e Ronaldo

FOTO: SÉRGIO BEREZOVSKY

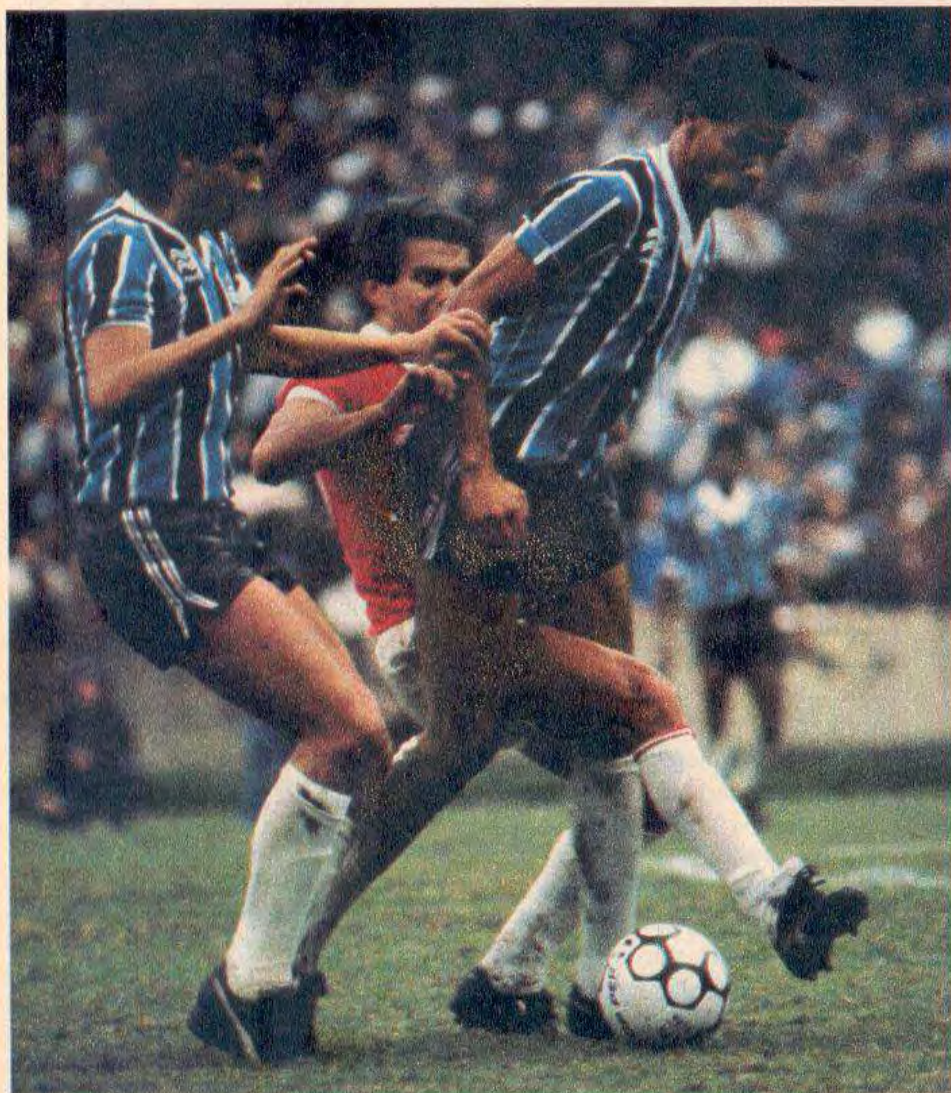
GRÊMIO

BICAMPEÃO GAÚCHO 1985/86

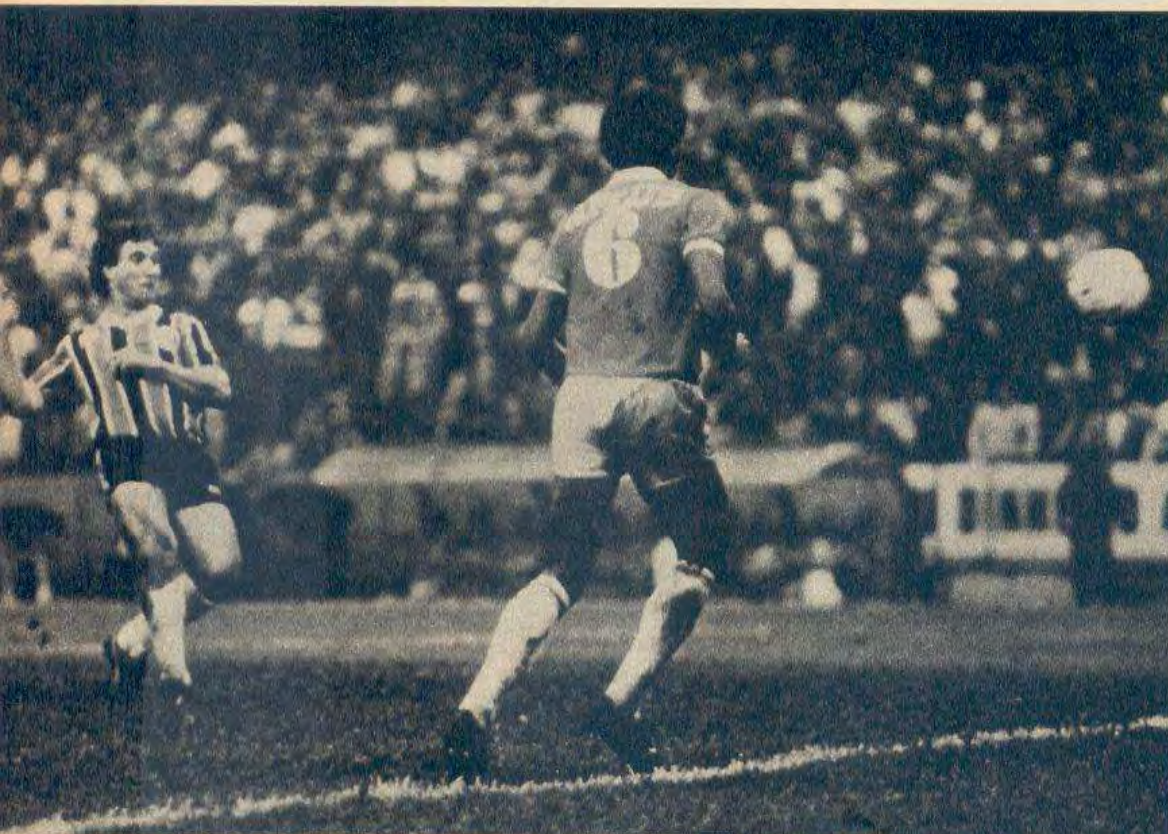
NUNCA FOI TÃO FÁCIL

O tricolor venceu o primeiro turno, descansou no returno e no quadrangular final passou como quis por todos os rivais

O Gre-Nal decisivo do último 20 de julho foi revelador. O gol do artilheiro Osvaldo garantiu um bicampeonato que nem o mais incrédulo torcedor gremista admitia perder, tal a diferença de qualidade entre uma equipe e outra. O Olímpico festejou naquela tarde chuvosa e fria do inverno gaúcho a clara demonstração de que o time da casa era bem superior ao arquiinimigo Internacional. Nenhuma dúvida sobrou para os 41 000 pagantes que viram Renato colocar a zaga colorada em pavor e ao mesmo tempo testemunhar a despedida triste de Rubén Paz, que até em bola errou.

O 24.º título na história do Grê- ▷

China e Luís Eduardo pressionam Rubén Paz: o Internacional não assustou

FOTOS LUIS ÁVILA

Estádio Olímpico, 20 de julho de 1986: o time inteiro comemora o gol de Osvaldo no Gre-Nal da decisão

O baixinho Osvaldo: um pequeno gigante presente nos momentos de definir um jogo

mio era, por ironia, um dos dois que faltavam ao estimado técnico Valdir Espinosa, homem que conquistou a Libertadores da América e o Mundial Interclubes de Tóquio, em 1983. Só lhe falta agora o de campeão brasileiro.

Por isso o grupo de jogadores discretamente sugerira seu nome no início do ano, logo que Rubens Minelli decidira inapelavelmente que não permaneceria mais no Olímpico. E o ano começou com problemas sérios de renovações. Valdo, Luís Carlos e China, por exemplo, revezaram-se inúmeras vezes nas salas dos dirigentes, mesmo que o clube estivesse sem dificuldades financeiras — a não ser os 6 milhões de cruzados pagos até hoje em parcelas referentes a encargos sociais.

CARROSSEL EM CAMPO — Uma rápida temporada na pequena cidade de Lajeado preparou a equipe que iniciou o campeonato sem China, mas com a invejável campanha de um empate e uma derrota em todo o primeiro turno.

O primeiro título gaúcho para o campeão do mundo Espinosa

O carrossel proposto por Espinosa dera certo. Luís Carlos não aceitara a função de centromédio, o que provocou uma inovação: Valdo, Bonamigo, Osvaldo e o próprio Luís Carlos tinham a tarefa de policiar a zaga em rodízio. O ponto extra do primeiro turno foi garantido com antecipação.

DIREÇÃO ENÉRGICA — Com a vaga assegurada no quadrangular final, Espinosa se deu ao luxo de novas experiências, como as entradas do centromédio João Antônio, do atacante Ortiz e o retorno comedido de China. Em campo, o centroavante Albeneir marcava seus gols com regularidade e só não se tornou o goleador do campeonato porque sofreu lesão, retornou mal, teve atritos com os próprios colegas e foi surpreendentemente emprestado, em plena competição.

O braço enérgico da direção complicou o ânimo do elenco, inconformado com a redução dos salários provocada pelo Plano Cruzado. Houve quem fizesse as contas: a continuar a sangria mensal nos pa-

Valdir Espinosa abraçado a Renato: técnico estimado, ponta-direita vingado

FOTOS LUIS ÁVILA

Caio Júnior ameaça a meta do Inter na partida final: não sobrou nenhuma dúvida sobre quem era o melhor time

gamentos, ao final do ano os jogadores estariam ganhando a metade do que previa o contrato. O time, diante de tudo, desacelerou turbinas, até porque estava com vaga garantida no quadrangular. O momento era do Internacional, que reagiu bem no returno, sem Rubén Paz, a serviço da Seleção do Uruguai na Copa do México. O Grêmio também perdera Valdo, convocado às pressas por Telê Santana — o mesmo homem que recusou o futebol de Renato e o mandou de volta ao Olímpico. "Eu nem pensava direito no Campeonato Gaúcho tal era a raiva dentro de mim", admitia o ponteiro. "Ele é humano, tinha de descarregar", justificava Espinosa.

Nem a eufórica condição de disputar o título com a dupla Gre-Nal foi suficiente para que Juventude e Novo Hamburgo ameaçassem o Grêmio, um time inabalável durante o quadrangular final, ordenado pela habilidade de Valdo e a força de um meio-campo eficiente com Bonamigo e Luís Carlos. O ponteiro Renato era imarcável. E o bicampeonato foi inevitável.

Jones Lopes da Silva

ARTILHEIRO

Osvaldo

Osvaldo Luís Vital, 27 anos (9/1/1959), com 1,70 m e 73 kg, iniciou a carreira na Ponte Preta e se transferiu para o Grêmio em 1982. Marcou 13 gols no campeonato, do qual foi vice-artilheiro com um gol a menos que Balalo, do Internacional.

O sucesso do Grêmio no Gauchão esteve intimamente ligado à boa fase do "baixinho" goleador. No primeiro turno, as conclusões oportunistas de Osvaldo deram o título ao tricolor. No returno, a equipe caiu de produção — não por coincidência, Osvaldo foi o jogador mais retirado da equipe no segundo tempo das partidas. "Sou um dos artilheiros e fico de fora", protestava ele. Espinosa, enfim, curvou-se às evidências. No quadrangular decisivo, Osvaldo colecionou gols em partidas decisivas. Como no Gre-Nal da final.

CAMPANHA

Foram 32 jogos, 23 vitórias, cinco empates e quatro derrotas. O melhor ataque do campeonato marcou 79 gols. A defesa sofreu 26. A campanha:

Internacional-SM: 2 x 1 e 2 x 0
Brasil: 1 x 0 e 3 x 1
Novo Hamburgo: 5 x 2, 3 x 3, 7 x 0 e 1 x 1
Esportivo: 3 x 0 e 4 x 0
Juventude: 2 x 1, 0 x 1, 2 x 0 e 4 x 0
São Borja: 2 x 0 e 2 x 1
Pelotas: 0 x 0 e 5 x 0
Bagé: 5 x 0 e 3 x 0
Internacional: 1 x 0, 1 x 3, 2 x 2 e 1 x 0
São Paulo: 3 x 1 e 1 x 3
Aimoré: 2 x 1 e 4 x 0
Caxias: 1 x 1 e 5 x 1
Santa Cruz: 1 x 3 e 1 x 0

GRÊMIO — CAMPEÃO GAÚCHO DE 1

Em pé: Mazarópi, Raul, Baidek, China, Luís Eduardo e Casemiro; agachados: Renato, Bonamigo, Caio Júnior, Luís Carlos e Valdo

FOTO: LUIZ ÁVILA

"Fui vítima de um perfume irresistível"

A.P.L. foi vítima de uma substância mágica. Ela foi entrevistada por nosso enviado especial e conta sua experiência.

"R.T.B.L. comemorava seus 21 anos; ela havia me convidado bem como a alguns outros amigos, e eu estava feliz em participar desta festa que deveria durar a noite inteira!
Desde o início da noite, havia notado por diversas vezes um estranho perfume... sensual, almiscarado, e fui atraída por este odor, entretanto não havia conseguido identificá-lo e muito menos descobrir quem o usava...
De repente, ao passar perto de um pequeno grupo que conversava ao redor de uma garrafa de vinho, aquele odor se definiu: era ele... aquele homem, bem próximo de mim, que usava este estranho perfume que inconscientemente eu procurava desde o início da festa.
Aproximei-me e um amigo ofereceu-me um copo, aproveitei a oportunidade para sentar-me bem perto daquele homem e fiz tudo o que pude para que ele me notasse.
Evidentemente, assim que tocou a primeira música lenta, ele me convidou a dançar... Aliás ele não dançava bem, mas rapidamente percebi que isto não tinha a menor importância para mim.

Um aroma que me perturbava profundamente

Assim que ficamos juntos, experimentei uma estranha sensação: daquele homem emanava um odor quente, sensual, tranqüilizante, uma fragrância que me perturbava profundamente. Ele me apertou ligeiramente contra ele... não reagi, deixei-me impregnar por aquele odor que não conseguia analisar: perfume? odor natural? Não sabia, entretanto aquele odor me atraia irresistivelmente.
Quando a música parou, fui procurar minha amiga... e perguntei-lhe quem era aquele rapaz que tanto me atraía.
Minha amiga disse rindo: "Ah! Você também... Não sei o que é que este cara tem, mas conquista todas as mulheres... Cuidado, ...!
Um pouco envergonhada, agradeci-

A.P.L. foi vítima de uma substância mágica. Ela foi entrevistada por nosso enviado especial e conta sua experiência.

lhe por seus sábios conselhos e fui em direção ao buffet, pensativa: "Será possível que um odor me deixe em tal estado? Não sei nada sobre aquele homem, fisicamente ele é um tipo comum, nem ao menos especialmente simpático... e sinto por ele uma atração que sou incapaz de explicar e muito menos dominar."

Um extraordinário poder de atração!

Então pensei: "Já ouvi falar com freqüência de odores mágicos que são usados para seduzir a pessoa que se deseja. Sei também que o amor nada mais é do que uma história de aromas e que é reconhecido que **são determinados odores que ativam a atração sexual e criam o desejo!"**
... Em todo caso eu só tinha um desejo: que ele me convidasse novamente a dançar para reencontrar aquela fragrância que me obcecava e não me deixava mais!
Ele me convidou outra vez para dançar e dei um jeito para que ele só dançasse comigo...
Então, enquanto tomávamos um aperitivo no terraço, não agüentando mais, perguntei-lhe inocentemente o nome de seu perfume... Ele sorriu e disse: "Não é exatamente um perfume que uso, ele não é encontrado no comércio, é uma substância que exalta meu próprio odor..."
E acrescentou: "Este odor te agrada?". Não respondi nada e abracei-me a ele.

Um acesso de desejo!

Quando ele me disse que queria me acompanhar até minha casa e que depois levaria meu carro, ouvi-me dizendo "SIM".
E quando em seu carro, senti bem forte seu estranho perfume e sua mão pousou em meu joelho, um acesso de desejo percorreu todo meu corpo...
Não me reconhecia mais, eu que me achava independente, quase feminista, mas em todo caso muito reservada e até mesmo pudica, levei para minha casa um homem que nem ao menos conhecia!
Neste exato momento tive a nítida impressão que estava "drogada" por aquele perfume... que não era um qualquer.

Não conseguia me controlar!

Nunca havià me visto deste jeito... Jamais havia sentido uma tal atração por um homem, o odor de sua pele, aquele odor quente, quase animal, me deixava boba. Não era capaz de descrever a sensação, nem a excitação que ele criava em mim.
Ele tinha consciência de seu poder sobre mim e tirou proveito... Às vezes ele passava uma semana sem dar sinal de vida, ou ainda pior, ele marcava encontros aos quais não comparecia.
... Entretanto eu aceitava tudo dele.
Assim que ele voltava e me apertava contra ele, seu odor me fazia um tal efeito que me deixava levar pelo desejo... Era mais forte que eu, não podia resistir.

Uma manhã compreendi tudo!

Um dia, por acaso, em seus pertences pessoais, descobri um pequeno frasco, sem rótulo... Abri-o, não era um perfume mas sim uma substância estranha, um pouco almiscarada, coloquei uma gota dela em minha mão e esfreguei-a como se fosse um perfume... O odor que exalou dela criou em mim uma sensação estranha... E de repente compreendi que era este o produto que ele utilizava. Este odor intimamente misturado ao dele provocava nas mulheres uma atração e um desejo sexual muito mais fortes do que sua vontade. **Eu havia compreendido tudo!**
Era preciso que eu fosse embora, rápido, bem rápido, antes que fosse tarde demais. Eu tinha sido vítima de um **perfume de atração!** ... Peguei o pequeno frasco e o escondi em minha bolsa..."
Este extraordinário perfume que provocou uma paixão e uma dependência sexual mais fortes do que sua vontade, está hoje disponível no Brasil.

ESTE PERFUME DE ATRAÇÃO É IRRESISTÍVEL

Há muito que, em todas as civilizações, são conhecidos e empregados os perfumes de atração, odores mágicos, conhecidos por suas virtudes afrodisíacas e por seu poderoso poder de sedução.
Existe atualmente uma substância terrivelmente eficaz que ao exaltar seu próprio odor, o tornará irresistível e despertará na pessoa que você deseja uma atração tão forte que ela não poderá se controlar... Atraída irrestivelmente por seu odor, ela só poderá lhe desejar e pertencer-lhe!... Poderoso "afrodisíaco" olfativo, este perfume de atração criará em sua parceira uma necessidade de amor e uma dependência que o farão conhecer um prazer que você hoje ainda não pode imaginar!

Mas atenção, este perfume é vendido apenas por correspondência, você não o encontrará no comércio.
Leia os testemunhais daqueles que o descobriram e já o utilizaram...

Tímido... no entanto
Confesso a você, sou tímido demais... e se não tivesse encontrado este Perfume, creio que ficaria sozinho para sempre... No primeiro dia que o coloquei conheci uma garota muito bonita e simpática... nunca mais nos separamos... Ela é louca por mim. Pela primeira vez em minha vida sou realmente feliz!
B.M.

...Mais "gata" do que nunca...
Desde o nascimento de nosso filho minha mulher não me dava muita bola. Não sabia mais o que fazer... Comprei este Perfume... não para drogar, mas para tentar "despertá-la" um pouco... Foi radical! Desde que passei a usar este Perfume ela está ainda mais "gata" do que no início de nosso casamento! É claro que eu não lhe disse nada!
J.L.

As mais belas garotas!...
Por curiosidade, encomendei neste verão um frasco de Philtre d'Amour e levei-o à praia... Jamais havia passado férias como estas... sem contar vantagem, conquistei as mais belas garotas do clube... Os amigos ficaram doentes de ciúmes! Não era eu quem as paquerava, eram elas que vinham me procurar... Bastava eu escolher.
P.B.

Você também logo conhecerá os poderes surpreendentes deste **"Perfume muito especial"**. Você também com seu odor pessoal misturado a esta substância "afrodisíaca", literalmente colocará sua parceira em "transe".

O único perfume que desperta o desejo!

Assim como este homem que seduziu a bela A.P.L., sem nem mesmo ter lhe dirigido a palavra, e que com este extraordinário **Perfume de Atração** criou nela um desejo e uma dependência incontroláveis.
Com Philtre d'Amour você logo verá com que facilidade seduzirá a mulher que deseja, até mesmo a mais inascessível. Assim que ela sentir seu odor não poderá lhe recusar mais nada, pois você fará nascer nela um desejo que ela não poderá mais controlar.
Você será aquele que seduz, que encanta, cujo perfume "deixa maluca" a mais reservada, a mais inascessível das mulheres!
Conforme diz A.P.L. com precisão: "O amor nada mais é do que uma história de odores e são determinados odores que despertam o desejo e o prazer!"

Você também será irresistível!

Sua parceira o ama primeiramente por seu odor. Seria errado querer eliminá-lo ou mesmo substituí-lo por qualquer outro perfume já que existe hoje em dia uma substância maravilhosa que ao exaltar seu odor natural o torna irresistível.
Então, não se prive do melhor da vida e saiba que assim que você tiver colocado sobre sua pele algumas gotas desta preciosa substância, sua parceira não poderá lhe negar mais nada, e vocês conhecerão a dois todo um universo de prazer!...

Aproveite esta oferta exclusiva!

Envie hoje mesmo o cupom abaixo e em alguns dias você receberá seu Philtre d'Amour em sua embalagem discreta sem marcas externas. Você só pagará se ficar satisfeito com os resultados uma vez que a experiência é gratuita! Então, não espere mais, peça hoje mesmo este perfume que colocará "em transe" a pessoa que você deseja.

Centro Panamericano de Marketing Direto
R. Joaquim Antunes, 1097 - CEP 05415 - SP

CONVITE PARA TESTAR UM "PHILTRE D'AMOUR" (por 60 dias) SEM NENHUM COMPROMISSO
garantia de satisfação ou seu dinheiro de volta!

a ser enviado ao:
Centro Panamericano de Marketing Direto
R. Joaquim Antunes, 1097 - CEP 05415, SP

☐ SIM, sua oferta para testar sem compromisso por 60 dias um "PHILTRE D'AMOUR" me interessa. Fica entendido que caso eu não fique completamente satisfeito com os resultados obtidos poderei devolver o frasco (mesmo vazio), no prazo de 60 dias, para receber todo o meu dinheiro de volta (menos despesas postais e de reembolso). Sem discussões e sem que nenhuma pergunta me seja feita. Sob esta garantia queiram enviar-me em embalagem lacrada e sem marcas externas:
_______ "PHILTRE D'AMOUR"
pelo qual estou enviando:
☐ Cheque ☐ Vale postal (Ag. Central - Cód. 400009) no valor de Cz$ 149,28 + Cz$ 6,70 para despesas postais, o que perfaz um total de Cz$ 155,98.
☐ Prefiro pagar "PHILTRE D'AMOUR" ao recebê-lo no correio ao preço de Cz$ 171,60 (mais as despesas postais). PL - 850 A

Nome: ....
Endereço: ....
Cidade: .... Tel.: ....
CEP .... Est.: ....

preencher à máquina ou em letra de forma

BOM DO BRASIL E DO PARANÁ

Há muito tempo o título no Estado estava engasgado na garganta alviverde. A chegada de Jorge Vieira resolveu tudo

A conquista do Campeonato Paranaense de 1985 deveria marcar a afirmação definitiva do Coritiba, grande campeão brasileiro. Mas de nada adiantou manter o mesmo elenco e o competente técnico Ênio Andrade. Desanimados, os coxas viram o arquiinimigo Atlético faturar o título, aumentando em mais um ano seu jejum iniciado após o bi de 1979.

Em razão disso, o presidente Evangelino Costa Neves, o popular ''Chinês'', velha raposa do futebol, resolveu agitar o ambiente. Reeditando as ousadias que caracterizaram seu comando na década de 70 — quando o clube faturou nada menos que oito títulos —, investiu 2,3 milhões de cruzados na compra de reforços. Assim, no começo do ano, seis jogadores de fama nacional desembarcaram em Curitiba: os zagueiros Newmar e André Luís, o meia Tostão, os pontas Geraldo e Ademir, e o centroavante Anselmo.

Houve muito entusiasmo no início do campeonato. O time arrancou com três vitórias — entre elas um gratificante 2 x 1 no Atle-Tiba —, mas logo em seguida levou ao desespero sua grande torcida. Foi abalado por uma série de tropeços e até goleado pelo modesto Matsubara, por 4 x 1, em pleno Couto Pereira. O Coritiba não conseguiu sequer classificação para o quadrangular decisivo do primeiro turno, o que provocou a queda do técnico Urubatão Calvo Nunes.

Acostumado a dirigir times pequenos em dificuldade, o autoritário Urubatão parece ter-se engasgado com o que, a princípio, chamava de filé mignon. Acusado de dialogar pouco e exigir muito, o treinador foi apontado pelos próprios jogadores como o principal responsável pelo fracasso inicial. ''O grupo perdeu a união'', testemunha o goleiro Rafael. ''Cada um queria resolver tudo sozinho, a cobrança da torcida era grande e ninguém acertava mais nada.''

O clima ficou ainda mais tenso na época da Copa do Mundo. Primeiro foi a frustrada expectativa da convocação do próprio Rafael. Depois veio o corte do jovem Dida, que havia participado dos amistosos da Seleção na Europa. Ao voltar ao clube, o lateral não escondia sua desmotivação. Ele seria obrigado a enfrentar estradas e campos do interior paranaense enquanto, no México, o Brasil se preparava para mostrar seu futebol ao mundo.

Preocupado com o abatimento geral, Evangelino convidou o experiente Jorge Vieira para colocar ordem na casa. O técnico foi assistir a um amistoso de seu novo time contra o inexpressivo Canoinhas, de Santa Catarina, e quase desistiu da dura missão. ''Apesar dos bons jogadores, não consegui ver nada naquela equipe'', lembra Vieira. ''Decidi que deveria começar tudo da estaca zero.''

De fato, aquele Coritiba não tinha nada a ver com o inesquecível esquadrão que levantou o inédito hexacampeonato, em 1976, guiado pelo próprio Jorge Vieira. Mesmo assim, o treinador arregaçou as mangas e partiu para o árduo trabalho de recuperação. O primeiro passo foi ▷

SÉRGIO SADE

"São" Rafael, o milagreiro: uma das peças fundamentais do time

FOTOS SÉRGIO SADE

Suca, o valente gaúcho, o maior símbolo de garra na extraordinária reação coxa

CORITIBA

Nas finais, a força da camisa falou bem mais alto

acabar com os excessos de estrelismo. Depois de ficar uma manhã inteira acompanhando a atividade frenética do departamento médico, anunciou que não haveria mais desculpas de contusão para evitar treinamentos. No dia seguinte, todos os jogadores participaram de uma longa caminhada pelas alamedas do Parque Barigui. Por outro lado, ele procurou defender ao máximo os interesses do elenco, como na renovação de contratos dos veteranos Almir e Marco Aurélio. Considerados dispensáveis pela diretoria antes de sua chegada, Vieira exigiu a permanência de ambos.

AULAS TÁTICAS — Os coxas começaram a ressurgir nas mãos do técnico. ''Ele ganhou a moçada com sua tranqüilidade e educação'', garante Tostão, figura apagada no primeiro turno. O meia, que cresceu muito nas outras fases do torneio, recorda ainda a importância das aulas táticas ministradas por Vieira em seu campo de botões. ''Os resultados apareceram naturalmente'', afirma o ex-cruzeirense.

Assim, com novo moral e muita garra, o Coritiba classificou-se para o quadrangular do segundo turno sofrendo apenas uma derrota, por 1 x 0, frente ao Pinheiros. Aliás, o time da Vila Guaíra foi uma verdadeira pedra no sapato dos coxas. Já havia vencido no turno inicial pelo mesmo marcador e mantinha um tabu de dois anos de invencibilidade diante do alviverde.

SONHO AMEAÇADO — Mais ameaçador que nunca, o Pinheiros surgiria novamente no caminho do Coritiba. Após conseguir um empate em casa (1 x 1), o rival foi decidir o quadrangular no Couto Pereira, no dia 10 de agosto. Uma vitória do time dirigido por Geraldo Damasceno — que foi o campeão do primeiro turno — acabaria com os sonhos de Jorge Vieira. No final, porém, outro empate (1 x 1) manteve acesas as esperanças da torcida, garantiu a conquista do segunto turno e a realização de uma melhor

O centroavante Índio: gols decisivos contra o Pinheiros, maior rival

de três pontos entre as duas equipes. "Ali sentimos que o título estava mais para o nosso lado", comenta Suca, ao lembrar as contusões de Rafael e Anselmo durante a partida. "Eles não tiveram 'camisa' para aproveitar a situação", diz o gaúcho que simbolizou a garra de todo o time.

Suca estava com a razão. Já no primeiro confronto pela final, valeu a maior tradição dos coxas. O centroavante Índio, de pênalti, marcou aos 32 minutos, Rafael fez os seus já conhecidos milagres e o tabu chegava a seu fim. "Eles pareciam ter enxertado outro pulmão", afirmou Marinho, capitão do Pinheiros, atônito diante do empenho do adversário.

A torcida alviverde em festa: comemoração de um campeonato que parecia distante

SEDE DE TÍTULO — Se no campo inimigo os jogadores do Coritiba haviam lutado como leões, no Couto Pereira — perante 30 000 apaixonados torcedores — o ritmo prometia ser mais forte ainda. "Hoje temos de dar tudo, nos transformar em 20, 30 dentro de campo", exigia o zagueiro André Luís nos vestiários. Desde os primeiros minutos, o Pinheiros parecia entregue diante da sede de títulos dos coxas. Tentou apelar para a violência, mas até nisso deu azar. De duas faltas cometidas sobre o ponta Geraldo nasceram os gols que liquidariam a sorte do jogo ainda no primeiro tempo. Suca cobrou ambas para as cabeçadas precisas de Tostão e Índio.

Depois, só foi preciso fazer a bola rolar para delírio da eufórica galera alviverde. Quando a torcida se preparava para invadir o gramado, Ademir marcou o terceiro e definitivo gol, sacramentando o 28.º título da história do clube. Agora, pelo menos até a decisão da Copa Brasil, ninguém é maior que o Coritiba, campeão do Brasil e do Paraná.

Roberto José da Silva

CAMPANHA

O time não foi bem no primeiro turno — quando somou quatro derrotas —, mas reagiu brilhantemente no segundo, foi imbatível no quadrangular e ganhou com categoria a grande final. Ao todo foram 30 jogos, com 16 vitórias, oito empates e apenas seis derrotas. O ataque marcou 44 gols e a defesa sofreu 26.

Eis os resultados:

Apucarana: 4 x 2 e 3 x 1
União Bandeirante: 1 x 0 e 3 x 1
Atlético: 2 x 1 e 1 x 1
Platinense: 1 x 2 e 0 x 0
Toledo: 2 x 1 e 2 x 1
Matsubara: 1 x 4 e 2 x 0
Colorado: 1 x 0 e 1 x 1
Maringá: 2 x 1 e 0 x 0
Cascavel: 0 x 1, 2 x 2, 1 x 1 e 4 x 1
Londrina: 0 x 1, 2 x 0, 1 x 0 e 2 x 0
Pinheiros: 0 x 1, 0 x 1, 1 x 1, 1 x 1, 1 x 0 e 3 x 0

ARTILHEIRO

Anselmo

Vinte e quatro horas depois de o Coritiba ter comprado o passe de Anselmo por 250 000 cruzados, o Ceará recebeu a visita de um conhecido empresário. Ele trazia um cheque de 200 000 dólares (cerca de 2,7 milhões de cruzados) e pretendia levar o centroavante para o futebol português. Sorte dos coxas que chegaram primeiro e ganharam um jogador de muita raça e versátil.

José Antônio Cardoso Anselmo Pereira, 27 anos (20/3/1959), fluminense de Friburgo, teve uma participação fundamental na escalada rumo ao título. Foi o artilheiro do time com oito gols e, no primeiro turno, atuou no meio-campo, onde mostrou que não é apenas um goleador. Com muita coragem e espírito de luta, ele segurou a barra nos momentos mais difíceis. Machucado, não pôde jogar nas partidas decisivas contra o Pinheiros.

CORITIBA — CAMPEÃO PARANAENS

Em pé: Dida, Suca, Adilço, Rafael, André Luís, Hélcio e Natale (preparador físico); agachados: Geraldo, Tostão, Marildo, Anselmo e Marco Auréli

E DE 1986

FOTO: SÉRGIO SADE

O NOVO BICHO-PAPÃO

A equipe da cidade do carvão quebra a longa hegemonia do Joinville, mas assegura ao interior o título de capital do futebol

Um anônimo torcedor em festa pelas ruas de Criciúma: é a vez de o Tigrão do Sul mandar em Santa Catarina

Final de março. Cinco mil criciumenses, acompanhados de um providencial carro do Corpo de Bombeiros, atravessam os 18 km que separam o centro da "Capital Brasileira do Carvão" do entroncamento da rodovia BR-101. Eles vão receber com festa os jogadores que, poucas horas antes, haviam empatado sem gols com o Joinville e levantado a Taça Governador do Estado, primeira conquista do Criciúma Esporte Clube desde que fora fundado, em 1980. Ali, naquela festa, o time estava começando a enterrar o estigma que o acompanhava de sempre morrer na praia. Afinal, por três vezes (1980, 1981 e 1982), chegara às finais com o Joinville e perdera na decisão.

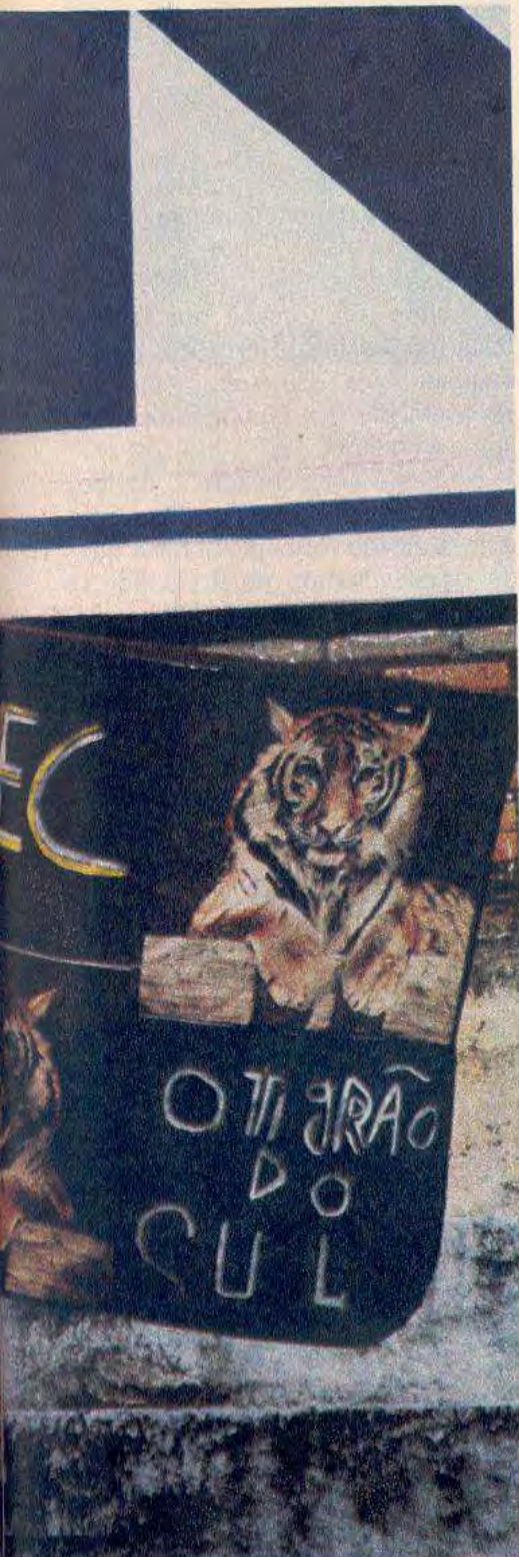
CONTRA O "JÁ GANHOU" — Mas ainda faltava muito e o tranqüilo técnico Zé Carlos, o famoso ex-meio-campo do Cruzeiro, procurava tirar o perigoso clima de "já ganhou" dos jogadores. "Lembrei das palavras de Procópio, que treinara o time na temporada anterior, quando, por pouco, o clube não foi rebaixado. Quando ele me indicou e eu aceitei, me aconselhou: 'Forme um time com a garotada que quer jogar e alie a técnica com a vontade de ganhar, sempre, sem dar chance a qualquer reação dos outros'. Foi o que incuti na cabeça da moçada."

E como valeu: com um grupo em que a média de idade não ultrapassa os 22 anos, o salário médio é de 11 000 cruzados e a folha de pagamentos em torno de 350 000, o Criciúma não tomou qualquer conhecimento dos adversários nas disputas das taças Universidade Federal e Plínio de Nez. E chegou confiante ao hexagonal decisivo da complicada fórmula da disputa catarinense. Tinha, como vantagem, míseros dois pontos depois de disputar 30 partidas, mas o ânimo não caíra. "O que contribuiu muito para nossa arrancada final foi o fato de os outros times esperarem uma natural queda de rendimento", relembra o goleiro Luís Henrique, 26 anos, um dos três maiores salários do Criciúma. "Entre nós, jogadores, o pensamento era oposto. Com as vitórias anteriores, ganhamos a confiança necessária e partimos para cima dos adversários com mais gana ainda. Eles se assustaram."

Eram amparados por uma infra-estrutura que, além dos pagamentos em dia e bichos que chegaram aos 1 500 cruzados na fase decisiva, era comum ouvir declarações como a do meia Carlos Alberto, carioca de 23 anos, que há dois defende as cores do Tigrão do Sul: "Impossível não ter vontade de jogar vestindo esta camisa".

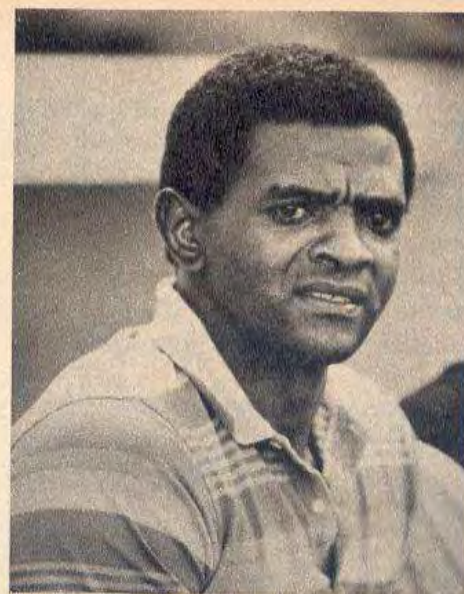
FAMA NÃO VENCE JOGO — Até nas partidas decisivas, o técnico Zé Carlos procurava tirar o peso de uma responsabilidade fora de propósito. Esperto, afirmava que o trabalho que estavam fazendo ali, de renovação (ele promoveu a subida de quatro juniores), não visava resultados imediatistas. Pedia, apenas, para eles não se importarem com a fama dos ▷

A equipe posada numa mina de carvão: amparada por uma ótima estrutura

FOTOS SERGIO SADE

adversários. Mas o famoso já era o Criciúma e um a um os oponentes, tomados de uma apatia reverencial, iam-se curvando. Ao chegar à antepenúltima rodada do hexagonal — no clássico da cidade contra o Próspera —, o Criciúma vencera quatro das sete partidas disputadas até então. Não perdeu nenhuma e manteve uma vantagem de quatro pontos sobre o Avaí e o antigo fantasma Joinville, que ainda poderiam alcançá-lo.

CIRURGIA ADIADA — Nos bastidores, o técnico Zé Carlos se convencia de que o título não lhe escaparia ao tomar conhecimento da decisão do jovem lateral Itá em adiar por mais

Um por um, todos os adversários iam se rendendo

um dia a operação de tendão de seu pé direito, só para enfrentar o Próspera. "Acho que os concorrentes fizeram até questão de nos ajudar, porque sabiam que não tinha mais jeito", recorda o centroavante Edemílson, prata da casa, artilheiro do time e revelação do campeonato, ao recordar o empate do Joinville com o Hercílio Luz, sem gols, e a derrota do Avaí para o Marcílio Dias (1 x

O técnico Zé Carlos: tranqüilo

2). Eram exatamente os resultados esperados pela torcida, que fazia a festa no Estádio Heriberto Hülse, enquanto via seu time vencer o Próspera por 2 x 1, gols de Edmílson e Vanderlei.

Naquela noite histórica de domingo, 10 de agosto, praticamente toda a cidade foi comemorar a queda da hegemonia do Joinville. O interior continuava a dominar o futebol catarinense e, mais que tudo, o Criciúma chegava ao primeiro título mostrando força suficiente para se tornar um novo bicho-papão do futebol do Estado.

Roberto José da Silva

Lance de jogo contra o Próspera: o Criciúma não deu chance a ninguém

FOTOS SERGIO SADE

ARTILHEIRO

Edemílson

Edemílson Mondardo, catarinense de Timbé do Sul, 21 anos (25/1/1965), marcou 11 gols durante todo o campeonato. É cria da escolinha do Criciúma. "No ano passado, entrei em algumas partidas, mas, como o time tinha muitos medalhões, meu papel era de tapa-buraco", recorda o goleador. "Dei sorte de ter encontrado agora uma nova filosofia de trabalho. Fui lançado, me mantiveram como titular e correspondi."

Edemílson sempre foi ponta-de-lança, daí sua facilidade para deslocações, criação de jogadas e uma procura contínua para penetrações através de tabelinhas. Chuta com os dois pés, tem boa impulsão e, segundo o técnico Zé Carlos, "só precisa de um pouco mais de tranqüilidade no momento de finalizar para o gol".

CAMPANHA

Em 40 jogos, o Criciúma conseguiu 21 vitórias, empatou 12 vezes e perdeu sete partidas. Seu ataque fez 49 gols e a defesa sofreu 27.

Sua campanha:

Internacional: 0 x 3, 2 x 1, 0 x 1 e 2 x 0
Hercílio Luz: 1 x 1, 3 x 1, 3 x 0, 2 x 0, 2 x 1 e 2 x 1
Próspera: 2 x 0, 1 x 1, 1 x 0, 0 x 0, 1 x 0 e 2 x 1
Ferroviário: 2 x 0, 0 x 1, 1 x 0 e 1 x 1
Figueirense: 0 x 1, 1 x 0, 2 x 0 e 1 x 1
Joinville: 2 x 0, 0 x 0, 2 x 1, 1 x 4, 0 x 0 e 2 x 0
Avaí: 0 x 0, 1 x 1, 1 x 1 e 1 x 1
Chapecoense: 0 x 1 e 2 x 1
Marcílio Dias: 0 x 2, 3 x 0, 0 x 0 e 2 x 0

CRICIÚMA — CAMPEÃO CATARINENSE DE 1986

FOTO: SÍLVIO ÁVILA

Em pé: Sarandi, Luís Henrique, Sílvio Laguna, Solis, Jairo, Itá e Heroíno Machado (preparador físico); agachados: Dentinho (massagista), Carlos Alberto, Vanderlei, Edemílson, Rached e Jorge Veras

OPERÁRIO — CAMPEÃO SUL-MATO-GROSSENSE DE 1986

PLACAR

FOTO: PAULO RIBAS

Em pé: Paulão, Alvarildo, Gílson, Deda, Santos e Garcia; agachados: Ventura (massagista), Cido, Fernando Roberto, Guina, Charles e Válter

PAULO RIBAS

Dia 27 de julho, a taça é do Operário: uma festa para poucos íntimos no Morenão semideserto

OPERÁRIO

CAMPEÃO SUL-MATO-GROSSENSE 1986

SÓ FALTOU A TORCIDA

Mesmo sem o apoio de seu público, o alvinegro quebrou o jejum de dois anos e, como nos bons tempos, conquistou o campeonato de ponta a ponta

Conquistar o oitavo Campeonato Sul-Mato-Grossense — dos quais ganhou nada menos que cinco — teve um sabor muito especial para o Operário de Campo Grande.

Campeão em 1983, o alvinegro estava há duas temporadas sem títulos. Seus rivais já achavam que o time havia perdido o carisma e a força de outros tempos.

Para recuperar o prestígio, o clube contratou o técnico Fidélis, ex-lateral do Bangu, do Vasco da Gama e da Seleção. Ao assumir o cargo, logo garantiu que os operarianos seriam novamente campeões. "Era como se ficar o bicho pega, se correr o bicho come", lembra o treinador, que começou a motivar a equipe com suas frases de efeito.

Além de tentar incutir na cabeça dos seus comandados a importância da conquista, Fidélis foi obrigado a enfrentar o fantasma de Carlos Castilho. O treinador, que deu sete campeonatos ao Operário — três deles no torneio integrado antes da divisão de Mato Grosso —, ainda era lembrado com saudade pela torcida.

A partir da confiança demonstrada pelos dirigentes e pela comissão técnica, os jogadores passaram a acreditar que aquele era o momento da reação. Apesar de algumas improvisações no time, o alvinegro foi logo mostrando que seu objetivo era vencer a qualquer custo. Fidélis — que havia montado a equipe do ▷

Com os gols de Fernando Roberto, o time deslanchou

FOTOS PAULO RIBAS

CSA, campeão alagoano de 1985 — escalou o meia Guina, emprestado pelo Palmeiras, como centroavante e colocou o ex-júnior Marquinhos, um volante, como ponta-de-lança. Com muita garra e dedicação, o Operário faturou o primeiro turno vencendo a final contra o Comercial, seu maior rival e campeão da temporada passada.

Mas o sucesso inicial não convenceu totalmente o treinador. Para o segundo turno, ele exigiu a contratação de alguns reforços. Queria montar um time mais solto, de bom toque de bola. Enfim, diferente daquele que havia encontrado e sem a agressividade e o futebol-força que marcaram as equipes dirigidas por Castilho. Assim, escolheu jogadores que já conhecia e com características compatíveis com o novo estilo de jogo.

SOZINHOS NA BRIGA — Foi o caso de Fernando Roberto, que veio para vestir a camisa 9, adaptou-se rapidamente e logo conquistou a torcida com seus gols. E de Charles, 21 anos, ex-juvenil do Fluminense, que atuou pela meia-esquerda e foi um dos maiores destaques do time. ''Ele desequilibrou todas as partidas'', vangloria-se Fidélis, que apostou no sucesso do garoto.

O alvinegro deslanchou ainda mais no returno. Cheio de méritos, foi à grande final na condição de favorito. Seu adversário, a Douradense — que no início do campeonato contou com o veterano Dario, o Dadá Maravilha —, contudo, queria repetir o feito do Corumbaense, único clube do interior que faturou o título estadual, em 1984.

No jogo de ida, em Dourados, o Operário conseguiu um empate (1 x 1). Para evitar o tradicional e desnecessário quadrangular, bastava uma vitória em Campo Grande. Se os jogadores estavam animados com a possibilidade de liquidar logo o campeonato, a torcida alvinegra parecia acreditar que o título não seria decidido naquela tarde. De fato, apenas 2 500 espectadores presenciaram o jogo no Morenão. Não havia bandeiras, charangas e tampouco dona Delurma, a fiel torcedora-símbolo.

''A gente percebeu que éramos só nós e Deus naquela briga'', desabafou depois o experiente Garcia, volante de 36 anos. E lá foram os ope-

ARTILHEIRO

Fernando Roberto

''Eu precisava de um centroavante que chegasse e resolvesse a parada'', lembra o técnico Fidélis. ''E tinha certeza de que Fernando Roberto não me decepcionaria.''

De fato, o atacante veio para o segundo turno, marcou 12 gols em oito jogos e foi o principal artilheiro do time e do campeonato.

Fernando Roberto, 29 anos (27/6/1957), já havia trabalhado com Fidélis no Uberlândia, a quem seu passe pertencia até abril passado. Goleador em todos os clubes por que passou — Atlético Mineiro, Internacional, Sport, América-MG, Portuguesa e Uberlândia —, ele justificou sua fama também em Mato Grosso do Sul. Oportunista e exímio cabeceador, Fernando Roberto foi um verdadeiro tormento para as defesas inimigas. ''Dei sorte, pois me entrosei muito bem com o ponta Cido'', afirma o centroavante, que garante o sucesso da dupla também na Copa Brasil.

Operário e Douradense brigam pela posse de bola. A pequena torcida parecia duvidar de que o campeonato acabaria naquele jogo

rarianos em busca da grande reconquista. Charles, franzino mas de muita habilidade, construía as principais jogadas para o artilheiro Fernando Roberto, mas o gol não saía. A pequena torcida permanecia muda, não havia nenhum incentivo. O clima da decisão, com certeza, só estava dentro das quatro linhas. O empate de 0 x 0 no tempo normal provoca a prorrogação.

TÍTULO MERECIDO — No intervalo, Fidélis mexe no time e ele volta melhor para a batalha final. O lateral Anchieta — que substituíra Alvarildo — trocou passes com o ponteiro Cido e chutou forte na saída do goleiro Batista. O belo gol, aos 17 minutos da prorrogação, finalmente despertou a fria torcida, que passou a gritar "campeão, campeão, campeão".

Mas a Douradense não se entregou. Foi à frente e pressionou muito nos últimos minutos. Só o apito do juiz Clemente dos Santos Machado deu a certeza do título aos operarianos. No final, porém, não houve a tradicional volta olímpica ou a festa dos jogadores no centro do gramado. Talvez revoltados com o abandono dos torcedores, eles desceram rapidamente para os vestiários e lá fizeram uma comemoração particular.

O zagueiro Deda, ex-Palmeiras, voltou ao campo para receber o belo troféu. De calção apenas, ele correu até as arquibancadas e mostrou o prêmio aos poucos alvinegros que confiaram na volta dos bons tempos. Depois da atitude simpática de Deda, alguns torcedores invadiram o gramado e, ao lado de dirigentes, vibraram com o final do jejum de dois anos.

"Esse título foi merecido, pois o grupo estava unido e tinha como ponto de honra a conquista do campeonato", declarou Fernando Roberto, que lamentou apenas a falta de apoio do público. O técnico Fidélis concorda com o centroavante e, modestamente, atribui o sucesso aos jogadores. "Ganhamos graças à dedicação da rapaziada", afirmou o popular "Touro Sentado".

A mesma dedicação que prometem apresentar nesta Copa Brasil. Agora, depois de reconquistar a condição de campeão estadual, o Operário quer ser outra vez a grande revelação do Campeonato Brasileiro. E trazer de volta a torcida ao Morenão. Tudo como nos bons tempos.

Sílvio Andrade

CAMPANHA

O Operário não deu chance para seus adversários. Ganhou os dois turnos e evitou a realização do quadrangular final.

Em 22 jogos, venceu 14, empatou três e perdeu outros cinco. Teve o ataque mais positivo do campeonato, com 39 gols, e a defesa menos vazada, com 12.

Confira todos os resultados:
Comercial-PP: 3 x 0 e 7 x 0
Taveirópolis: 3 x 1 e 3 x 1
Ubiratan: 2 x 0 e 0 x 1
Corumbaense: 1 x 1 e 3 x 1
Aquidauana: 4 x 0, 0 x 1, 2 x 0 e 1 x 0
Comercial-CG: 1 x 0, 2 x 1, 2 x 1, 0 x 1, 0 x 1 e 3 x 0
Douradense: 0 x 1, 0 x 0, 1 x 1 e 1 x 0

O REI DA MARATONA

Para chegar ao título, o alvinegro enfrentou 12 vezes o rival Fortaleza — e ganhou a decisão numa bela virada

"Não podemos perder este jogo. Vamos acabar logo com essa brincadeira." O time do Ceará voltava para o segundo tempo e a voz de Rubens Feijão soou como um trovão no túnel do vestiário ao campo. O marcador mostrava 1 x 0 para o Fortaleza na tarde de 24 de agosto.

Era a 12.ª vez que Ceará e Fortaleza jogavam pelo Campeonato Cearense de 1986. O alvinegro ganhara o primeiro turno. O Fortaleza vencera o returno. Partiu-se para a decisão em melhor de quatro pontos. O Ceará conseguiu 1 x 0 no jogo da quarta-feira anterior. Agora, bastava nova vitória. E o time, naquele domingo, estava perdendo. Era a quinta partida seguida entre Ceará x Fortaleza. "Vamos acabar com a brincadeira", repetiu forte Rubens Feijão.

EXAUSTO E FELIZ — Começa o segundo tempo. Dois minutos: Gérson Sodré aproveita uma falha da defesa adversária e empata. Agora são 37 minutos: Rubens Feijão arma a jogada e Amílton Rocha enterra de vez as esperanças do Fortaleza. No marcador, 2 x 1: o Ceará é campeão estadual de 1986. "Este é o título mais importante de minha carreira", anuncia o artilheiro Rubens Feijão, 30 gols no campeonato todo. "Estou exausto, mas feliz", completa Feijão.

De fato, foi uma maratona. Desde o início do torneio, o Ceará correu atrás da conquista. Os reforços, como Amílton Rocha, Salvino, Gérson Sodré e Rubens Feijão, vieram no começo da temporada. O alvinegro ganhou disparado o primeiro turno. No segundo, teve de se desfazer do lateral Antunes e do centroavante Clóvis, para aliviar a folha de pagamento. O time caiu de produção e o Fortaleza — que contratara o técnico Zanata — acabou levantando o returno. Vieram as finais.

"Queremos o título a todo custo", anunciara o presidente Franzé Morais. Toda a cota dos dois últimos jogos que o Ceará obtivesse fora prometida pelo cartola ao elenco. Valia tudo, mesmo: na primeira partida da decisão, foram consultar o babalorixá Carlos de Xangô e este deu a receita: o time, para ser campeão, deveria entrar todo vestido de branco. O pai-de-santo estava certo: o Ceará, imaculadamente alvo, ganhou as duas partidas.

Não foram, porém, só os orixás os responsáveis pela conquista. O Ceará contou com um elenco experiente, com destaque para o goleiro Salvino, o zagueiro Argeu, o meio-campo formado por Lira, Josué e Rubens Feijão, o ponta-direita Amílton Rocha. Ao lado desses nomes consagrados, dois

Domingo, 24 de agosto de 1986: no dia da final, Rubens Feijão atazana o Fortaleza

FOTOS JORGE GUIMARÃES

Começa a comemoração do título: comandado por Lira e pelo goleiro Salvino, o time todo agradece à torcida

juniores iniciaram vitoriosamente sua carreira profissional: o lateral Oliveira e o ponta Wanks. Ao todo, o time campeão utilizou 25 jogadores na campanha.

CHANCES PERDIDAS — Foi uma dura caminhada. Por duas vezes antes da fase decisiva, deixou o campeonato escapar de suas mãos. Na primeira, dia 10 de agosto, precisava vencer o Fortaleza para ganhar o segundo turno direto e ser campeão por antecipação. Empatou em 0 x 0. Na segunda, nos jogos extras do returno, era só empatar contra o maior rival: sofreu um 1 x 0, dia 17 de agosto.

Por isso, quando o time voltou para o segundo tempo da partida de 24 de agosto, perdendo por 1 x 0, os berros de Rubens Feijão acordaram de vez o alvinegro. Todo de branco, como mandavam os orixás, o Ceará entrou em campo vestido principalmente de raça e garra. Voltou para a virada. Voltou para ser campeão.

Luciano Luque

ARTILHEIRO

Rubens Feijão

Rubens de Jesus, o Rubens Feijão, tem 29 anos (9/5/1957) e é paulista de Taubaté. Começou sua carreira no Santos em 1975, no qual se profissionalizou e foi campeão paulista em 1978. Em 1980, transferiu-se para o Bangu e em 1983 voltou para São Paulo, para defender o Guarani de Campinas. Em janeiro deste ano foi comprado pelo Ceará junto com Gérson Sodré — os dois custaram 600 000 cruzados ao clube. Embora seja meia-direita, Feijão foi goleador do time e do campeonato, marcando 30 gols.

Sua receita para ser artilheiro é simples: "Mexer-se muito dentro de campo e marcar presença na área adversária, pois é ali que nascem os gols". Rubens Feijão é solteiro, mede 1,75 m e pesa 69 kg. Não gosta de treinar de manhã porque acorda tarde.

CAMPANHA

A campanha do 24.º título da história do Ceará teve 36 jogos. Foram 20 vitórias, 13 empates e apenas três derrotas. Marcou 77 gols e sofreu 25. Os resultados:

Calouros do Ar: 4 x 0 e 3 x 1
Tiradentes: 2 x 1 e 3 x 1
Icasa: 4 x 0 e 8 x 1
Guarani-J: 3 x 1, 2 x 0, 1 x 0 e 6 x 0
Quixadá: 5 x 0 e 5 x 0
Ferroviário: 0 x 0, 0 x 0, 2 x 2, 3 x 1, 3 x 0 e 3 x 4
Guarany-S: 1 x 0, 0 x 0, 2 x 0 e 3 x 2
Fortaleza: 1 x 1, 1 x 1, 1 x 2, 2 x 2, 0 x 0, 1 x 1, 0 x 0, 0 x 0, 1 x 1, 0 x 1, 1 x 0 e 2 x 1
América: 1 x 1 e 3 x 0

CEARÁ — CAMPEÃO CEARENSE DE 1986

FOTO: LUCIANO LUQUE

Em pé: Bigode (preparador físico), Anacleto (massagista), Ademir Bianconi (preparador físico), Djalma, Gilmar, Irã, Salvino, Bezerra, Serginho, Mílton Lima, Romualdo Oliveira (auxiliar), Júlio Abreu (roupeiro) e Caiçara (técnico); sentados: Erasmo, Lucivando, Flávio, Wanks, Josué, Roberto Cearense, Cláudio, Oliveira e Lula; agachados: Amílton Rocha, Luisão, Katinha, Petróleo, Bebeto, Rubens Feijão, Lira, Gérson Sodré, Everaldo e Argeu

CONFIANÇA — CAMPEÃ SERGIPANA DE 1986

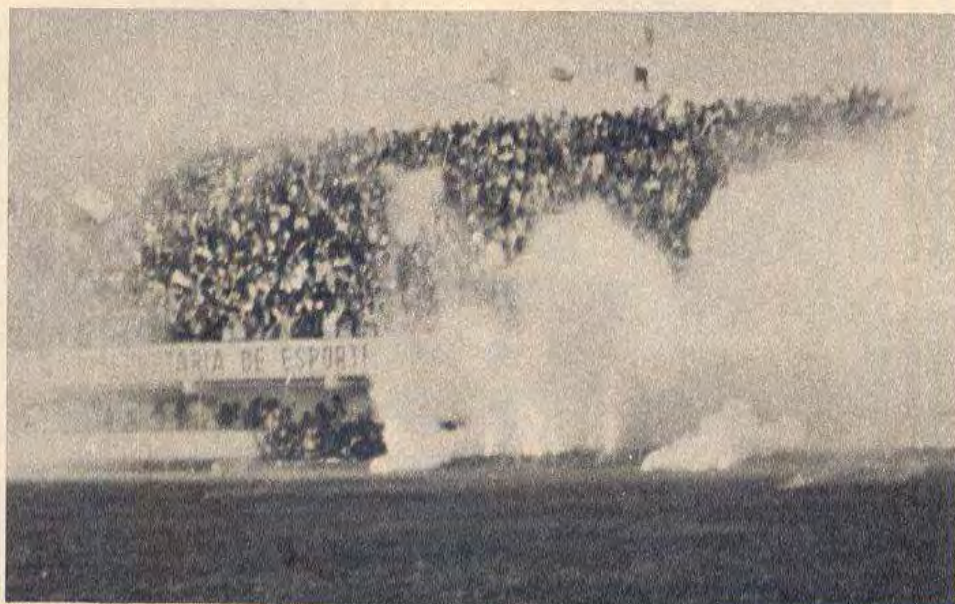
FOTO: DIAS SOARES

Em pé: Luisinho, Clésio, Guaraci, Ancelmo, Manchinha, Marquinhos e Merica; agachados: Audair, Freitas, Zé Augusto, Nílson Paulista e Garrinha (massagista)

ACIMA DAS SUSPEITAS

Desacreditada no início do certame, a equipe do técnico Duque deu a volta por cima, chegou junto e ficou com as faixas

Quase ninguém tinha dúvida. Antes do início do Campeonato Sergipano deste ano, o consenso indicava que o Sergipe era o grande favorito. Afinal, o time havia conquistado o título de bicampeão em 1985. "É o ano do tri", bradava sua torcida.

Aparentemente, a Associação Desportiva Confiança não reunia as mínimas condições para um triunfo. Sem dinheiro e com um elenco sofrível, o clube pensava em cumprir tabela. O técnico Mazinho, ex-jogador do Santos, demonstrava desânimo. Seu presidente, no entanto, decidiu dar a volta por cima. O empresário Carivaldo Souza reuniu dez conselheiros, reforçou os cofres do clube e saiu para as contratações.

FOTOS DIAS SOARES

A festa da torcida da Confiança: provando que onde há fumaça há fogo

A MUDANÇA — Em primeiro lugar, veio o veterano técnico Duque. Depois, o goleiro Luisinho (ex-Sergipe), o centroavante Freitas (ex-Bahia), o lateral-esquerdo Marquinhos (ex-Vitória), o zagueiro Zé Augusto (ex-Joinville), o lateral-direito Clésio (ex-CSA) e o zagueiro-central Joel (ex-Central de Caruaru). Quase um time inteiro. E a situação começou a mudar.

A Confiança alcançou o quadrangular decisivo no auge. Aproveitou alguns pontos perdidos pelo Sergipe, contou com uma vitória final do Itabaiana sobre o Vasco e fez a festa. A partida decisiva com o Sergipe, no Estádio Lourival Batista, o Batistão, aconteceu no domingo 24 de agosto. O juiz Romualdo Arppi Filho afastou o risco de violência ao exibir três cartões amarelos, logo no início. Jogando por um empate, a Confiança permaneceu na retranca e garantiu um 0 x 0.

Encerrado o jogo, a torcida prosseguiu na comemoração iniciada pela manhã. As ruas da cidade foram tomadas por trios elétricos e carros com bandeiras azuis e brancas. Era, afinal, o título do cinqüentenário do clube.

Gílson Rolemberg

ARTILHEIRO

Audair

O artilheiro da Confiança no certame de 1986 é um caso raro. Aos 22 anos, Audair — sergipano de Ribeirópolis — até o ano passado era apenas uma promessa do time amador de sua cidade. Descoberto pelo cartola Rubens Chaves, chegou à Confiança no final de 1985. Recebeu tratamento médico, foi morar em alojamento do clube e iniciou uma preparação para ser titular. E foi além: ponta-direita habilidoso, veloz e de potência no chute com os dois pés, transformou-se no artilheiro do time com seis gols.

Em 1982 e 1983, ele ainda estava em Ribeirópolis, mas foi chamado para a Seleção Sergipana de juniores. "Ele não vai ficar muito tempo no nosso futebol", preconiza José Lourenço, supervisor da Confiança. "Quero jogar em São Paulo ou no Rio de Janeiro", sonha o jogador.

CAMPANHA

Para ganhar o título, a Confiança realizou 28 jogos, venceu 12, empatou dez e perdeu seis. Seu ataque assinalou 27 gols e sua defesa sofreu 19. Eis os resultados:

Santa Cruz: 1 x 0 e 3 x 0
Vasco: 2 x 1, 0 x 0, 0 x 1, 2 x 1 e 1 x 1
Itabaiana: 3 x 1, 1 x 1, 0 x 1, 1 x 1, 1 x 0 e 1 x 0
Maruinense: 0 x 2 e 0 x 1
Olímpico: 0 x 0 e 1 x 0
Estanciano: 1 x 1, 0 x 0, 0 x 0, 1 x 0, 1 x 1 e 3 x 1
Sergipe: 2 x 1, 1 x 3, 1 x 0, 0 x 1 e 0 x 0

SOBRADINHO — BICAMPEÃO DO DISTRITO FEDERAL 1985/86

FOTO: TADASHI NAKAGOMI

Em pé: Chiquinho, Rildo, Tonzé, Filó, Claudinho e Bocaiúva; agachados: Régis, Michael, Tôni, Wellington e Jamil

VERDADEIRAS FERAS

O Leão da Serra repete a bela campanha do ano passado e conquista seu bicampeonato. Com raça e muita determinação

O centroavante Tôni: vital na armação do ataque, ao lado do artilheiro Régis

Os garotos do Sobradinho — média de 20 anos — mais uma vez surpreenderam. Afinal, eles jogam no "time mais pobre do Brasil", como costuma afirmar o próprio presidente do clube, Benoni Dias Beltrão. Ainda assim, a garotada, capitaneada pelo artilheiro e ponta-direita Régis, foi à luta e conquistou o bicampeonato brasiliense, em cima do Taguatinga, por 1 x 0, na decisão de 25 de maio.

Uma façanha para quem, até dois anos atrás, não tinha fardamento para os treinos e muito menos salários em dia. Hoje, a coisa melhorou mas ainda está longe do ideal. Apesar de representar a cidade-satélite do mesmo nome, que possui 90 000 habitantes, o Sobradinho não tem torcida numerosa. Ao contrário. São poucos gatos pingados.

Mas isso não surpreende. Heroísmo e folclore sempre foram ingredientes do futebol de Brasília. Não é à toa que o Sobradinho tem a alcunha de "Leão da Serra". Contra tudo e contra todos, quando os 11 santos guerreiros do alvinegro entram em campo, viram, literalmente, feras.

A grande diferença do Sobradinho para seus adversários no Distrito Federal é que o clube investe o pouco que tem nas divisões inferiores. É por aí que ele construiu esse bicampeonato. Explorando sempre a velocidade dos pontas Régis e Jamil, crias da casa.

"ESTAMOS EMBALANDO" — O técnico José Antônio Furtado Leal é um discípulo do experiente João Avelino, que não se cansava de lembrar a máxima: "Se a vida fosse

fácil, ela não prestaria''. José Antônio deve ter aprendido bem a lição. Ele costuma dizer que, no Sobradinho, as coisas já foram piores. ''Agora até que estamos embalando'', gaba-se.

Tanta confiança tem a ver com as contratações que a diretoria fez para a Copa Brasil. Um investimento de 78 000 cruzados, em oito jogadores: o médio-volante Demétrio, o centroavante Edevaldo, o zagueiro Ari, o quarto-zagueiro Tobias, os laterais Lourenço e Carlão, o ponta-de-lança Mauro e o goleiro Deo.

TIME SONHADOR — Promessa de grandes emoções para a Copa Brasil. O Sobradinho não faz por menos. Quer ficar entre os 16 melhores times brasileiros e disputar a Primeira Divisão criada pela CBF para 1987. Sonhador ele. Acostumado à indiferença dos habitantes de uma cidade administrativa como Brasília, onde boa parte da população muda a cada final de mandato, deve saber o que diz.

No campeonato deste ano, por exemplo, a média de público não passou de 120 pagantes por partida. Menos mal. Houve um jogo, em 16 de agosto de 1970, entre o Gama e o Jaguar, que teve apenas um solitário pagante. O Sobradinho quer esquecer o passado e voar grande e alto sobre o futuro.

Iriam Rocha

Michael: um dos grandes destaques da temporada, brilhou no meio-campo

CAMPANHA

Para ganhar o segundo título de sua história, o Sobradinho jogou 19 partidas. Venceu nove, empatou sete e perdeu três. Seu ataque marcou 20 gols e a defesa sofreu 14. Os resultados:

Ceilândia: 3 x 1 e 0 x 2
Planaltina: 1 x 0 e 1 x 0
Gama: 1 x 0 e 0 x 3
Taguatinga: 1 x 2, 1 x 1, 1 x 0 e 2 x 2
Tiradentes: 1 x 1, 1 x 1 e 1 x 0
Guará: 2 x 0 e 3 x 1
Brasília: 0 x 0, 1 x 0, 0 x 0 e 0 x 0

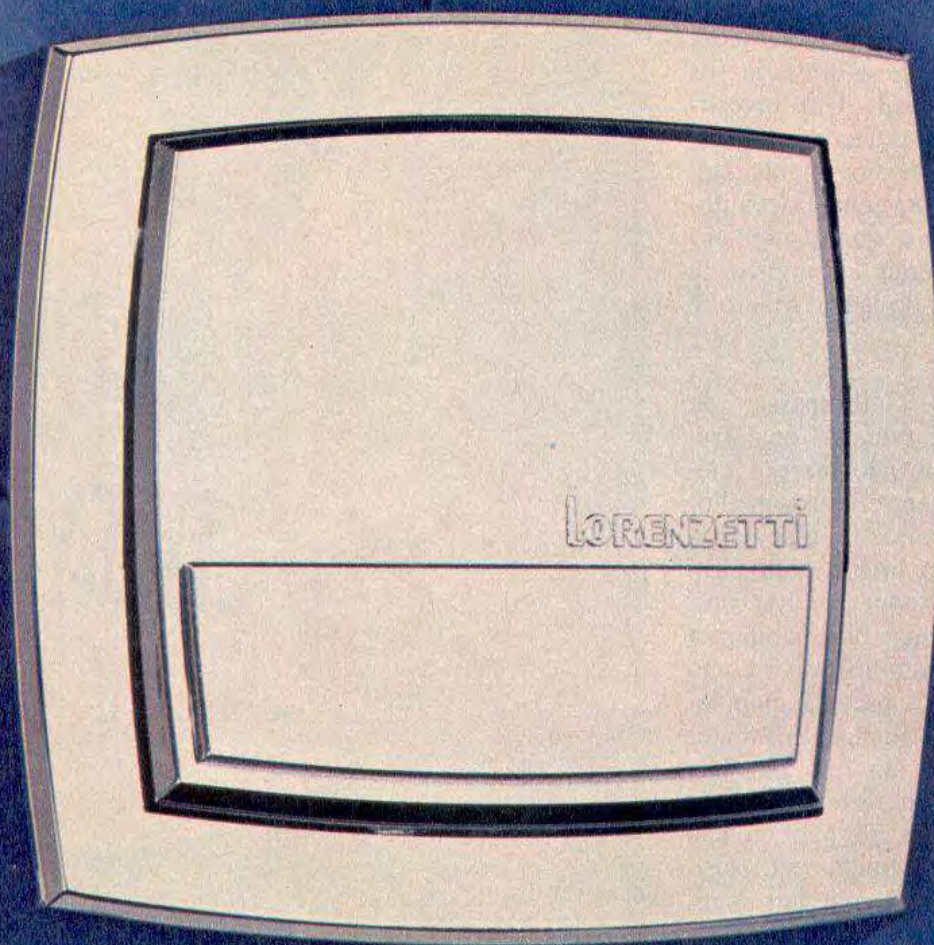
ARTILHEIRO

Régis

Beneficiado pelo esquema da equipe, que tinha como principal característica os contra-ataques em velocidade pelas pontas, o ponteiro Régis chegou à artilharia do Sobradinho com sete gols. Reginaldo Miguel da Silva, 23 anos (1,70 m e 65 kg), encaixou-se muito bem ao esquema montado pelo técnico José Antônio.

Com suas velozes arrancadas, partindo sempre em diagonal rumo à área adversária, Régis criou condições de gol também para seus companheiros de ataque. O centroavante Tôni, por exemplo, jogou mais recuado este ano mas, ainda assim, ficou como vice-artilheiro da equipe com cinco gols.

O brasiliense Régis só não teve um prazer. O de marcar o gol da vitória, contra o Taguatinga, na decisão. Esta glória ficou para o ponta-esquerda Michael.

Nova Válvula de Descarga Lorenzetti.

Nós não daríamos 10 anos de garantia só porque ela é bonita.

A Lorenzetti está lançando a válvula de descarga mais bonita que você pode ter em seu banheiro.

Com suas linhas modernas e seu acabamento cromado, a Nova Válvula de Descarga Lorenzetti valoriza o ambiente sem jamais interferir na sua decoração. E para acompanhar toda essa elegância, ainda possui uma tecla muito suave e um funcionamento realmente silencioso.

Mas, apesar de tanta beleza, esse não é o seu único ponto forte.

A Nova Válvula de Descarga Lorenzetti tem qualidades que poucas têm: é a única fabricada em PVC rígido, o que lhe garante extrema durabilidade; é muito fácil de ser instalada; já vem pré-ajustada e jamais precisa de regulagem.

E nem poderia ser diferente.

Afinal, se ela fosse apenas bonita, a Lorenzetti jamais poderia garantir 10 anos de perfeito funcionamento.

A Lorenzetti faz a melhor válvula de descarga.

GTM&C

NACIONAL — TETRACAMPEÃO AMAZONENSE 1983/84/85/86

FOTO: CLAUDIO S. PAULO

Em pé: Aderbal Lana (técnico), Édson Cimento, Galvão, Marinho Macapá, Tojal, Murica, Artur, Luís Florêncio e Antônio Mentiroso (massagista); agachados: Botelho, Ricardo, Iranildo, Sérgio Duarte, Camarão, Jorginho, Naldo e Doca

COM MUITA HUMILDADE

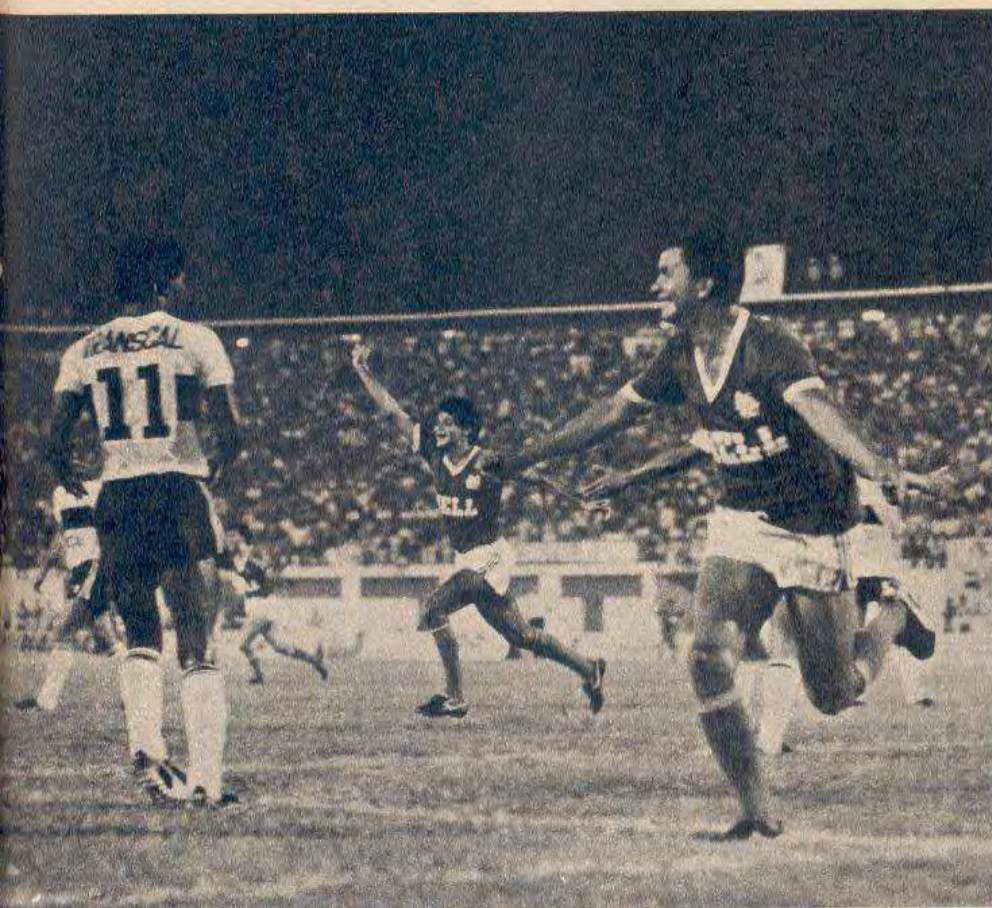
O clube atravessava uma séria crise financeira. Mesmo assim, um punhado de heróis mostrou extraordinária dedicação

Vivaldão, 27 de agosto de 1986: Raulino (primeiro à esquerda) **marca o gol do título em cima do Rio Negro**

Foi um ano difícil para o Nacional. Quanto esforço e dedicação foram precisos para levar a equipe ao tetracampeonato... Enquanto o grande rival Rio Negro, tendo à frente um grupo de empresários, montava um esquadrão para tentar acabar com a hegemonia do Nacional, este mergulhava numa pobreza franciscana. O Rio Negro tinha um elenco de 30 jogadores. O Nacional contava com poucos profissionais e teve de montar o time na base de juniores do clube. Embora sua folha de pagamentos somasse apenas 50 000 cruzados mensais, a diretoria era obrigada a fazer empréstimos em bancos da cidade e vender uma parte do terreno ao lado da sede. Era a luta do pequeno Davi contra o gigante Golias.

E o Nacional foi em frente, lutando contra todas as suas dificuldades. "Quando tem taça, o título é do Naça" — é este o lema da torcida azul e branca. Comandado por alguns veteranos experientes — como o goleiro Édson Cimento e o ponta-direita Botelho —, o time correu muito atrás do terceiro tetracampeonato de sua história. Um batalhão de juniores entusiasmados foi arrasando quem lhes aparecesse pela frente. Em 22 partidas, o Nacional sofreu apenas duas derrotas. O técnico Aderbal Lana dava força a sua garotada. De repente, em campo, a torcida se entusiasmava com seus novos e jovens heróis: Camarão, Ricardo, Artur, Tojal, Iranildo, Euzimar, Oscar, Doca... No meio-campo, destacava-se a figura de um garoto de 20 anos e muita experiência: Sérgio Duarte.

Sérgio Duarte: o grande craque

FOTOS CLÁUDIO SÃO PAULO

Fim da decisão: Sérgio Duarte e Raulino iniciam a festa pelo tetracampeonato

RETORNO FESTEJADO — A torcida do Flamengo talvez nem se lembre dele. Sérgio Duarte, amazonense, chegou a passar pelos juvenis do clube carioca, há dois anos. Não se adaptou, porém, à vida agitada do Rio de Janeiro. "Eu chorava muito de saudade de casa e de minha mãe", recorda Duarte. "Morava na concentração da Gávea e sentia muita solidão." Acabou retornando para Manaus, amadureceu muito e hoje se sente em condições de voltar a atuar num centro maior que Manaus. "Gostaria de poder apagar a imagem de criança que deixei no Rio", confessa.

Para o Nacional, foi ótimo que ele tenha retornado. Com ele foi bem mais fácil encarar a decisão do título, dia 27 de agosto, contra o arquiinimigo Rio Negro. Graças a ele, o time se armava melhor no meio-campo e se impunha gradativamente como o dono das jogadas mais perigosas. Aos 35 do primeiro tempo, veio o gol da vitória — e do título: Luís Florêncio bateu uma falta pela direita, Sérgio Duarte desviou de cabeça e Raulino, o artilheiro do time, empurrou para o gol. Delírio na arquibancada do Vivaldão lotado — quase 42 000 pessoas assistiam à decisão.

GANA E RAÇA — A partir dali, nenhum torcedor do Nacional tinha dúvida de que o tetra viria mesmo. O Rio Negro crescia em campo, assustava a meta de Édson Cimento, mas não teve como virar o resultado. A gana e a raça de um time jovem falaram mais alto. A galera nacionalina empurrava a equipe, gritava com todas as forças e fazia a festa. O todo-poderoso Rio Negro, desesperado, via mais uma vez o título ir parar nas mãos do Naça.

Ao apito final, a torcida explodiu de alegria. É verdade que o plano de todos era continuar o carnaval na sede do Nacional. Aí veio a frustração: quando a caravana de torcedores chegou ao clube não havia o tradicional chope para a comemoração do título. Havia apenas um recado para todos: "Não façam muito barulho. Lá dentro está havendo um bingo para se arrecadar um dinheiro a mais". Grande e pobre tetracampeão...

Flávio Seabra

ARTILHEIRO

Raulino

Ele já foi campeão em outros anos — no Ferroviário do Ceará em 1979 e no Joinville de Santa Catarina em 1980 —, mas considera a conquista do tetracampeonato amazonense de 1986 a mais importante de sua carreira. Afinal, terminou também como o artilheiro da equipe e autor do gol do título. Foram 11 gols marcados por Raulino Silva Leite, amazonense, 31 anos. E poderiam ter sido mais gols — quem sabe até ultrapassaria o goleador do campeonato, Volnei, do Rio Negro, que marcou 14. É que Raulino ficou de fora da equipe suspenso por dois jogos e ainda teve um sério acidente automobilístico, quando quase fraturou o crânio. "Pensei que fosse ficar de fora das partidas finais", recorda ele. Que nada: não só jogou a decisão como fez o gol do título.

CAMPANHA

O Nacional conquistou o tetra amazonense depois de 22 partidas. Foram 15 vitórias, cinco empates e duas derrotas. O ataque marcou 41 gols e a defesa sofreu apenas oito. A campanha:
São Raimundo: 2 x 0 e 4 x 1
América: 1 x 0 e 0 x 1
Libermorro: 5 x 0 e 0 x 0
Sul América: 4 x 0 e 5 x 0
Fast: 1 x 0, 4 x 1, 4 x 0 e 0 x 1
Penarol: 3 x 1, 2 x 2, 1 x 0 e 0 x 0
Rio Negro: 0 x 0, 1 x 0, 1 x 0, 1 x 0, 1 x 1 e 1 x 0

DESPORTIVA — CAMPEÃ CAPIXABA DE 1986

FOTO: GILDO LOYOLA

Em pé: Almiron (massagista), Zezinho (mordomo), Aurédio Couto (médico), Mauro Rosa Martins (preparador físico), Henrique Mayer (supervisor), Marcos Magalhães (auxiliar), Ronaldo Faustine (vice-presidente), Sérgio Vidal (presidente) e Dudu (técnico); sentados: Bartô, Jacimar, Nílson, Peninha, Cacau, Ernandes, Edmílson, Luís Carlos, Paulo Ramos e Alcides; agachados: Raul, Antônio José, Oliveira, Carlinhos, Eneas, Márcio Banana, Naldo, Cacá, Júlio César e Japonês

DESPORTIVA

CAMPEÃ CAPIXABA 1986

LUTA E GLÓRIA

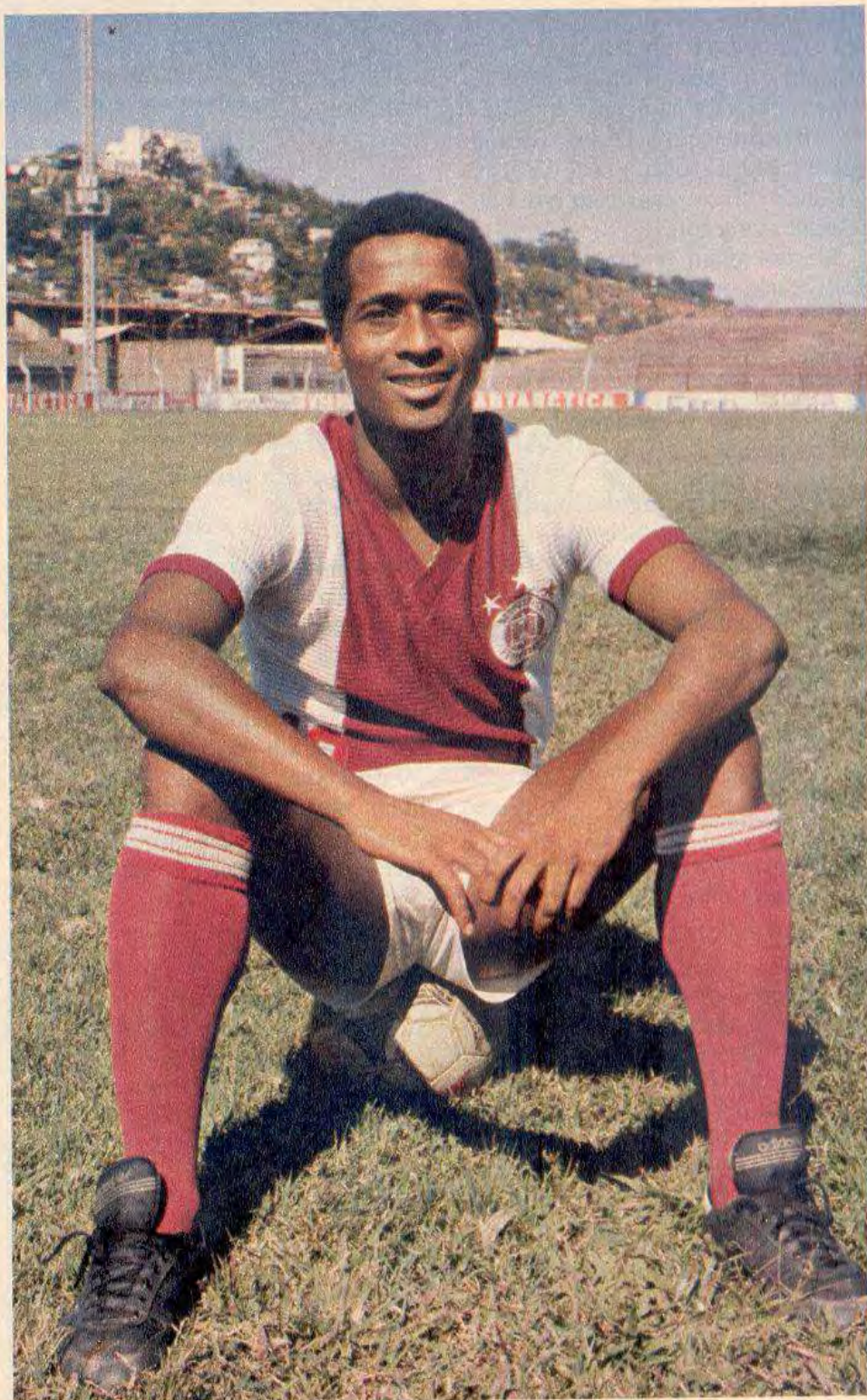
Com a chegada do técnico Dudu e de Eneas, o time brigou como nunca e conseguiu retomar o título, que estava em poder do velho rival

Depois de perder o Campeonato Capixaba de 1985, os dirigentes da Desportiva Ferroviária garantiram que muita coisa iria mudar na temporada seguinte. A princípio, pensou-se que era apenas uma promessa preparada para atenuar o desânimo da torcida. Mas logo começaram a aparecer os primeiros sinais da renovação.

Foram feitas várias consultas para definir o nome de um novo treinador. No final, a escolha recaiu sobre Olegário Tolói de Oliveira, o Dudu, ex-volante do Palmeiras e técnico de renome nacional. Ao assumir o comando do elenco, usou toda sua experiência para devolver aos jogadores a confiança perdida no ano anterior. Não falou sequer de reforços, antes quis observar o que tinha nas mãos.

A partir do momento que o time começou a jogar, Dudu avaliou suas condições e providenciou alguns reparos. Nada de excepcional, porém. Manteve a mesma base do ano anterior, promoveu dois juniores (Peninha e Júlio César) e pediu alguns jogadores para fortalecer o banco de reservas. Para o quadrangular final, entretanto, veio o grande reforço: Eneas, ex-atacante de Portuguesa, Bologna (da Itália) e Palmeiras. Depois de uma discreta passagem pelo futebol gaúcho — onde defendeu o Juventude, de Caxias —, ele chegou para dar um brilho a mais à equipe que já dominava o campeonato.

APOIO DA DIRETORIA — Desde a primeira rodada, de fato, o time demonstrou que estava mais determinado que seus adversários na luta pelo título. Um exemplo disso foi a série de vitórias contra o Rio Branco, tradicional rival e campeão da temporada passada. A Desportiva, como de resto todos os clubes que participa- ▷

GILDO LOYOLA

O veterano Eneas, que foi contratado por apenas seis partidas: seis gols

O Rio Branco não conseguiu estragar a festa do 12.º título

ram do torneio, só não contou com o apoio da torcida. Desgastado por anos e anos de incapacidade administrativa e competições mal organizadas, o público se afastou gradativamente dos estádios capixabas. Como o representante do Estado na atual Copa Brasil — o Rio Branco — já estava definido pela Federação local e pela CBF, havia um motivo a mais para o desinteresse dos torcedores.

Mesmo assim, a diretoria da Desportiva não poupou esforços para pagar bons prêmios e estimular seus jogadores. E o investimento feito na contratação de Eneas, se não compensou no aspecto financeiro, trouxe bons lucros dentro do campo. Aos 32 anos, o atacante mostrou que ainda não se esqueceu do caminho das redes. Em seis partidas, marcou seis gols.

Além do bom entrosamento com o artilheiro Edmílson, ele demonstrou muita raça e não fugiu da luta. Na penúltima partida do quadrangular, por exemplo, Eneas sofreu uma forte pancada no joelho. Ficou com o local bastante inchado e, mesmo sentindo dores, fez questão de entrar no jogo decisivo frente ao Rio Branco, no campo deste.

A Desportiva havia perdido a partida anterior para o Guarapari (0 x 1)

AILTON LOPES/JORNAL A GAZETA

Eneas aproveita o rebote do goleiro do Rio Branco: é o gol do 12.º título

— que também lutava pelo título — e precisava da vitória de qualquer maneira e ainda torcer por uma derrota ou empate do concorrente. Só assim evitaria a realização de uma partida extra.

CONFIRMAÇÃO PELO RÁDIO — Os rio-branquenses, incentivados por um bicho especial, treinaram bastante durante a semana e prometeram estragar a festa do velho inimigo. Mas não adiantou nada. Logo aos 10 minutos, Edmílson abriu o marcador. Vinte e cinco minutos depois, Carlinhos cobrou um pênalti em cima do goleiro Cláudio. Atento, Eneas apareceu para aproveitar o rebote e fazer o segundo gol.

O Rio Branco, aos 36 minutos do segundo tempo, conseguiu diminuir o marcador. Mas já era tarde demais. Com aquele resultado, a Desportiva havia colocado uma mão na taça. As comemorações, entretanto, ficaram para o vestiário, onde todos ouviram, pelo rádio, os instantes finais do empate entre Estrela e Guarapari (2 x 2). Aí, sim, explodiu a festa pelo 12.º título do clube.

Álvaro José Silva

ARTILHEIRO

Edmílson

Quando Eneas desembarcou em Vitória, muita gente pensou que o centroavante Edmílson perderia o lugar no time. Mas aconteceu justamente o contrário. Ao lado do atacante paulista, seu futebol cresceu e ele confirmou a condição de artilheiro da equipe campeã.

GILDO LOYOLA

Edmílson da Silva Luquetti, carioca de 29 anos (5/3/1957), começou a carreira em clubes amadores do Rio de Janeiro. No Espírito Santo, jogou pelo Estrela do Norte, de Cachoeiro do Itapemirim, e pelo Rio Branco. Troncudo (1,72 m e 74 kg), ele faz o gênero rompedor, pouco técnico mas sempre presente na área.

No ano passado, junto com Dé, do Rio Branco, foi o principal goleador do campeonato, com sete gols. Nesta temporada, marcou o mesmo número de gols, mas perdeu a briga pela artilharia para Porto Real, do Guarapari, autor de 11 gols.

CAMPANHA

Além de lutar contra o Rio Branco, seu mais tradicional rival, a Desportiva teve pela frente o surpreendente Guarapari, único time que conseguiu derrotá-la ao longo do campeonato. No final, o retrospecto do campeão apresentou 13 vitórias, seis empates e duas derrotas. Nesses 21 jogos, seu ataque marcou 33 gols e a defesa sofreu apenas 11. Aqui estão todos os resultados:

Ibiraçu: 2 x 0 e 1 x 1
Ordem e Progresso: 3 x 1 e 4 x 0
Colatina: 3 x 0 e 1 x 0
Vitória: 0 x 0 e 2 x 0
Estrela do Norte: 1 x 1, 1 x 1, 2 x 1 e 2 x 0
Guarapari: 1 x 0, 2 x 2, 0 x 1, 0 x 0 e 0 x 1
Rio Branco: 2 x 1, 1 x 0, 3 x 0 e 2 x 1

FUTEBOL REDONDINHO, SEMPRE DE PRIMEIRA.

A equipe da Globo joga bonito.

Um jogo rápido, tocando todos os lances de primeira pra você.

Um jogo de muita raça, que começa antes do aquecimento, informando sobre os treinos, escalações e táticas. Que esquenta a torcida. Que corre junto com a bola, marcando em cima, acompanhando todos os movimentos. E que continua depois do apito final, penetrando nos vestiários, entrevistando, opinando, analisando e divulgando todos os resultados da rodada.

Os locutores, repórteres e comentaristas são de primeira categoria, se entrosam maravilhosamente e formam a melhor e mais vibrante seleção do rádio brasileiro.

Quem está por dentro da área fica sempre em campo com a Rádio Globo - uma equipe que joga redondinho, e que nunca falha na cobertura.

RÁDIO GLOBO

A VOZ DO CORAÇÃO
NO CORAÇÃO DA GALERA.

Giovanni & Associados

VERDÃO DAS SALINAS

A estridente torcida do alviverde não se assustou com os tropeços iniciais e acreditou no triunfo até o fim

A conquista do bicampeonato pelo Alecrim, no Rio Grande do Norte, não foi propriamente um milagre nas salinas. Mesmo assim, Curió, o grande ídolo do time, convenceu todo o elenco a acompanhá-lo no pagamento de uma promessa. Na noite de 17 de agosto, após o empate de 0 x 0 com o ABC, seu tradicional inimigo, o ponta-direita convocou seus companheiros e dirigentes para uma peregrinação até a estátua de padre João Maria, o santo de Natal, fixada numa praça no centro da capital potiguar.

Tudo não passou de um arroubo místico. Além de superar chuva e confusão na partida decisiva, o Alecrim despontara como favorito ao título desde o início do certame. Sua torcida não se abalou com a derrota para o América, por 1 x 0, na estréia logo após o Carnaval. O clube mantinha o técnico Ferdinando Teixeira e o mesmo elenco do triunfo no ano anterior. Ninguém se preocupou também quando o ABC fez uma grande festa para comemorar a vitória no primeiro turno.

A RENOVAÇÃO — Com apenas 20 jogadores no elenco, o Alecrim iniciou o returno perseguindo o primeiro lugar. Foi um pouco melhor, sem dúvida, mas acabou derrotado pelo ABC num jogo extra, nos pênaltis.

Não era nada, como foi provado. Depois da pausa forçada pela Copa do Mundo, o Alecrim realizou uma série de contratações. O técnico mudou o meio-campo, introduzindo Doca — emprestado pelo Ferroviário do Ceará — ao lado de Didi Duarte e Odilon. Na zaga, De León subiu de produção. O veterano Edmo foi para a ponta-esquerda e Baíca ganhou a camisa 9. O ponta-direita Curió, por sua vez, começou a fazer gols.

FOTOS CANINDÉ

A torcida do Alecrim, recrutada num bairro operário onde surgiu o clube: faixas, bandeiras e a indispensável fumaça

O técnico Ferdinando Teixeira: bi inédito

Com um conjunto bem entrosado e combinações perfeitas, finalmente o alviverde arrebatou o título do terceiro turno. Aos 20 anos, o atacante Baíca passou a ser o destaque do time, ao lado de Curió. Exímio driblador e revelado em casa, seu chute forte proporcionou sete gols ao time. Ele foi o segundo artilheiro do Alecrim, junto com Didi Duarte e Odilon.

O maior astro, porém, foi Curió. Franzino, ele chegou a Natal há cinco anos. E até agora não perdeu sequer um campeonato *(ver quadro do artilheiro)*. Está satisfeito. "Eu me casei aqui no ano passado e não pretendo deixar o Rio Grande do Norte tão cedo", diz o goleador de 24 anos. Só tem uma queixa: "Os zagueiros me castigam demais". De fato, geralmente ele se torna alvo fácil de pancadas adversárias ao tentar realizar sua jogada predileta: ir à linha de fundo para o cruzamento.

VANTAGEM — O título aconteceu no dia 17 de agosto, um domingo de muita chuva. O Alecrim tinha a vantagem do empate. É que, pouco antes, havia vencido o ABC, por 2 x 1, em partida extra para decidir o primeiro turno. Embora o inimigo mortal já tivesse conquistado a fase, a Justiça Desportiva determinou a disputa de novo jogo. O alviverde exigia os pontos de uma derrota para o Potiguar, em Mossoró, por 2 x 1. Assim, caminhou para a decisão com um ponto à frente. E foi beneficiado pelo empate de 0 x 0.

TIME OPERÁRIO — O título veio dois dias depois da comemoração dos 71 anos de existência desse time surgido em 1915, junto à classe operária da capital do Rio Grande do Norte. Seu nome, aliás, vem do bairro em que nasceu. É extremamente popular e sua torcida Fiéis Esmeraldinos Radicais, conhecida como Fera, é a mais estridente e fanática do Estado. Seu grito de guerra é: "Verdão, verdão, verdão!" Foi assim que ela saudou o inédito bicampeonato do clube desfilando com bandeiras verdes pelas ruas centrais de Natal. Em meio à euforia, os torcedores festejavam também outra façanha inédita do Alecrim: sua inclusão, pela primeira vez, na Copa Brasil, direito assegurado com o título regional de 1985.

Rosaldo Aguiar

Baíca, 20 anos: grande revelação

ARTILHEIRO

Curió

O pernambucano José Minervino de Souza Filho nasceu no Recife em 23 de março de 1962. Nestes 24 anos de vida, já atuou pelo Náutico, Potiguar de Currais Novos, ABC, América de Natal e Alecrim.

José Minervino, ou melhor, Curió, é ponta-direita. Isso não o impede de ser o artilheiro do time. Foi o goleador na campanha do ano passado e repete a dose no bicampeonato. O baixinho Curió, de 1,68 m, marcou 12 gols. É um ponteiro ofensivo, veloz, de dribles curtos e rápidos.

Campeão na maioria dos times por que passou — América em 1982, ABC em 1983 e 1984, e Alecrim no ano passado —, é o único jogador potiguar pentacampeão estadual.

No Alecrim, este ano, foi o principal jogador da equipe.

CAMPANHA

O Alecrim chegou ao título de bicampeão com 15 vitórias, nove empates e seis derrotas em 30 jogos. Fez 43 gols e sofreu 19. A campanha do quinto campeonato potiguar levantado pelo alviverde foi assim:

Riachuelo: 3 x 0
Atlético: 5 x 0
América: 0 x 1, 1 x 1, 3 x 1, 4 x 2, 1 x 0, 1 x 0 e 1 x 1
ABC: 0 x 0, 0 x 1, 2 x 1, 1 x 2, 0 x 0, 0 x 0, 0 x 0, 1 x 0, 1 x 1 e 0 x 0
Potiguar: 1 x 2, 2 x 1, 3 x 0, 2 x 0, 2 x 1, 3 x 0 e 1 x 2
Baraúnas: 1 x 1, 2 x 1, 0 x 1 e 2 x 0

ALECRIM — BICAMPEÃO POTIGUAR 1985/86

FOTO: CANINDÉ

Em pé: Ferdinando Teixeira (técnico), César, Ayala, Saraiva, Lúcio, Romaldo, Doca, Soares, Pedrinho (preparador físico), Dr. Vital (médico) e Luís Marcos (supervisor); agachados: João Santana (roupeiro), De León, Romildo, Curió, Odilon, Baíca, Didi Duarte, Edmo e Beto

GOIÁS — CAMPEÃO GOIANO DE 1986

FOTO: PAULO JOSÉ

Em pé: Eduardo, Vavá, Gomes, Carlos Alberto, Válter, Paulo Silva, Carlos Alberto Silva (técnico) e Ródson Alves (preparador físico); agachados: Pelezinho (massagista), Tarciso, Fagundes, Joãozinho Paulista, Carlos Magno, Benevã e Gonçalino

O MAIORAL EM CAMPO

O alviverde investiu como nenhum outro em contratações, foi sempre o melhor em todo o campeonato e venceu com justiça

PAULO JOSÉ

Serra Dourada, 20 de agosto: no marcador o registro da vitória; em campo, a festa

Um campeonato se ganha no campo. Finalmente, depois de três anos, este princípio básico do futebol foi respeitado em Goiás. Desde 1983, quem acabava decidindo o título eram os juízes dos tapetões. Agora, foi diferente. E, não por acaso, o torcedor voltou aos estádios certo de que duas equipes em particular disputariam palmo a palmo a faixa de campeão: desde o início, Goiás e Atlético jogaram toda a sua munição. O Atlético corria atrás do bicampeonato. Manteve praticamente o mesmo elenco de 1985. Já o Goiás teve de partir quase do nada.

O alviverde sentiu a necessidade de montar uma equipe forte. E não teve dúvidas. Começou pelo treinador: foi buscar Carlos Alberto Silva no Sport Recife para lhe pagar 60 000 cruzados mensais e iniciar a missão de reconquistar o título regional. Sob sua indicação chegavam os reforços. Vieram o goleiro Eduardo, do Santa Cruz (RS); o lateral Válter, do Noroeste (SP); Gomes e Vavá, zagueiros campeões do Brasil de 1985 pelo Coritiba; Paulo Silva, outro lateral vindo do Sport Recife; Tarciso, ex-ponta do Grêmio; Zezinho, ponta do Brasil de Pelotas; o ponta-esquerda Formiga, que era do Santos; e o uruguaio Jorge Caraballo, que atuava no Pisa, da Itália. Nenhum outro clube se atreveu tanto: foram 2,5 milhões de cruzados em contratações.

Carlos Alberto Silva tinha todas as armas na mão: o maior elenco, muito dinheiro e o apoio decisivo da diretoria. Deu-se ao luxo de ainda lançar um garoto dos juniores para compor o meio-campo: Uidemar, 21 anos, dono de um futebol elegante e promissor. Montou um time-base, que pouco foi modificado durante a maratona de jogos. A equipe foi ganhando conjunto. Jogava sempre com Eduardo, Válter, Gomes, Vavá e Paulo Silva; Carlos Alberto, Uidemar e Carlos Magno; Tarciso, Joãozinho Paulista e Formiga.

O Goiás no ataque, contra o Atlético: ganhando a decisão na virada

EDISON RESENDE

Apenas Formiga deu azar. Na metade do primeiro turno, ele vinha sendo a explosão do time e acabou contundindo-se. Ficou fora da equipe até quase o final do returno. Foi um pequeno problema, porém. Carlos Alberto Silva conquistou a liderança do grupo de jogadores. A vitória veio já na primeira fase da competição. Sem dificuldades, o Goiás mostrou uma campanha invejável: em 21 partidas, só perdeu duas vezes — uma no interior (2 x 1 para o Anápolis) e outra num clássico (Vila Nova, 1 x 0).

EDISON RESENDE

O técnico Carlos Alberto Silva: muito apoio numa campanha invejável

CHANCE AOS RIVAIS — Fosse um campeonato de pontos corridos, o Goiás seria o campeão direto, sem apelação. O regulamento, porém, dava a derradeira chance aos adversários no hexagonal final. Aí, o Atlético mostrou que passaria a ser o único a ameaçar a conquista alviverde. Na tabela, chegou a estar dois pontos à frente. Fora de campo, seus dirigentes ofereciam gordos bichos, tanto para seus jogadores como para os rivais do Goiás. De nada adiantou, porém. Goiás e Atlético chegavam à última rodada para decidir o título com o verdão necessitando de um empate para ser campeão sem a necessidade de se realizar uma partida extra.

Ao Atlético, só a vitória interessava naquele domingo, 10 de agosto. Seus jogadores entraram em campo estimulados por uma promessa de prêmio de 20 000 cruzados a cada um. Quem acabou lucrando mesmo foi a torcida de 30 000 pessoas no Serra Dourada. Foi uma partida emocionante, com o Goiás fazendo 2 x 1, de virada.

"O Goiás é o grandão do Brasil Central", berrava o presidente Haile Pinheiro. Carlos Alberto Silva, mais comedido, também não deixava de vibrar: "O Campeonato Goiano só não é mais difícil que o Paulista". Os jogadores, ainda no campo, misturavam-se à alegria e ao coro da torcida: "Goiás é campeão, Goiás é o maioral, que venha o Nacional".

Jorge Kajuru

Artilheiro

Também na tábua de artilheiros do campeonato o Goiás foi maioral. Três jogadores alviverdes terminaram empatados com nove gols. Joãozinho Paulista, 29 anos, natural de Campinas (SP), passou pelo Atlético-MG, Brasil, CRB, Internacional-RS e XV de Piracicaba. Goleador nos momentos importantes, disputou 31 dos 32 jogos do time.

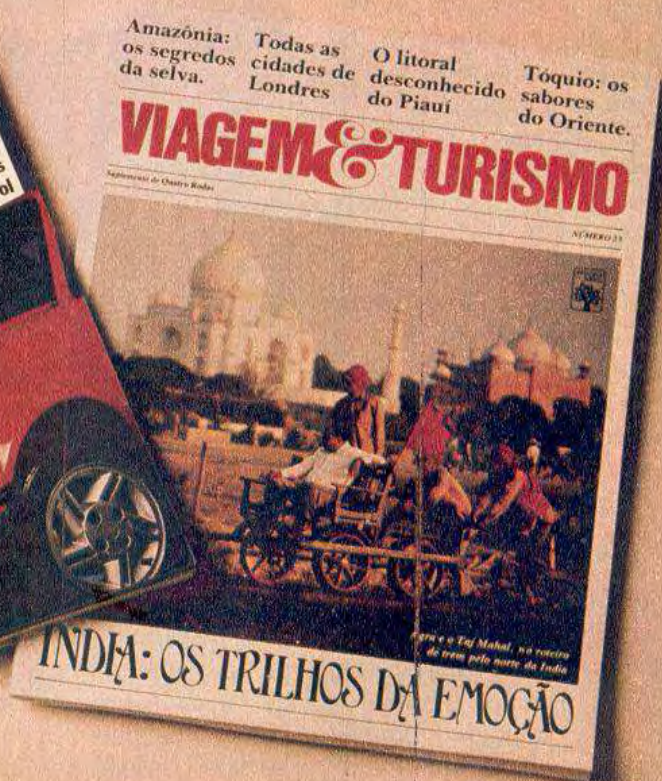
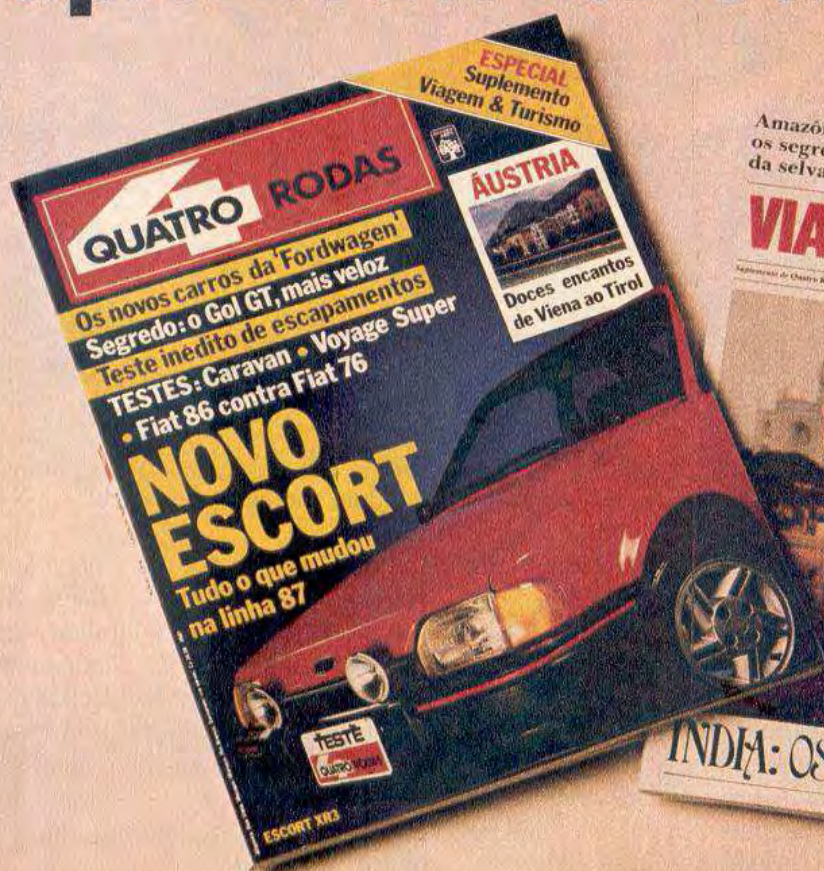
Carlos Magno acabou sendo o astro da decisão. Goiano de Piracanju, 23 anos, ele começou a carreira nas categorias inferiores do próprio Goiás. Por fim, o volante Carlos Alberto, 25 anos, goiano de Vianópolis, também prata da casa. Eleito pela torcida pela terceira vez o melhor jogador do campeonato, Carlos Alberto anotou o gol decisivo, arrastando a defesa atleticana. Seu futebol foi recentemente elogiado por João Saldanha e o jovem craque espera transferir-se em breve para um grande centro.

Carlos Alberto, Joãozinho Paulista e Carlos Magno

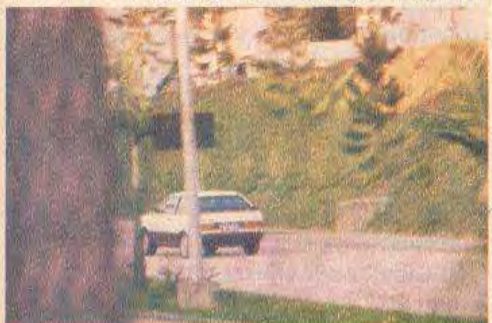
Campanha

Para conquistar o título, o Goiás disputou 32 jogos. Conseguiu 21 vitórias, oito empates e apenas três derrotas. O ataque também foi muito bem: marcou 49 gols enquanto a defesa sofreu 13. Seus resultados:

Itumbiara: 2 x 0, 0 x 0, 2 x 0 e 0 x 1
Vila Nova: 1 x 0, 0 x 1, 1 x 1 e 1 x 0
Goiânia: 2 x 1 e 0 x 0
Goianésia: 4 x 0 e 1 x 0
Ceres: 1 x 0 e 2 x 0
Anápolis: 1 x 2, 5 x 0, 1 x 0 e 3 x 0
Anapolina: 1 x 0 e 2 x 1
Rio Verde: 0 x 0, 1 x 1, 0 x 0 e 4 x 2
América: 1 x 0 e 5 x 0
Goiatuba: 1 x 1 e 2 x 1
Atlético: 2 x 0, 1 x 0, 0 x 0 e 2 x 1

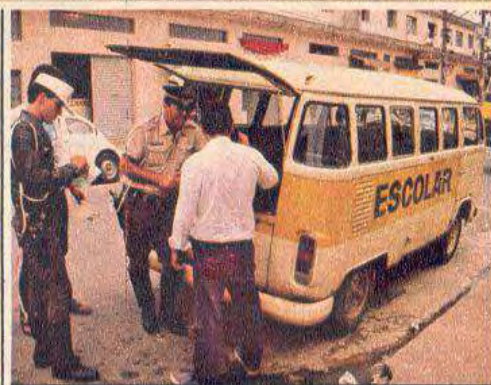
Quatro Rodas dá o melhor Suplemento Turístico pra você!

Comprando *Quatro Rodas*, você ganha *Viagem e Turismo*, um suplemento especial que vai facilitar sua vida na hora de viajar por terra, mar ou ar – pelo Brasil ou pelo mundo.

Viagem e Turismo traz roteiros maravilhosos, sugere excursões, relaciona os eventos de cada mês e ainda dá as tarifas aéreas dos vôos, inclusive os de tipo charter, nacionais e internacionais.

Tem muito mais em *Quatro Rodas*:

Segredo: o novo Gol GT, com fotos inéditas e exclusivas.

- Como identificar e eliminar barulhos indesejáveis do seu carro.
- Todas as calotas existentes no mercado para você escolher.

Escapamentos: *Quatro Rodas* testou, em um Gol, o original e mais 6 esportivos. Veja qual o melhor.

- Escort 87. As inovações do motor e do visual.
- Os carros que poderão surgir do acordo entre a Ford e a Volks.

Crianças em perigo! *Quatro Rodas* denuncia a situação do transporte escolar no Brasil.

- Turbos Europeus: para você ver como andam os carros do futuro.
- Testes: Caravan, Voyage e o comparativo entre Fiat 76 e Fiat 86.
- E muito mais!

Nas bancas

FINAL FELIZ

Com a paralisação do campeonato, o time conseguiu se arrumar e surpreendeu na decisão

A Paraíba tinha um motivo extra para torcer este ano. O Campeonato Paraibano de 1985 foi parar na Justiça e, depois de muita confusão, ficou sem campeão. O Botafogo — último campeão, em 1984 — começou mostrando firmeza e conquistou o primeiro turno. No segundo, porém, a situação se inverteu completamente: o Botafogo terminou em sétimo lugar e o time caiu em descrédito. O temível adversário Treze, campeão do segundo turno, já passava a ser considerado o virtual vencedor.

ORDEM NA CASA — Por sorte, o Botafogo contou com a paralisação de 30 dias para a Copa do Mundo. Foi o tempo necessário para colocar ordem na casa. Vítor Hugo, um volante que brilhou no Grêmio e Palmeiras, era então o técnico. Desgostoso com as pressões dos dirigentes e torcedores, ele pediu para ser afastado da função. Queria voltar a jogar. Para seu lugar, veio o técnico Mauro Fernandes, que estava trabalhando no Campinense. Trouxe consigo o preparador físico Marcos Melo, muito conceituado no Nordeste. Passaram a treinar o elenco em dois períodos.

Os resultados puderam ser vistos logo na primeira partida da decisão. Em Campina Grande, no Estádio Ernâni Sátiro, o Amigão, mesmo no território adversário, o Botafogo mostrou raça e técnica de sobra. Venceu por 1 x 0 e ganhava a vantagem do empate para a finalíssima, em João Pessoa. "Sabia que teria muitas dificuldades ao assumir o comando do Botafogo àquela altura", confessa Mauro Fernandes. O time, é verdade, vivia também uma séria crise financeira. O dirigente Baltazar Iglésias teve de arrumar às pressas um empréstimo de 150 000 cruzados para pagar os salários atrasados.

O Botafogo entrou mais tranqüilo para a finalíssima, dia 13 de julho, no Estádio José Américo de Almeida Filho. Liderado por Vítor Hugo, o time venceu sem dificuldade por 3 x 1. "Acredito que fui importante nesta conquista dentro e fora de campo", vangloria-se o jogador. "Cumpri meu dever." Terminada a partida, a torcida invadiu o gramado, mas a forte chuva impediu uma comemoração mais prolongada. Os torcedores saíram em pequenos grupos e foram festejar em bares da orla marítima de João Pessoa. A euforia era total. Afinal, o Treze prometia entrar na Justiça para reclamar do regulamento da fase final, caso o Botafogo não ganhasse as duas. E mais uma vez a Paraíba corria o risco de não ver um campeão. Um campeão com todos os méritos, como o Botafogo.

Martins Neto

Na decisão contra o Treze: euforia total

ARTILHEIRO

Enoir e Vamberto

Em razão de sua queda de produção no segundo turno, o Botafogo acabou marcando poucos gols durante a competição — foram 27 ao todo. Nenhum de seus jogadores, portanto, conseguiu chegar perto do artilheiro Garrinchinha, do Nacional de Cajazeiras, com 13 gols. Dois botafoguenses terminaram com seis gols. Enoir Pinto Pereira, gaúcho de Cruz Alta, 30 anos, foi o herói do time na conquista do primeiro turno. Vamberto Ferreira da Silva, paraibano de Patos, tem 26 anos e é um atacante agressivo e valente, sempre perigoso na área.

Enoir

Vamberto

Os gols de Vamberto foram decisivos. Marcou o 1 x 0 contra o Treze, em Campina Grande, e fechou o 3 x 1, em João Pessoa.

CAMPANHA

Para conquistar o título, o Botafogo realizou 20 jogos. Venceu dez, empatou seis e perdeu quatro. Seu ataque fez 27 gols e a defesa sofreu 21. Todos os resultados:

Nacional de Cajazeiras: 1 x 0 e 1 x 1
Esporte: 2 x 0 e 0 x 0
Nacional de Patos: 1 x 0 e 1 x 3
Guarabira: 1 x 2 e 0 x 0
Auto Esporte: 3 x 1 e 1 x 0
Campinense: 3 x 2 e 1 x 1
Santos: 1 x 0 e 2 x 2
Santa Cruz: 0 x 0 e 2 x 4
Treze: 3 x 2, 0 x 2, 1 x 0 e 3 x 1

BOTAFOGO — CAMPEÃO PARAIBANO DE 1986

FOTO: JOSÉ RIBAMAR

Em pé: Fernando Florêncio (médico), Cleonaldo, Vítor Hugo, Silvar, Aluísio, Cícero, Beline, Marcos Melo (preparador físico) e Mauro Fernandes (técnico); agachados: Lima (massagista), Lico, Jorge Bonga, Vamberto, Dagoberto, Riva e Zominha (roupeiro)

CRB — CAMPEÃO ALAGOANO DE 1986

FOTO ARLINDO TAVARES

Em pé: Aprígio Jorge (diretor de futebol), Waldemar Correia (presidente), Givanildo (técnico), Adeíldo, Marcus, Saulo, Melo, Assis, Jóbson, Lázaro, Jairo, Carlos, Reinaldo e José Santos (assistente técnico); agachados: Rogério, Givaldo, Nei, Fanta, Sérgio, Seixas, Ricardo e Zé Paulino (massagista)

TÍTULO HISTÓRICO

Pela primeira vez na era do Estádio Rei Pelé, um time conquista o campeonato invicto arrasando os adversários

Desde a existência do Estádio Rei Pelé, inaugurado em 1970, o Clube de Regatas Brasil jamais havia conseguido realizar uma campanha tão notável e cheia de brilho como foi a conquista do Campeonato Alagoano de 1986. O CRB tornou-se o campeão com o melhor futebol ao longo da competição. E mais: terminou invicto, feito inédito na era do Estádio Rei Pelé.

O começo, na verdade, foi difícil para o clube. Antes do início do campeonato, o CRB estava mergulhado numa profunda crise financeira — sua sede estava até ameaçada de ir a leilão para o pagamento de débitos com a previdência social. O clube não tinha nem presidente.

Foi quando o empresário hoteleiro Waldemar Correia resolveu topar o desafio e assumir o CRB. Ele mesmo saiu à cata de reforços, para mesclar com jogadores pratas da casa. Fez quatro contratações: o meio-campista Luís Fernando, do Internacional de Santa Maria (RS), o ponta-direira Édson, do Fluminense do Rio, e os atacantes Ilo, do Juventus paulista, e Careca, ex-Nacional de Manaus. Trouxe ainda de Pernambuco o técnico Givanildo, 38 anos, com a experiência de ter jogado no Corinthians, Fluminense, Seleção Brasileira e de ter sido treinador do Sport e Náutico.

MAURÍCIO COUTINHO

Givanildo: técnico vencedor

Foi uma campanha arrasadora. Para a torcida, ganhar um campeonato já é bom. Imagine então vencer invicto, sem perder um único jogo para o inimigo CSA. Enfrentaram-se cinco vezes — três empates e duas vitórias do CRB. Seu ataque foi o melhor do campeonato e sua defesa, a que tomou menos gols. Venceu o primeiro e o segundo turnos, e evitou até uma decisão de melhor de quatro pontos para se apontar o campeão.

Consciente em campo do começo ao fim e confirmando a superioridade técnica, que tomou conta da equipe a partir da metade do torneio, o CRB não deu chance ao CSA no jogo final, que decidia o segundo turno no dia 26 de maio. É certo que tomou 1 x 0, mas dois gols de Ilo provocaram a virada e a conquista do título. "É o meu primeiro campeonato como treinador", exultava o técnico Givanildo. "E, para quem tem apenas três anos de profissão, representa muito." O mais orgulhoso de todos era o empresário Waldemar Correia: "Agora vamos aguardar que o presidente do CSA venha colocar a faixa de campeão na gente".

Bernardino Souto

ARTILHEIRO

Ilo

A passagem do goleador Ilo pelo CRB foi rapidíssima: chegou a Maceió no início do campeonato e foi embora logo após a última partida. Disputou 16 jogos e marcou dez gols — nada menos que oito foram feitos de cabeça. "Cabecear é o meu forte", reconhece ele.

Ilo Bonfante tem 29 anos, 1,80 m e pesa 78 kg. Antes do CRB, jogou em seu Estado natal, o Rio Grande do Sul, pelo 14 de Julho, de Passo Fundo, e São Borja. Transferiu-se depois para o Juventus, de São Paulo. Ilo é dono do próprio passe e atualmente está sem clube. Apenas descansa no Rio Grande do Sul. Ilo mesmo se define como um centroavante corajoso e trombador. Tornou-se ídolo em Maceió, ainda mais com os dois gols que marcou na decisão contra o CSA, jogo que o CRB venceu de virada.

CAMPANHA

Campeão invicto, o CRB empatou oito vezes e venceu 15 de seus 23 jogos no Campeonato Alagoano. O ataque marcou 36 gols e a defesa sofreu apenas cinco. A campanha:

Capelense: 0 x 0, 0 x 0 e 1 x 1
São Domingos: 1 x 0 e 1 x 0
CSE: 5 x 0, 3 x 0, 1 x 0, 2 x 0 e 1 x 1
Penedense: 0 x 0 e 4 x 0
Ferroviário: 2 x 1 e 4 x 0
ASA: 2 x 0, 1 x 0, 2 x 0 e 2 x 0
CSA: 0 x 0, 0 x 0, 0 x 0, 2 x 1 e 2 x 1

Quem mais quer experimentar gratuitamente este novo processo para perder a barriga sem privações? Sua cintura deve diminuir pelo menos 6 cm desde a primeira semana, caso contrário a experiência não lhe terá custado nada!

O Célebre meia da Seleção Uruguaia e do S. Paulo F.C.

PEDRO ROCHA,

revela:

"Eis como perdi, em menos de 6 semanas, os 12 quilos à mais que adquiri quando parei de jogar futebol!"

Depoimento Exclusivo

Pergunta: Pedro Rocha, você possui uma cintura de fazer inveja à muitas mulheres. Como você conseguiu?

Resposta: Desde que deixei de fumar não parei mais de engordar. E, como não queria me privar de minhas boas refeições, não encontrava solução... até o dia que ouvi falar do colete para modelar e emagrecer **D.R. SPENCER Especial.**

P.: É uma espécie de colete elástico?

R.: Absolutamente! Ele não é feito para comprimí-lo e dar a impressão de estar magro. É um colete concebido especialmente para fazê-lo emagrecer. Você o coloca, e quando o tira, realmente emagreceu.

P.: Ele não incomoda?

R.: De maneira nenhuma. Primeiramente ele é macio como veludo e seu contato é muito agradável. Por outro lado, também não aperta nem atrapalha os movimentos. Depois, não é preciso usá-lo o tempo inteiro. Bastam apenas 30 minutos por dia, na hora que lhe fôr mais conveniente, depois, você não precisa mais usá-lo o resto do dia. E cada vez que você o retira, constata, dia após dia, que perde quilos e centímetros de cintura e da barriga.

*P.: Como explicar a ação emagrecedora do colete **D.R. SPENCER Especial?***

R.: Segundo o que entendi, ele age ao mesmo tempo através do **calor** e de **massagens.** É feito de uma mistura têxtil que atua como um acumulador do calor de seu corpo. Quando você o coloca sente uma agradável sensação de calor ativo. É o sinal de que o colete começa agir para derreter o excesso de água e gordura acumuladas ao redor da cintura e dos quadris. Esta textura especial produz uma massagem suave mas eficaz à cada movimento seu. Resumindo, ele ativa a eliminação das gorduras ao mesmo tempo em que enrijece os tecidos.

P.: E não há nenhum inconveniente?

R.: Absolutamente nenhum! Eis porque o recomendo não só à todos aqueles que precisam emagrecer, como também àqueles que apenas desejam manter a forma comendo o que quiserem. Aliás, conheço vários jogadores de futebol, atualmente em atividade, que utilizam o colete **D.R. SPENCER Especial** sistematicamente nos treinos.

P.: D.R. SPENCER Especial é tão eficaz para as mulheres como é para os homens?

R.: Certamente! Aliás muito mais mulheres do que homens o utilizam porque elas dão mais importância à seu aspecto.

Você gostaria de experimentar gratuitamente o novo colete emagrecedor **D.R. SPENCER Especial?**

O que funcionou para Pedro Rocha também funcionará para você.

Você constatará por si mesmo(a) todos os centímetros que conseguirá perder, dia após dia, de sua cintura e barriga. Isto sem fazer nenhum regime.

GARANTIA

Envie o cupom ao lado para um teste sem compromisso. Quando você receber seu colete **D.R. SPENCER Especial,** use-o 30 minutos por dia nos momentos que lhe forem mais convenientes. Antes de começar, pese-se e meça sua cintura e barriga, e no fim de uma semana veja quantos quilos e centímetros perdeu. Caso isto não aconteça, basta devolver seu colete **D.R. SPENCER Especial** a qualquer momento durante o período de teste de 60 dias, para receber, o mais tardar 5 dias após termos recebido sua devolução, todo o seu dinheiro de volta (menos despesas postais e de reembolso).

Você pode então fazer este teste por simples curiosidade, pois não arrisca perder um só cruzeiro.

Não hesite mais tempo. Envie hoje mesmo seu cupom e reencontre, sem esforço nenhum a silhueta que será motivo de admiração de todos aqueles que o(a) cercam!

Faça seu pedido por carta ou pelo telefone:

(011) 815-7822

Pedro Rocha

O.G.P. DO BRASIL
Rua Cardeal Arcoverde, 1557
CEP 05407 - São Paulo - SP

CUPOM PARA UM TESTE SEM COMPROMISSO

por 60 dias, do colete DR. SPENCER Special.

Este cupom deve ser recortado (ou copiado) e enviado à:

O.G.P. DO BRASIL PL - 850-A
Rua Cardeal Arcoverde, 1557
CEP 05407 - São Paulo - SP

☐ **SIM**, sua oferta de receber sem nenhum compromisso de minha parte o Colete **D.R. SPENCER Especial** me interessa. Se eu perder 12 quilos em menos de 6 semanas, eu o conservarei. Caso contrário, devolverei o colete à qualquer momento mas o mais tardar dois meses após tê-lo recebido. E neste caso serei reembolsado por um cheque de Cz$ 239,28 o mais tardar 5 dias após terem recebido minha devolução. Isto sem condições e sem que nenhuma pergunta me seja feita. Sob esta garantia queiram enviar-me em embalagem discreta sem marcas externas:

...."Colete(s) **D.R. SPENCER Especial**" (s) qual(is) estou enviando:

☐ cheque ☐ vale postal (AG. CENTRAL - CÓD. 400009), no valor de Cz$ 239,28 + Cz$ 6,70 para as despesas postais, ou seja, um total de Cz$ 245,98.

☐ prefiro pagar ao retirar no correio de minha cidade (reembolso postal) ao preço de Cz$ 270,60 mais o valor das despesas postais.

Indicar o tamanho: ☐ P (manequim 38/42); ☐ M (44/46); ☐ G (48/50); ☐ EG (52/54).

Nome: ....

Endereço: ....

Tel.: ....CEP: ....

Cidade: ....Est.: ....

Favor preencher à máquina ou em letra de forma

preços válidos por tempo determinado

REMO — CAMPEÃO PARAENSE DE 1986

FOTO: ABDIAS PINHEIRO

Em pé: Bracali, Jair, Toninho Silva, Zezinho, Luís Augusto, Pagani, Paulinho, Jurandir e Batalha; agachados: Filiba, Paulo de Tarso, Dadinho, Camargo, Mesquita, Fernandinho e Careca

ABDIAS PINHEIRO

Estádio Alacid Nunes, dia 17 de agosto: o ponta Careca, ex-Paysandu, mostra serviço contra a Tuna Luso

REMO

CAMPEÃO PARAENSE 1986

A LEI DO MAIS FORTE

O Leão Azul contratou jogadores e técnico dos rivais, montou um grande time e faturou o título depois de seis anos

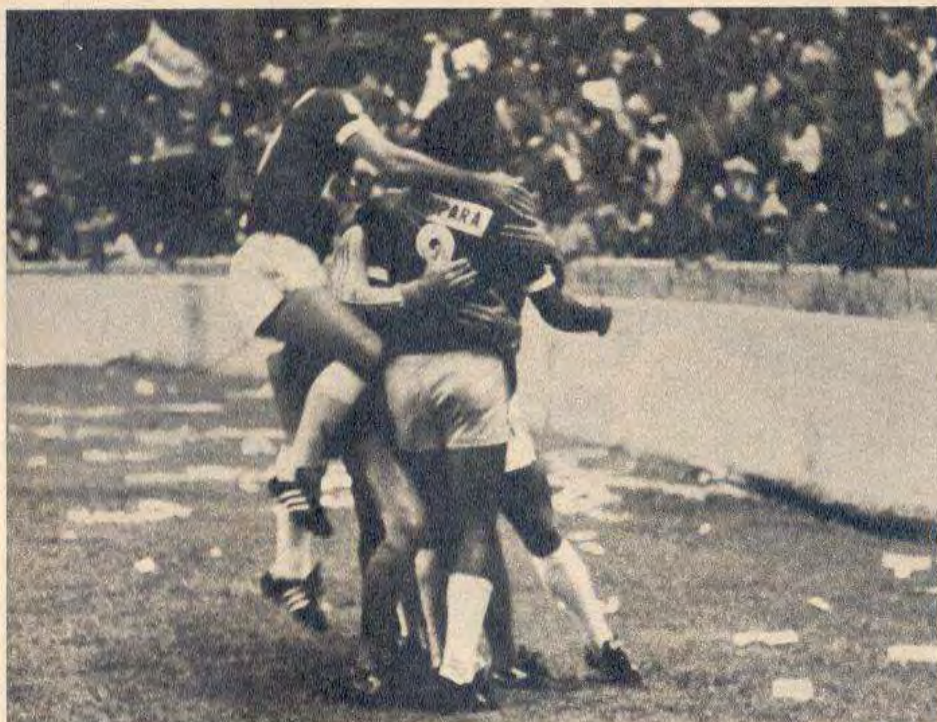
Um sensacional tri em 1979 e, depois, seis longos anos sem títulos. Para um clube como o Remo foi uma verdadeira eternidade. Afinal, é preciso voltar à década de 40 para verificar um período tão negativo na história do Leão Azul.

Pensando nisso, o presidente Hamílton Guedes, no início do ano, resolveu cuidar pessoalmente do departamento de futebol. Para ajudá-lo, chamou o comerciante Lero Batista, espécie de cartola profissional, que havia realizado um bom trabalho no pequeno Santa Rosa em 1985.

Por coincidência ou estratégia mesmo, começaram a enfraquecer o Paysandu — campeão do ano passado — para reforçar o time. Nada menos que cinco jogadores do rival trocaram de camisa. Entre eles, o goleiro Jurandir e o ponta-esquerda Careca. Do sul, vieram os ex-santistas Pagani e Toninho Silva, além do ponta Camargo, comprado do Atlético Paranaense.

Na contratação do novo treinador, também não houve economia. Joubert Meira, que já dirigiu o Flamengo, chegou com salários de 50 000 cruzados mensais, valor jamais pago por um clube paraense.

Em campo, o time mostrou muitos progressos em relação ao ano anterior. Realizou uma boa campanha e foi disputar a final do primeiro turno contra a Tuna Luso. Mas perdeu na decisão por pênaltis. Depois do insucesso, a situação de Joubert começou a perigar. E a derrota diante do Santa Rosa (1 x 2), no segundo turno, determinou sua queda. Descansando no Rio de Janeiro, onde aproveitava a paralisação do campeonato durante a Copa do Mundo, o técnico recebeu o bilhete azul por telefone.

Enquanto isso, na surdina, os ▷

FOTOS ABDIAS PINHEIRO

O artilheiro Dadinho (9) em mais uma comemoração: marcou dois gols na final

dirigentes do Remo conseguiram roubar o treinador da Tuna Luso. Paulo Mendes, que aceitou ganhar a metade do salário pago a Joubert, colocou ordem na casa. Venceu o returno e provocou a final contra seu ex-clube.

Desta vez, os azulinos não deram chance ao adversário. O zagueirão Pagani — o mais regular da equipe durante toda a campanha — comandou a defesa enquanto Toninho Silva e Mesquita dominavam o meio-campo. O gol veio com naturalidade, logo aos dez

Surpresa na decisão: não entregaram a taça para os vencedores

minutos. Camargo fez boa jogada pela direita e cruzou na medida para o artilheiro Dadinho. Com 1 x 0 no marcador, a torcida remista foi à loucura e passou a incentivar ainda mais o time.

SOLENIDADE DE CAMPEÃO — Cauteloso, entretanto, o Leão não se deixou levar pelo clima de festa que já tomava conta do Estádio Alacid Nunes. Recuou, esperou o rival gastar todas as suas energias e só partiu em velozes contra-ataques. Assim, aos 30 minutos do segundo tempo, repetiu-se a jogada do primeiro gol e Dadinho deixou mais uma vez sua marca. O desespero dos tunenses — que tentaram o tudo ou nada nos últimos minutos — propiciou o terceiro gol do Remo, marcado pelo lateral Jair. A Tuna ainda fez o gol de honra, no finalzinho da partida, quando os torcedores remistas já soltavam o grito de campeão, preso há seis anos em suas gargantas.

Um importante detalhe, porém, frustrou a festa da galera. Não havia taça para ser entregue aos vencedores. A Federação colocou a culpa no governo do Estado, que prometeu oferecer o troféu. Surpresos, os jogadores desceram logo para os vestiários enquanto a torcida insistia: ''Queremos a taça, queremos a taça''.

O incidente só foi resolvido duas semanas mais tarde, no dia 31 de agosto. O governador Jáder Barbalho, remista declarado, fez questão de entregar pessoalmente o prêmio ao grande campeão do Pará. Em uma solenidade para torcedor nenhum botar defeito, com banda de música e tudo mais.

Getúlio Oliva

ARTILHEIRO

Dadinho

''Estou cansado de morrer na praia'', lamentava Dadinho, antes das finais do Campeonato Paraense.

De fato, em quatro anos de clube, o centroavante remista havia participado de muitas decisões, mas jamais tinha tido o prazer de comemorar o título estadual.

Eduardo Soares, um paulista de 25 anos, revelado pelo Saad, de São Caetano do Sul (SP), desta vez sentiu o gostoso sabor da vitória. Mais que isso: foi o grande herói da conquista do Remo.

Além dos 17 gols, que lhe garantiram a artilharia do campeonato, demonstrou um espírito de luta fora do comum. Deu carrinhos na defesa, armou jogadas no meio-campo e fez diabruras no ataque.

Candidato pelo PT a deputado estadual, Dadinho certamente colherá muitos votos da agradecida torcida remista.

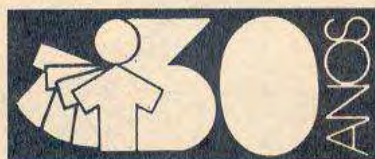
CAMPANHA

Para chegar ao 31.º título paraense, o Remo fez 16 jogos. Foram 12 vitórias, um empate e três derrotas. Marcou 28 gols e sofreu nove. A campanha:

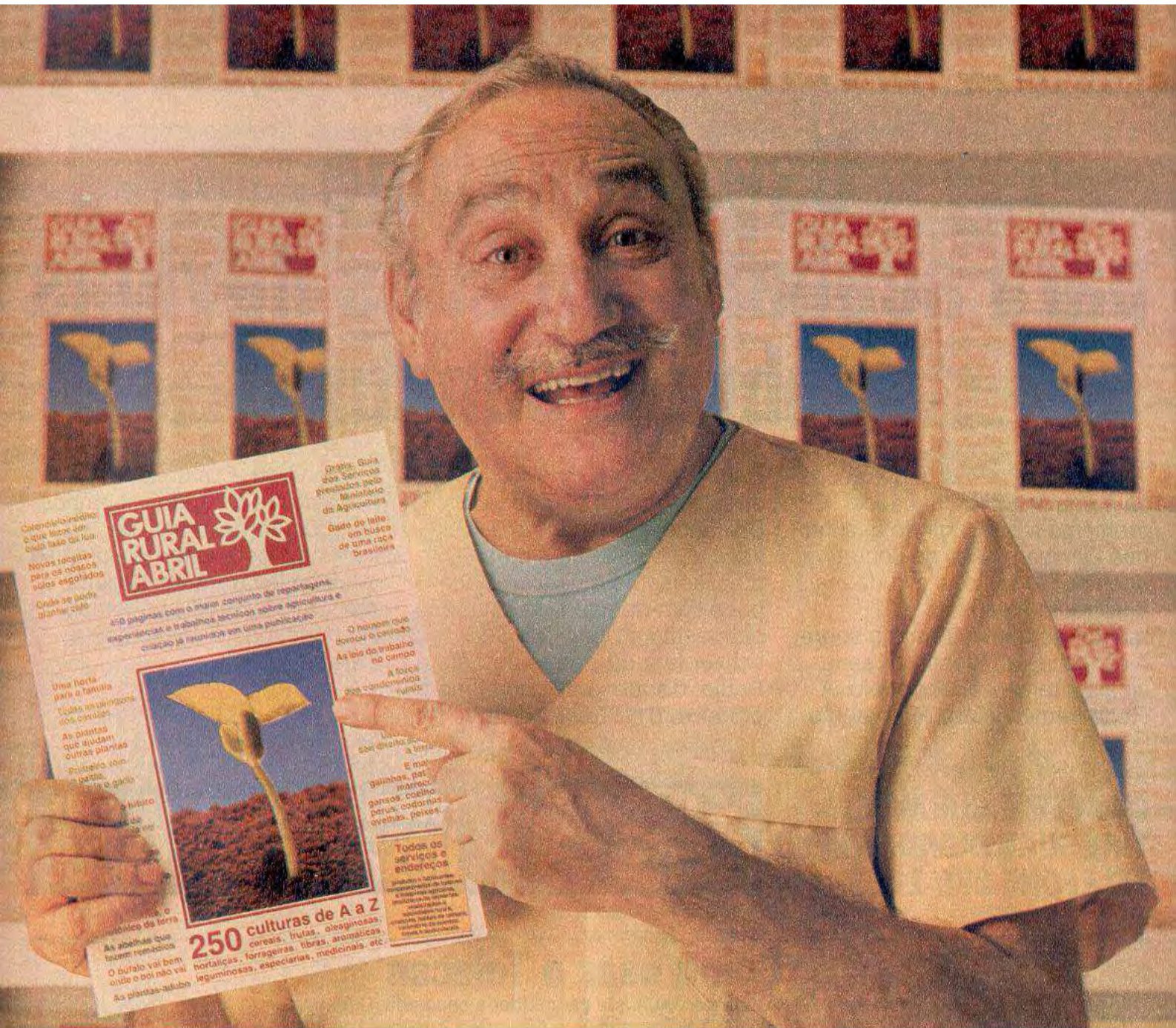
Sport Belém: 1 x 2, 5 x 0 e 1 x 0
Isabelense: 2 x 0 e 1 x 0
Santa Rosa: 3 x 0 e 1 x 2
Tuna Luso: 2 x 3, 1 x 1, 1 x 0 e 3 x 1
Paysandu: 1 x 0, 1 x 0 e 1 x 0
Tiradentes: 1 x 0 e 3 x 0

Use o telefone para acabar com suas dúvidas sobre o câncer.

Tem gente que morre de medo só de ouvir a palavra câncer. O problema é que fugir do assunto não elimina o risco de contrair a doença. Portanto, a atitude mais inteligente e sensata é manter-se bem informado sobre o câncer. Para identificar seus sinais a tempo. E derrotá-lo. A Rede Feminina de Combate ao Câncer quer deixar você bem orientado sobre a doença. Discando o Telecan, 270-1233, você ouve respostas para 60 dúvidas sobre o câncer. Você pode ligar de casa, do escritório ou mesmo do orelhão. Se estiver fora da cidade de São Paulo, disque, antes do número, o prefixo 011. Esse serviço funciona de 2.ª a 6.ª feira, das 8 h às 18 h, e não funciona nos feriados. **Importante:** as informações prestadas por esse telefone levaram muita gente a procurar um médico a tempo. Portanto, use e abuse do Telecan.

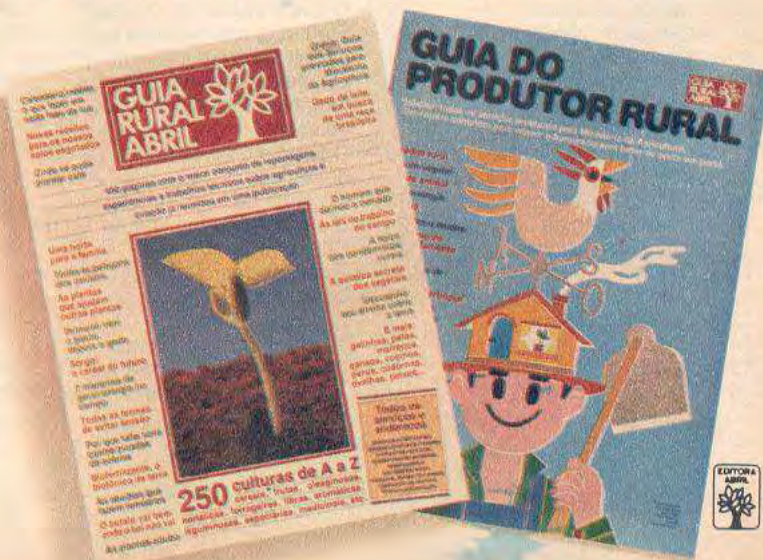
CÂNCER É CURÁVEL. TIRE SUAS DÚVIDAS PELO TELEFONE 270-1233.

Como usar o Telecan

Disque 270-1233. Uma voluntária irá atender à chamada. Consulte a relação de temas do Telecan abaixo e diga a ela o número da informação que deseja obter. Imediatamente você ouvirá sua resposta.

01 — O que é câncer?
02 — Palavras do capelão de um hospital.
03 — Câncer no adulto.
04 — Câncer no cérebro.
05 — Câncer da boca.
06 — Câncer da garganta.
07 — Câncer da tiróide.
08 — Câncer da tiróide após tratamento radioativo de cabeça e pescoço.
09 — Câncer da laringe.
10 — Reabilitação da fala após o câncer da laringe.
11 — Câncer do esôfago.
12 — Câncer do estômago.
13 — Câncer do fígado.
14 — Câncer do pâncreas.
15 — Câncer do rim.
16 — Câncer da bexiga.
17 — Descoberta precoce do câncer no intestino.
18 — Câncer no intestino e no ânus.
19 — O que é câncer do pulmão?
20 — Sintomas e tratamento do câncer no pulmão.
21 — Os efeitos do fumo em não-fumantes e os direitos que estes têm.
22 — O fumo e os problemas dentários.
23 — O perigo do fumo na gravidez.
24 — Diálogo sobre fumar e ter saúde.
25 — Câncer e álcool.
26 — Tumores dos olhos.
27 — Leucemia na criança.
28 — Linfomas da criança.
29 — Tumor do rim da criança.
30 — Neuroblastoma da criança.
31 — Aumento do baço na criança.
32 — Doença de Hodgkin.
33 — Câncer dos ossos e na coluna vertebral.
34 — Câncer da pele.
35 — Melanoma maligno (verrugas, pintas etc.).
36 — Linfomas e melanomas múltiplos.
37 — Câncer da mama.
38 — Câncer do seio — aprenda a examinar os seios.
39 — Mamografia.
40 — Câncer do ovário.
41 — Câncer do útero.
42 — O que é teste papanicolau, que toda mulher deve fazer uma vez por ano?
43 — Câncer da vagina e doenças venéreas.
44 — Câncer da mama no homem.
45 — Câncer da próstata.
46 — Câncer do pênis e doenças venéreas.
47 — Quimioterapia.
48 — Métodos não aprovados para o tratamento do câncer.
49 — Perguntas que o povo faz sobre o câncer - I.
50 — Perguntas que o povo faz sobre o câncer - II.
51 — Câncer do baço.
52 — Mieloma.
53 — Leucemia do adulto.
54 — Novos tratamentos.
55 — Umunologia.
56 — Aids.
57 — Câncer do sistema nervoso.
58 — Infecção na criança com câncer.
59 — Raios laser e câncer.
60 — Tomografia computadorizada.

"Chegou mais Guia Rural Abril"

O maior sucesso do ano está de volta às bancas. Se você tem fazenda, sítio ou quintal não pode perder mais essa oportunidade de ter o Guia Rural Abril, o único que tem toda informação que você precisa para produzir mais e gastar menos.

- 250 culturas detalhadas. O que plantar, quando, como e onde.
- Da abelha ao búfalo, as criações estão no Guia Rural Abril.
- 400 páginas onde você encontra 14.000 serviços e endereços que vão facilitar sua vida.

Guia Rural Abril. Um grande sucesso no campo e nas bancas.

SAMPAIO CORREA — TRICAMPEÃO MARANHENSE 1984/85/86

PLACAR

FOTO: JAIRO BRASIL

Em pé: Walter Cruz (vice-presidente), Pedro Vasconcelos (presidente), Marcial, Ivanildo, Sérgio, Zé Carlos, Luís Carlos, Moreira, Geraldo Duarte (tècnico), Ademar Vandes (preparador físico) e Lucas (mordomo); sentados: Rui (enfermeiro), Pereira (administrador), Marco Antônio, Joãozinho, Renato, Gil Lima, Meinha, Paulo e Paulo Cabrera (supervisor); agachados: Ernâni Luz (massagista), Orlando, Maurício, Paulo Sérgio, Bimbinha, Joel (roupeiro) e Luís Carlos (auxiliar)

UM TRI MILAGROSO

O time mais popular do Maranhão divide seus agradecimentos entre São José de Ribamar e o goleiro Moreira

A alegre procissão que saiu de São Luís rumo ao município de São José de Ribamar, a 37 km de distância, no dia 17 de agosto passado, pagava com fervor as promessas feitas ao santo de sua devoção. São José de Ribamar, o protetor do Sampaio Correa, teve uma temporada pródiga em milagres. Naquele mesmo dia 17, ao empatar sem gols com o Maranhão, o Sampaio Correa alcançava uma façanha inédita em sua história: invicto no torneio, sagrava-se tricampeão maranhense.

A fama de milagreiro, porém, não ficou apenas creditada ao santo. O goleiro Moreira também foi canonizado pela torcida. Ele veio do São Paulo para preencher justamente o ponto mais fraco da equipe nas últimas temporadas. E sua excelente campanha pode ser medida pelos espantosos números que conseguiu no campeonato: em 20 jogos deixou passar apenas quatro gols. Mais ainda: chegou a passar 1 297 minutos sem tomar gol, ou seja, mais de 14 jogos. Moreira foi também um dos heróis do empate final com o Maranhão no Estádio Governador João Castelo. Ali, um fato curioso mostrou que as quadrilhas do futebol atacam em todos os centros do país, até na terra do presidente José Sarney. Time mais popular do Estado, o Sampaio Correa levou uma multidão ao estádio para ver a conquista do tri. Mais de 3 000 pessoas tiveram de voltar para casa,

FOTOS JAIRO BRASIL

Moreira: 1 297 minutos sem levar gol e vencido apenas quatro vezes em 20 jogos

O presidente Vasconcelos (ao centro): **em três anos de gestão, três títulos**

pois os 20 000 ingressos estavam esgotados e o Castelão, lotado. No entanto, a renda de 150 000 cruzados só correspondia à venda de 15 000 entradas.

HERÓIS DO TRI — Outro dos heróis do tri foi o capitão Zé Carlos, médio de fôlego inesgotável. Ele é um baiano de Itabuna, 28 anos, que há cinco milita com grande sucesso no futebol maranhense. Foi bicampeão pelo Moto em 1982 e 1983 e há dois anos é o incansável comandante do Sampaio Correa. Contamina os companheiros com uma garra incomum, grita e incentiva a equipe nos momentos difíceis. Ali no meio-campo brilhou também o veterano Meinha, de fina técnica e abrindo caminho para os gols dos parceiros. O mais oportunista deles, Joãozinho, acabou como artilheiro do campeonato, junto com Neco, do Maranhão, ambos com sete gols.

Fora do campo, brilhou a estrela do jovem empresário Pedro Vasconcelos, de 37 anos: em três anos de presidência, conquistou três campeonatos seguidos e o sonho do tri. Vasconcelos montou o time atual, que tem como destaques ainda os zagueiros Ivanildo e o agressivo lateral Paulo.

LEGIÃO DE FORASTEIROS — Os planos de Pedro Vasconcelos não se restringem ao âmbito estadual. Pensando em montar um elenco que honre o título de tricampeão maranhense na Copa Brasil, o empresário foi buscar vários reforços para o Sampaio Correa. Só do Novorizontino, de São Paulo, trouxe quatro deles: o lateral-direito Biluca, o zagueiro-central Dedê, o meio-campo Rubinho e o centroavante Santana. No Paraná, ele contratou o ponta-esquerda Marquinho, do Londrina. O outro ponta, Edinho, veio do Ferroviário, do Ceará. E até gente que estava fora do país veio prestar serviços ao Sampaio Correa: o zagueiro Luís Cláudio e o meia Raimundinho, do Barcelona de Guaiaquil, do Equador. O problema será o técnico Geraldo Duarte conseguir entrosar esses forasteiros e montar um time coeso e capaz de conquistar glórias inéditas para o Sampaio Correa e para o futebol do Maranhão dentro da Copa Brasil.

José Branco

ARTILHEIRO

Joãozinho

Artilheiro do Campeonato Maranhense, junto com Neco do Maranhão, com sete gols, Joãozinho é um autêntico talismã do Sampaio Correa. Desde que chegou ao clube, em fins de 1983, a equipe ganhou os três campeonatos estaduais. Nascido em São Luís, João de Fátima Néri Ferreira, de 26 anos, era dos juvenis do Moto e ficou ali até 1982, quando jogou uma temporada no Tupã. Mas foi a partir do momento em que passou ao Sampaio Correa que o futebol desse atacante de 1,70 m começou a aparecer. Rápido, bom driblador e chutando forte com ambos os pés, ele é um perigo para as defesas. Corajoso, não se assusta com a violência, e na atual temporada marcou gols em momentos cruciais, definindo jogos que levaram o time ao tricampeonato.

CAMPANHA

Para conquistar o primeiro tricampeonato de sua história e seu 20.º título maranhense, o Sampaio Correa realizou 20 jogos. Conseguiu 13 vitórias e sete empates, finalizando invicto. Seu ataque marcou 28 gols e a defesa sofreu apenas quatro. Seus resultados:

Expressinho: 3 x 1
Imperatriz: 4 x 1, 0 x 0, 2 x 0, 2 x 0 e 3 x 0
Maranhão: 0 x 0, 2 x 0, 1 x 1 e 0 x 0
Boa Vontade: 0 x 0
Tocantins: 2 x 0
Vitória do Mar: 1 x 0 e 2 x 0
Tupã: 0 x 0, 1 x 0 e 2 x 1
Americano: 2 x 0
Moto: 1 x 0 e 0 x 0

OPERÁRIO — BICAMPEÃO MATO-GROSSENSE 1985/86

FOTO: MIGUEL ÂNGELO

Em pé: Nei Dias, Panzarielo, Genílson, Alencar, Laércio, Vandeir e Aílton Lima; agachados: Guerreiro, Jota Maria, Calango e Ivanildo

UM INDISCUTÍVEL BI

Os operarianos sempre estiveram em desvantagem, mas na hora da decisão não deram chances ao Mixto

Ao contrário do ano passado, o Operário não negou suas origens. Desta vez, o presidente Edivaldo Ribeiro abriu mão de jogadores famosos e montou um time sem grandes estrelas. No lugar de Marião, ex-São Paulo, e Lúcio, ex-Flamengo, vieram os desconhecidos Guerreiro, Duda e Oséias, revelados pelo modesto Barra do Garças.

Assim, o clube de Várzea Grande — cidade industrial de 100 000 habitantes, separada da capital pelo Rio Cuiabá — conseguiu identificar-se ainda mais com sua fiel torcida. Com humildade e muita garra, ele partiu decidido para a conquista do bi. Logo no início, mostrou sua força goleando o Palmeiras, em Diamantina, por 8 x 0. No quadrangular final do primeiro turno, contudo, foi derrotado pelo Mixto (0 x 1) e deu ao rival a vantagem de jogar o returno com um ponto de bonificação.

Preocupado, o técnico Antônio Malaquias tratou de reforçar a equipe com jogadores mais experientes. O ponta Jota Maria, ex-Corinthians, chegou para dar mais agressividade ao ataque. Mazola veio do América de São José do Rio Preto (SP) e, nas últimas partidas, Malaquias pôde contar também com a volta do veterano Mosca, depois de um longo período de afastamento por contusão.

FOTOS MIGUEL ANGELO

Jota Maria: reforço no segundo turno

Além de brigar em campo para descontar a vantagem do Mixto, os operarianos travaram uma longa batalha no Tribunal de Justiça Desportiva. É que o União, de Rondonópolis, abandonou o campeonato e, para salvaguardar seus direitos, o clube de Várzea Grande solicitou a devolução do ponto que havia perdido para aquela equipe (1 x 1). O pedido, entretanto, não foi atendido e favoreceu o rival alvinegro, que obteve outro ponto extra para o quadrangular final do segundo turno.

VITÓRIA NO CAMPO — "Não faz mal, o futebol não se ganha nos bastidores", afirmou o presidente Ribeiro. "Vamos derrotá-los na bola." Os dois times terminaram com o mesmo número de pontos e foi necessária uma melhor de quatro pontos para decidir o quadrangular. O Operário precisou de apenas dois jogos para mostrar que era o melhor (1 x 0 e 2 x 1).

Na nova série de partidas, que decidiram finalmente o título, os operarianos conseguiram outra vitória (2 x 0) e dois empates (ambos por 2 x 2). Foi o bi que a torcida queria. Indiscutível, sem ajuda do tapetão e, de novo, em cima do maior rival.

José R. Trindade

ARTILHEIRO

Sérgio Luís

Apesar de ser ponta-de-lança, Sérgio Luís é emérito goleador. Marcou dez gols no campeonato deste ano e foi seu artilheiro principal. Sérgio Luís tem 28 anos e começou a carreira no Santos. Passou pelo Guarani de Campinas e pelo Atlético Goianiense, antes de ingressar no futebol do Mato Grosso. Defendeu o Mixto em 1984 e está no Operário há dois anos. É o único tricampeão mato-grossense: em 1984 pelo Mixto e nas duas últimas temporadas pelo Operário.

Seus chutes são violentos e certeiros, suas cabeçadas são mortais. Embora já tenha jogado em grandes centros, ainda sonha voltar a defender um time de maior expressão nacional. Antes da decisão contra o Mixto sofreu uma contusão no olho direito e não pôde atuar na última partida.

CAMPANHA

Em 29 jogos, o Operário conseguiu 15 vitórias, 11 empates e teve apenas três derrotas. Marcou 52 gols e sofreu 18. A campanha:
Palmeiras: 8 x 0 e 10 x 0
Atlético: 0 x 0 e 1 x 1
Mixto: 0 x 1, 0 x 1, 3 x 1, 2 x 2, 1 x 1, 0 x 0, 1 x 0, 2 x 1, 2 x 2, 2 x 0 e 2 x 2
União: 1 x 0, 2 x 1, 1 x 0 e 1 x 1
Dom Bosco: 0 x 0, 1 x 1, 1 x 0, 2 x 1, 0 x 1 e 2 x 0
Barra do Garças: 1 x 0, 1 x 1, 3 x 0 e 2 x 0

A part
no paulist
por todo
travessia
no territó
por todas
Essa med
convênio
— Superi
rinha Me
Transpor
lar, Adri
o docum
os dirig
Rio de J
Ent
objetiva
portes
cidir e
empre
execuç
ou qu
ressal
vias f
T
"a in
regul
autor
por e
sia n
mo
cobr

Editora Abril

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretores: Roberto Civita, Edgard de Silvio Faria, Angelo Rossi, Ike Zarmati, José Augusto P. Moreira, Plácido Loriggio, Raymond Cohen, Ricardo A. Fischer, Roger Karman, Thomaz Souto Corrêa

PLACAR

Diretor-Gerente: Thomaz Souto Corrêa

Diretor de Grupo: Juca Kfouri
REDAÇÃO
Diretor: Carlos Maranhão
Redator-Chefe: Mário Sérgio Della Rina
Editor-Executivo: Tonico Duarte
Editores: Débora Chaves, Marcelo Duarte, Marcos Barrero, Zuba Coutinho
Repórteres: Ari Borges, Betise Assumpção, João Carlos Rodriguez, Marcelo Laguna, Nélson Urt, Ubiratan Brasil
Editor de Fotografia: Carlos Fenerich
Fotógrafos: Levi Mendes Júnior, Nélson Coelho, Sérgio Berezovsky
Chefe de Arte: Afonso Luiz Grandjean Pinto; **Assistentes:** Alberto S.L. Magalhães, Nelves, Sérgio Prado Martins, Walter Mazzuchelli
Paste-up: José Dionisio Filho, José da Luz Tenório, Nilson Piovesan
Secretário de Redação: Hélio Moreira da Silva
Consultor Internacional: Gerardo Landulfo
Preparadores de Texto: José Gustavo Vasconcellos, Silvio A. Nascimento
Produtor Gráfico: Renê Santos Filho
Atendimento ao Leitor: Manoel Gonçalves Coelho
Arquivo: Ricardo Corrêa Ayres
Secretárias: Loraine de Melo Frey Chaves, Norma da Silva dos Santos
SUCURSAIS
Rio - Chefe de Redação: José Antonio Gerheim; **Repórteres:** Alceste Pinheiro, Milton Costa Carvalho, Tim Lopes; **Fotógrafos:** Marco Antônio Cavalcanti, Ricardo Beliel; **Produção:** Nilton Claudino da Silva; **Editor Especial:** Marcelo Rezende; **Belo Horizonte - Repórter:** Zinho Siqueira; **Fotógrafo:** Amâncio Chiodi; **Curitiba - Repórter:** Roberto José da Silva; **Fotógrafo:** Sérgio Sade; **Porto Alegre - Repórter:** Divino Fonseca; **Fotógrafo:** Lemyr Martins; **Recife - Repórter:** Lenivaldo Aragão; **Salvador - Repórter:** Washington de Souza Filho
Colaboradores: Guilherme Dieken (Alemanha); Jáder de Oliveira (Inglaterra)

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press - Gerente: Miriam Milioni. **Escritórios - Milão:** Laura Censi, International Business Centre, Corso Europa, 12, Phone 02-54-56331 e 54-56212-20122, Milano, Telex: 313585 e 332809; **Nova York:** Odillo Licetti, Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Telex: 237670, Phone: (212) 557-5990/5993; **Paris:** Pedro de Souza, 33, av. Champs Elysées, 2.º Bureaux 213 bis 214, Paris 75008, Phone: 42 25 58 65, Telex ABRIL-PA 660731f
Departamento de Documentação - Gerente: Auta Rojas Barreto
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli

Diretor Comercial: Oswaldo de Almeida Filho
Gerente Comercial: Marcelo P. Claro
Assistentes Comerciais: Herculano Gouvêa Ávila, Rafael Vieira Filho
Promoções: Sebastião Silva
Gerente de Propaganda: Ivo Carlos de Maria
Brasil - Gerente de Publicidade: Jacques Paciullo Neto
São Paulo - Representantes: Antonio Carlos Perreto, Eduardo Vergeiro, Gisela Ostronoff, Neusi Maria Briganó
Coordenadora de Publicidade: Tieko Kuniyuki
Interior de São Paulo: Hélio Scavone Jr.
Rio - Gerente: Mauro R. Bentes; **Representantes:** Guilherme M. Pacheco, Sérgio Pedrosa, Vitor Monteiro
Belo Horizonte: Valter Cruz Gonçalves
Brasília: Gilberto Amaral de Sá
Curitiba: Ângelo A. Costi
Florianópolis: Geraldo Nilson de Azevedo
Fortaleza: Alcysio Canette Filho
Porto Alegre: Elcenho Engel
Recife: Edmilson R. Oliveira
Salvador: Fernando Loureiro
Gerente de Anúncios para Terceiros: Cecil Rowlands Filho
Diretor Administrativo: Marcus Vinicius Ramos Vieira

EDITORA ABRIL
Diretor Editorial Adjunto: Alberto Dines
Diretor de Marketing Publicitário: Julio Cosi Jr.
Gerente de Promoção e Venda de Espaço: Haydée Gomes Guersoni
Diretora de Pesquisa e Análise de Mercado: Sonia Novinsky
Diretor Adjunto de Circulação: Roberto Galvane
Diretor do Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes
Diretor do Escritório Rio de Janeiro: Sebastião Martins
Diretor de Atendimento ao Governo e Escritórios Regionais: Dreyfus Soares

Diretor Responsável: Osvaldo Franco Domingues Jr.

Placar é uma publicação da Editora Abril S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** r. Geraldo Flausino Gomes, 61, Brooklin, CEP 04575, tel.: (011) 545-8122. Telex: (011) 23227, 23322 e 24134, Caixa Postal 2372. Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Administração:** r. Jaguaretê, 213, CEP 02515, tel.: (011) 858-4511. **Escritórios - Belo Horizonte:** r. Aimorés, 388, 2.º andar, salas 201 a 208, CEP 30000, tel.: (031) 224-4855, Telex: (031) 1085; **Brasília:** SCS - Quadra 1, Bloco 1, n.º 30, Edifício Central, 10.º, 12.º e 13.º andares, CEP 70304, tel.: (061) 224-9150, Telex: (061) 1484, Telegramas: Abrilpress; **Curitiba:** r. Fernandes de Barros, 491, 2.º andar, salas 05 e 06, CEP 80000, tel.: (041) 262-8833, Telex: (041) 5278; **Florianópolis:** r. Osmar Cunha, 15, Bloco A, 2.º andar, sala 214, CEP 88000, tel.: (0482) 22-7826; **Fortaleza:** av. Santos Dumont, 3060, salas 516 e 518, CEP 60000, tel.: (085) 224-0410, Telex: (085) 1607; **Porto Alegre:** av. Getúlio Vargas, 774, 3.º andar, salas 301 a 308, CEP 90000, tel.: (0512) 33-2899, Telex: (051) 1092, Telegramas: Abrilpress; **Recife:** av. Dantas Barreto, 1186, 9.º andar, salas 903 e 904, CEP 50000, tel.: (081) 224-0977, Telex: (081) 1184; **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel.: (021) 295-5282, Telex: (021) 22674, Telegramas: Editabril/Abrilpress; **Salvador:** r. Itabuna, 304, CEP 40000, tel.: (071) 247-3999, Telex: (071) 1180. **Distribuidor nos EUA:** M&Z REPRESENTATIVES, 112 Ferry Street, Newark, N.J., 07105, tel.: (201) 589-2794. Ninguém está credenciado a angariar assinaturas; se for procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das revistas Abril de sua cidade. Pedidos pelo Correio: DINAP - Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições.

Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

IVC

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

pinte seus pés com all latex
tenis
tênis
all latex
ALL LATEX Ind. de Artigos Esportivos Ltda. - R. Sta. Virgínia, 241 - Tatuapé - CEP 03084 - Tel.: 296-5699 - Telex (011) 23781 BR ALL

Lufkin®

a medida do seu trabalho

Se você precisa de uma
trena em seu trabalho,
então você precisa de Lufkin. São 15 modelos diferentes, com fitas de aço ou fibra de vidro, oferecendo a você uma trena exata para cada finalidade.
A alta qualidade tecnológica presente nas trenas Lufkin, a graduação precisa e de fácil leitura, o estojo plástico resistente e o retorno suave da fita, tornam a medição mais prática e exata.
O seu trabalho merece ser medido com Lufkin.

CRESCENT® K&F® LUFKIN® NICHOLSON® WELLER®
The Cooper Group Ind. Com. Ltda. Av. Ipiranga, 318, Bloco B
11º andar 01046 S. Paulo, SP Fone (011) 259-6344